

12catorze | edição comemorativa



12catorze | edição comemorativa

Organização

Margarida Silva

António Modesto

Revisão

Margarida Figueiredo

Design

Margarida Silva

Tipografia

Minion Pro (Robert Slimbach, Adobe Originals)

Papel

Super Snowbright PLUS, 90g/m², Hellefoss AS

© Edições Húmus, 2023 e Autores

Apartado 7081

4764–908 Ribeirão —V. N. Famalicão

humus@humus.com.pt | edicoeshumus.pt

Impressão

Papelmunde, Lda.

1.ª edição, Julho 2023

ISBN 978-989-755-912-9

Depósito Legal 518819/23

Este projeto foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Design Gráfico e Projetos Editoriais da Faculdades de Belas Artes da Universidade do Porto, sob a orientação do professor António Modesto Nunes.

12catorze

12catorze | edição comemorativa

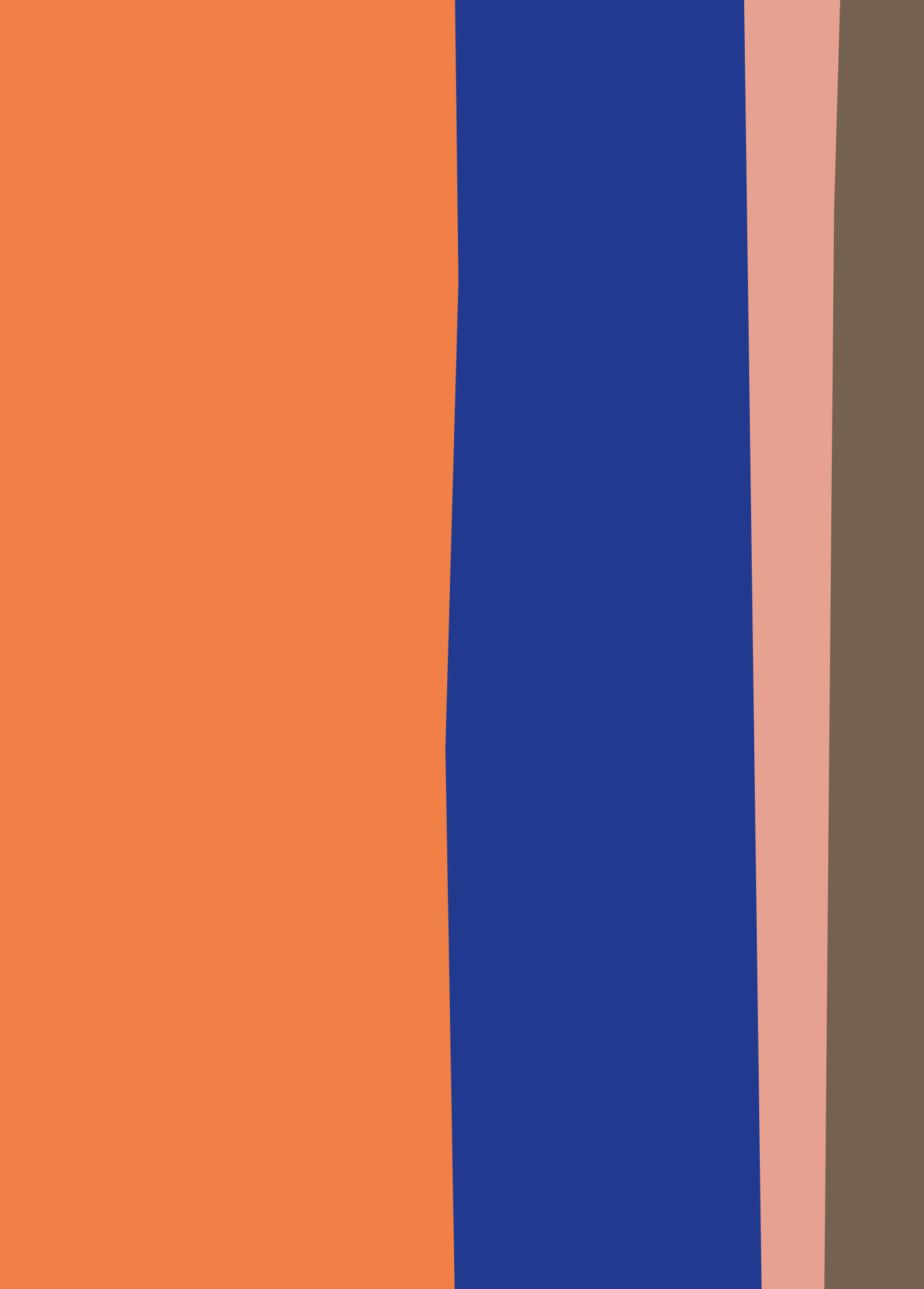
Do sonho à realidade sonhada

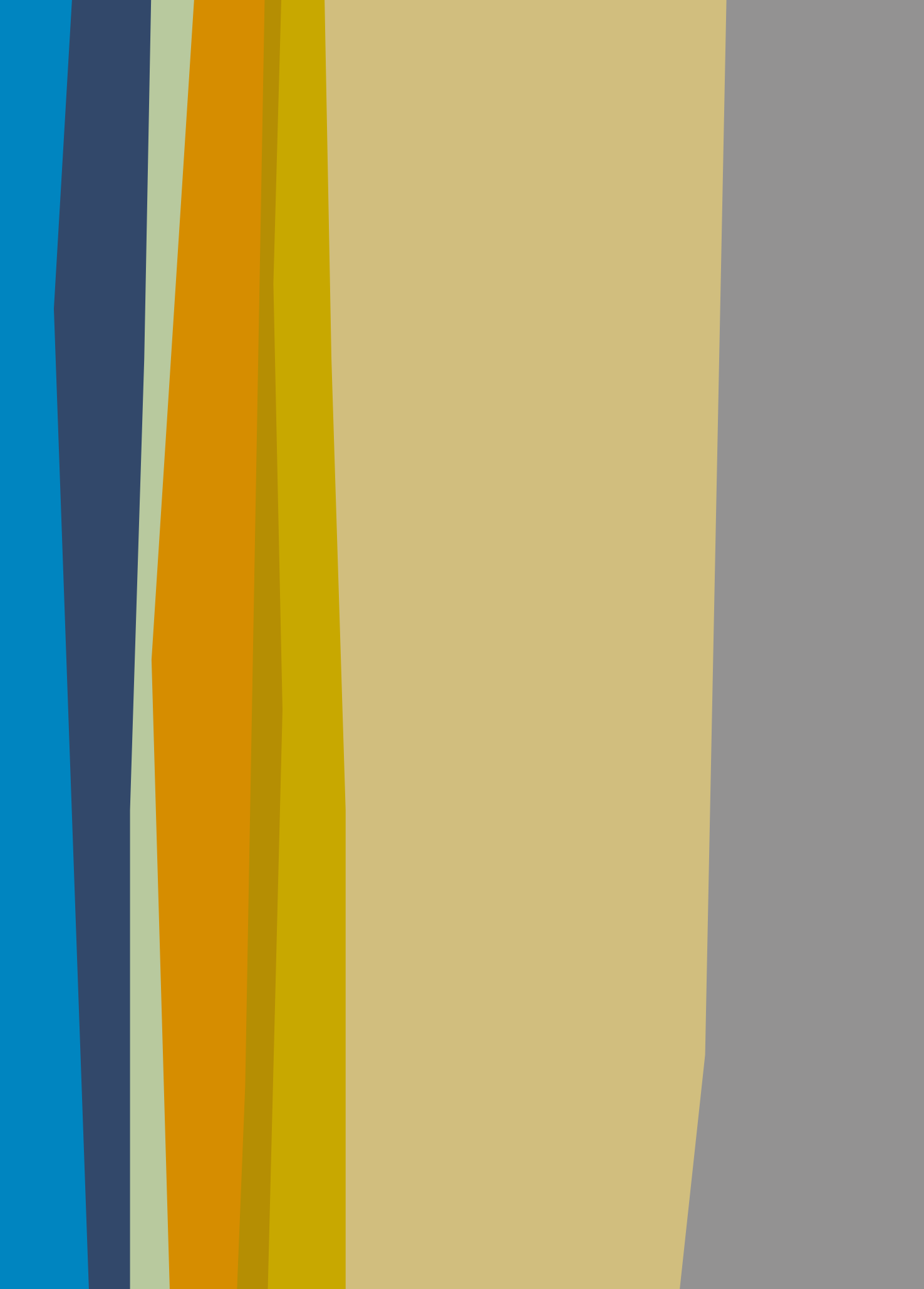
Pensada em Julho de 2019, a *12catorze* deu os primeiros e tímidos passos em 2020, assinalando o seu primeiro aniversário. Depois, a pouco e pouco, foi crescendo a um ritmo suave seguindo as linhas esboçadas, até que entrou num frenesim editorial intenso mantendo sempre “uma via aberta para a cultura literária nas suas mais variadas formas: da poesia ao ensaio passando pelo teatro e pela ficção”. Porta de entrada para autores em início de carreira, com a *12catorzeestreia*, a coleção acolheu simultaneamente aqueles que percorreram já um longo caminho. Devido à quantidade imensa de originais recebidos que ultrapassavam as 60 páginas previstas no início desta aventura, a *12catorze* teve necessidade de aumentar o seu volume, assim se criando a *12catorzebold* e a *12catorzeextrabold*.

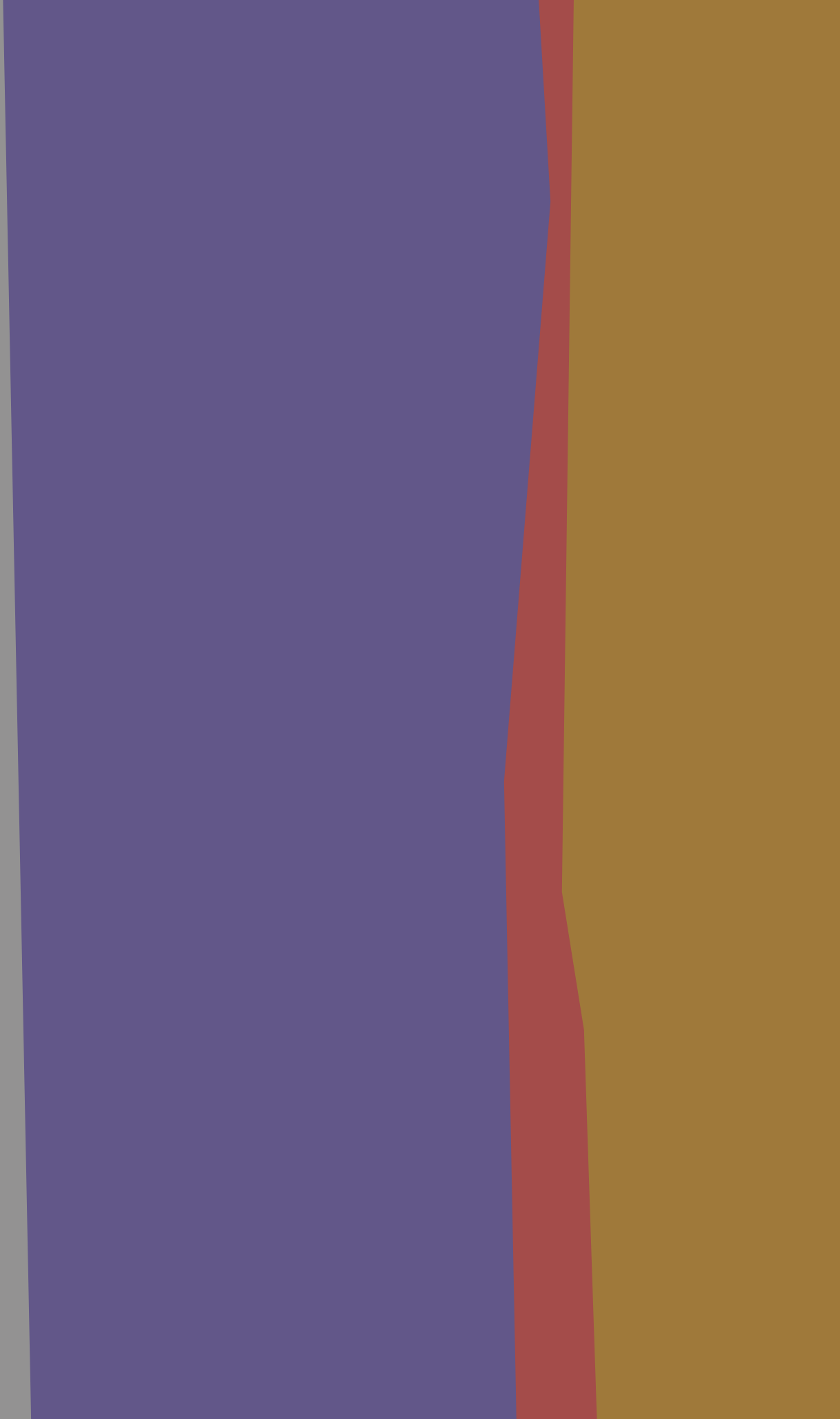
Nesta edição comemorativa reunimos textos, inéditos ou já publicados, escolhidos pelos autores que colaboraram com a *12catorze* nestes últimos três anos.

Agora, o que desejamos é continuar na senda de escritores que se possam juntar a este precioso e já grande grupo de aventureiros que nos enviam os seus originais e que com prazer editamos, sabendo que traçamos um difícil caminho na constante procura da Literatura como veículo para a Cultura.

OS EDITORES







[Onde quer que esteja,]

Onde quer que esteja, a sua aldeia é a sua sombra. É amor, sim. As águas, a montanha, os lumes, o rebanho, o tapete, a flauta, o chá. Todos os dias, ao acordar, é para lá que deita a lembrança. Estar em Berlin é uma sorte, e está agradecido, mas os alemães são tristes e poderosos, ou não são os alemães que são tristes, mas a Alemanha. O mais natural é estar enganado até porque foi bem recebido e tem alguns amigos, mas a língua está muito distante da sua. É na língua que Agah nota a tristeza alemã. É só isso que é capaz de dizer, e que não o levem a mal. Em Berlin não há montes. Há uma pequena elevação com os detritos que ficaram da guerra. Na sua aldeia ensinaram-no a arrancar o coração das ovelhas. Tinha de ser velha ou doente, muito enfraquecida. Fê-lo por três vezes. Três vezes era o número que lhe daria a consciência de saber o que fazia, e de sofrer também um pouco porque nem choque eléctrico ou faca, em golpes fora da sua vista, eram compatíveis com o carinho e a dignidade que o bicho merecia. Fazia uma reza, sentava-se com a ovelha ao colo, e ia falando docemente, enquanto lhe acariciava o peito, arranhando-o até os dedos furarem a pele e entrarem devagar à procura do coração. O que nunca poderá esquecer nem é o arrancar do órgão, mas o quente que sentia do sangue a tingir a mão e o braço, e a cabeça do bicho com os olhos cristalizados nos seus a entregarem o olhar mais brando a que alguma vez pôde assistir, o olhar e o sopro, o último sopro vindo da boca, que a princípio se agitava, mas depois acalmava num adeus que ficava impresso nos lábios de Agah, que se inclinava para a cabeça do animal, beijando-a. Pousava o coração numa terrina que servia o sacrifício há muitos e muitos anos, deitava a ovelha sobre um tapete, passava as mãos na cara, enxaguando-se de sangue e corria depois para o rio onde se lavava. Os seus amigos alemães não compreendem que ele possa agarrar assim um coração de ovelha, mas aceitam-no. Um deles tinha visto, aliás, a degola de uma ovelha antes de um jogo de futebol na Turquia com os jogadores de uma das equipas no relvado a passar a mão no sangue do animal. Mais do que um nómada, dizem os seus amigos a sorrir, Agah é um exótico, e o turco não se importa. Na verdade não é turco, é um curdo da Turquia, mas evita desfazer-se em conversas sobre a sua identidade. As coisas sagradas guardam-se no coração.

Ele pediu ao garçom um pastel de nata. Desistiu do pedido. Pensou em trocar por um rissole de bacalhau. Gostava de bacalhau. Mas não seria isso ainda: haveria de cumprir a promessa que fez a si mesmo sobre nunca mais comer carne. Nem carne vermelha, nem carne branca. E o bacalhau estava incluso. Aquele rissole de milho verde lhe parecia bom e não aparentava estar muito salgado: a comida quando ainda não a comemos está sempre com o tempero perfeito. Olhou o cardápio mais uma vez, e estava a pensar em qual líquido pediria para acompanhar o salgado de milho verde. Divorciara-se do álcool havia dois cravados meses. Seu olho, que já se dirigia sem querer para a carta de vinhos, forçou-se em desejar um suco de pêssego: prometera a si mesmo que não beberia mais. Não que fosse alcoólatra. Isso não. Mas é que já estava na hora de ter melhores hábitos alimentares. Todo sacrifício pela saúde. Estava agora perto do mar. Tinha ido ali porque precisava escrever um artigo sobre o mar. Era poeta. E nos dois últimos meses, jornalista também. Ou melhor, articulista poético de uma revista de arte: é como preferia entender a sua nova profissão. E os jornalistas de literatura como ele, também eram, em sua maioria, escritores. Já trabalhara antes como jornalista num jornal de uma cidade onde morou alguns anos. Sempre preferira trabalhar em casa, solitariamente, do que entrevistando pessoas. Mas o trabalho nesta revista era interessante: precisava fazer dois artigos em prosa poética no mês. O tema era dado pelo editor. Neste mês o tema era o mar. Uma homenagem às descobertas marítimas. Mas não era necessário ater-se às comemorações. Bastava que falasse do mar. A revista era interessante porque lhe permitia ser livre, ou melhor, se alguém puder se considerar livre em algum lugar ou circunstância, seria ali, naquela revista. Nela, ele poderia, se quisesse, até falar mal do mar no seu artigo. Poderia até negar toda a sua importância no desenvolvimento econômico a partir das descobertas marítimas na idade moderna: o seu texto não sofreria restrições nem seria cortado ou limado por revisores ou pela equipe editorial. Contanto que fosse em prosa poética. Comeu o salgado de milho verde, estava salgado. Tirou os sapatos e entrou no mar. Saiu de calção. Mergulhara, molhando os seus cabelos que caíam quase nos ombros. Sentiu o gosto do sal na boca. Muito sal num só dia. Sentiu sede. Precisava sair do mar e procurar água doce para equilibrar os temperos de sua saliva. Mas tinha acabado de entrar na água, não quis sair dela naquele instante. Na sua boca, já começara a sentir um gosto de morte. Pensou coisas estranhas. Pensou que o mar era um ladrão. Um ladrão que lhe roubara as pessoas e depois as tentava devolver em forma de sal. São os mortos no mar que o salgam, pensou. É uma maneira de comer carnes mortas em forma de especiaria branca. E era por isso que os lugares sem mar eram lugares de menos vida. E também de menos morte. Pensou em Adele. Pensava nela e nas suas

correspondências o tempo inteiro. As coisas que ela lhe escrevia estavam cada vez mais presentes. Na última correspondência, por coincidência, Adele havia lhe falado sobre o sal. Ela tinha essas manias. Era sempre prolixa em suas comunicações. Começou a carta lhe contando uma charada quase infantil: disse-lhe que o chuchu é o quarto estado da água. A água. Gasosa, líquida, sólida e chuchu. O assunto da água descambou para o estado das coisas e ela lhe dizia que havia descoberto o estado gasoso do sal. Que o sal era sólido enquanto sal e líquido enquanto mar. E que sempre buscara o gasoso do sal e não o encontrava. Disse-lhe também que sempre acreditou que todas as coisas têm a sua porção líquida, sólida e gasosa. É o nosso poder de compreensão que nos faz distinguir ou não esta qualidade nas coisas. O gasoso de um gato pode ser o seu cheiro como o sólido de um medo pode ser uma porta. E o líquido de uma pedra pode ser a chuva que cai sobre ela. A chuva que é da pedra e que não é de mais ninguém. Sobre o sal não se pensa, se vive ou se come. Está sempre sólido em tudo que nos rodeia. Tempero. Tira o sabor de uma coisa e dá-lhe outro. Transforma-se em vários tipos de sólidos. Faz os outros sólidos serem mais sólidos do que são, com melhores sabores. Ou com sabores diferentes, mais salgados. Esta é a característica sólida principal de ser sal. E ela, Adele, só agora, é que descobrira o gasoso do sal. Disse-lhe também que o sal era o quinto elemento. Porque todas as pessoas têm sal. E que o desequilíbrio do sal era também o desequilíbrio da pessoa. O desequilíbrio do sal era o desequilíbrio do poeta. Disse-lhe que ele escreveria palavras sem tempero se o seu sal estivesse desequilibrado. E que o suor, só existe para que se reponha o sal. Por isso não é só do mar que vem o sal. Também vem dos corpos. Ela disse que o sal também vinha do poeta, também vinha dela. Ele sabia: Adele estava consigo na praia e também tinha ido ver o mar. Só que do outro lado do Atlântico.

Bestiário Íntimo

Alfaiates

Na água do rio que ia
correndo lenta,
os alfaiates exibiam
os seus impulsos como
minúsculos barcos
a remos.

E iria jurar que as suas
patas não chegavam
a tocar a água.

Uma auréola de depressão
levava-me a supor
tal milagre.

Alvéola

Vão elas atrás do lavrador
que acaba de sulcar
a terra, comendo os
vermes nocivos
à sementeira.

Ou poisadas nos lombos
do gado, alivia-o de
parasitas e defende-o
de moscas e moscardos,
mesmo no interior das
orelhas, onde a cauda
não chega.

Convivência da manifestação
dos seres.

Carriça

De cabeça negra, dos mais
pequenos dos pássaros,
canta alto, bem alto,
a sua felicidade.

Cordeiro

O sangue dos cordeiros
fumegou perante
todos os simulacros
cerimoniais e sobre
o pavimento de todos
os templos.

O cordeiro pascal,
purificador do mundo
e régia expressão da
virgindade, brilha em
coroas de flores, frutos,
espigas e cachos.

Convida com sua doçura e
humildade de coração.

Cordeiro de Deus que tira
o pecado do mundo.

Cotovia

As cotovias fazem o ninho
nos trigais, quando
ainda são erva, onde
procuram larvas,
lagartas e vermes.

Sobem verticalmente ao
céu como uma flecha
e penetram no azul
celeste tão lá em cima
que as deixamos de ver,
como se comer fosse
uma oração.

Metáfora pura,
sublimação alada.

Estorninho

As nuvens de estorninhos
relembra-me,
nas suas sublimes
coreografias, que o
desenho é pensamento
em movimento.

O agrupar e desordenar
nuvem de estorninhos
é coreografia
que aprazava à
turba militar.

Grilo

“O grilo de Arquíloco,
que cantava
desaforadamente
quando lhe tocavam
as asas” no dizer de
Agustina era o mesmo
que Bashô referia num
haiku: “Arranco
minhas cãs /
sob o meu travesseiro /
canta um grilo!”.

Como não se trata de ter
um “grilo na lareira”,
aconteceu-me como a
Bashô, ter um grilo no
travesseiro de moinha
no quarto de dormir.
Quando me preparava
para dormir o grilo
oferecia-me o seu
criquilar. E eu
docemente deixava-o
cantar e adormecia.

Música humilde, que por
isso trazia para dentro
do quarto todo
o firmamento.

Guarda-Rios

Poderia ser a propósito
das exuberantes cores
do guarda-rios que
Lao Tse e Chuang Tse
ridicularizaram
Confúcio dizendo
que ele pretendia
pintar a plumagem das
aves, corrigindo
a natureza.

A época da sua postura é
sagrada: acontece
quando estão em
destaque nocturno
as Pléiades.

Melro

As maçãs bicadas pelos
melros oferecem uma
ferrugem particular.
Assim também os
dióspiros esburacados.
Embora “o espantalho
perneta / espante na
mesma / os melros”
e a lua-cheia também
os engane.

I

Escrever um poema não é bordar uma toalha de mesa e dar um título à tua tragédia apenas evidenciará o óbvio.

A verdade:

ninguém quer saber do escuro ou dos esqueletos que dançam nos cantos da casa. O melhor será varrer os despojos para debaixo do tapete: alfinetes, vozes de crianças, flores de compaixão que sabem a chamusca. Ninguém os verá, mas tu sabes que os fantasmas estão ali, cobertos por fatiotas de ironia. E no apogeu da festa, tocar pequenos clarins de dor para anotar na consciência uma doce tristeza na medida justa.

Amanhã é um outro dia que não vai chegar.

É preciso preservar o manuscrito ainda inédito.

II

Ergues uma muralha de árvores em redor de acontecimentos fatais. Do rio correm lágrimas e outras impurezas. Metáforas saídas do espanto, esse gigante adormecido há tanto tempo. Um reino só teu. E porventura nada poderás fazer para protegê-lo das doutrinas que não professas.

Surge uma onda de consternação pelo aforismo óbvio.

Este é o retrato do mundo real.

Um quase-espço, um quase-tempo.

As colinas, os mares, as nuvens, um vazio intolerável e desumano, de tão nublado sobre os telhados ausentes de vento e martírio.

III

A mão de deus curva-se sobre a humanidade.

E nós, de olhos postos no céu, desistimos assim que nos servem uma taça de escuridão.
... é a festa de despedida e fomos todos convidados, sem exceção.

Outras nuvens vestem-se de memórias diferentes, recriam universos a pulsar no espírito das coisas, como metáforas de salvação e outros bibelôs. Espirais de inocência. Os homens e as mulheres são meras esculturas de arte sacra em lugares empoeirados, aqueles museus onde ninguém entra.

Seremos sempre expulsos desse céu antigo, enquanto no templo a contemplação estiver ausente dos mortais.

... e, todavia, sobre a humanidade, deus teria muito a dizer.

IV

Inquietação e um abismo no dicionário da compaixão faziam aparecer as mil e uma noites que ainda faltavam para voltar ao início.

V

O tempo é ilimitado em si mesmo, mas não em ti próprio. Percecionas a consciência unilinear que não alcanças, tu que ainda vives de fora para dentro.

Se parares o tempo paras o mundo das coisas, porque o tempo e o espaço são a mesma totalidade. Se parares o tempo, verás o futuro. Se parares o tempo sentirás a potencialidade infinita da vida:

o não-tempo como afirmação da tua humanidade, a duração infinita da semente do universo em ti, tão demasiadamente humano.

... se.

Kant canta enquanto
Chove a cântaros
Na *concha de tu madre*.

Perdura
Pele dura
Carne aval
da Sé, pus, turra
ao manguezal
Postura.

O edificio —
Quem disse que seria fácil?

Estroina trovador pedicure
A vida ganha aos pés
De homens tronchos
Não sobra Estética

Sangue, bicho, risco
Lanho, ranho, Estranho,
Palude estrume banho

O mundo são sinais
Nossos olhos, sinaleiros.

Os poemas não gostavam do meu bairro.
A miséria era um arranha-céus,
por isso, quando me perguntavam onde morava,
dizia,
Nova Iorque.

Havia homens com vinho no lugar do sangue.
As mulheres cheiravam a um velório eterno.
As crianças diziam coisas
que os carteiros desconheciam.

“Os políticos são cartas sem código postal”.

Os economistas, esses passavam o tempo
a trocar as moedas lá de casa por vazio.

Os meus pais detestavam correspondência,
trazia convites para o tribunal.
Depois vinham polícias e algemavam a casa.

Nós saíamos.

Já não havia telhado,
as paredes ficavam sem gritos
e os santos podiam espreitar-nos o património.

Perguntava,
como se fecham as portas ao ácido?

O meu pai parecia um hospital,
tinha aflições.
Havia mofo nos seus olhos.
Eu com os dedos
desenhava uma ideia larga,
segurava-lhes o pó.

Não entendia
se as estações são quatro
porque era sempre Outono na minha mãe.
Nela tudo caía.
Os dias tinham sido
muros que se confundiram com pássaros,
nuvens interpretadas como asas,
pólen com a colmeia deprimida.
Quando as lágrimas transbordavam,
a sua face ficava um rio
e eu
deixava-lhe beijos como barcos.

O tempo meteu-me no naufrágio.
Não controlei as rédeas ao vento
e bem dizia Sylvia Plath,
a voz de Deus está cheia de correntes de ar.

Agora sei,
o Outono é bilhete de identidade,
fala legalmente de muitos corpos.

tardava. o vento. a chuva. um céu desnorteado. aos encontrões. na clarabóia.
estamos encurralados. meu amor. eu. nesta tarde
cabisbaixa. colado à voz do Tom Waits. tu. sabe-se lá onde. talvez a contar
os feixes de um relâmpago. ou a sacudir. o pó dos livros. contava. contigo
hoje. àquela hora. em que o tempo é mais bravio. e as folhas fustigam as
vidraças. contava contigo. para calafetar janelas e portadas. só a clausura do inverno.
liberta. dizias virada para as nuvens.
deitava os teus cabelos. no canto encerado da mesa. cabelos alongados no reflexo
do espelho.
dedilhando um a um. como. um exímio tocador de cítara.

IV

porque queres saber
o que em orquídea sabes

durante o caminho para a libertação
no lugar da filigrana do pensamento
desbolbar-te-ás
em floco de gelo
e em sequência de razão dourada
nele incrustarás todos os átomos

os do corpo e os da mente
os do coração e os do Espírito

e assim labyrinthizado
volver-te-ás padmavyūha
invencível e inexpugnável
incompreensível e indecifrável
rodopiando na imobilidade
da força de todos os círculos de fogo

plasmear-te-ás
na evaporação das construções
do não-espíngulo
e os ecos de todos os afagos
esvair-se-ão do mapa tonotópico
nebulizando-te
no despertar lévulo do Espírito

em labirinto
delineado com os lábios dos teus pés
sentirás o cálice da Orchydea
mas apenas com o olho da nuca
olharás para trás
e por cada volúpia
cairão folha a folha
todos os sopros da espera

e sorver-te-ás em fortaleza
imperturbável
do que nunca pode ser vencido

agulhar-te-ão os urros
na flor evaporada e já invisível da pele

e porém
não estremecerás
reconhecendo como mater óssea
o que sabias em precipício

e impalpebrejante
em labirinto volátil
de crepitação azul
serás uno
em fálha de gelo
e floco de fogo

Démodée

Sou simpática, sou gregária, social, amiga, não tenho inimigos, não quero que não gostem de mim. Sou otimista, creio que um dia o copo transbordará, penso que a espécie não é intrinsecamente má e que é até uma espécie como outra qualquer. Sou disciplinada, sou moderada na indisciplina, não escondo, não faço mal a uma mosca, choro de medo dos insectos. Sou lúcida, recolho e acumulo todas as minhas faltas. Não mando à merda, não mudo de passeio, não viro a cara para não cumprimentar, se vejo na rua um cabrão digo-lhe olá e fico bem na fotografia. Sou fotogénica, amena, agradável, não sou dama fatal. Fico a pensar no que disse, não quero pensar o que penso, penso quase tudo o que digo e digo o que penso querer dizer. Engano-me todos os dias. Sou política, mas silenciosa, tenho horror à imitação. Não abdicó da sintaxe, não abdicó da clareza, não é uma escolha minha, é o meu único dever. Rio da minha figura, tenho espelhos em casa. Não me sei vestir, não me sei calçar, sou feminina, não sei o que é a feminilidade. Sou confusa e clara, quero ser despercebida e desaparecer. Tenho medo do meu entusiasmo, tenho medo de não conseguir dormir. Sou tímida, não sou introvertida. Sou frio ao passar debaixo de postes, semáforos, árvores portentosas. Não dou para doida ou bêbeda, e tenho ainda muito medo. Sou muito má para mim, menos quando escrevo.

Pleura

A voz guardada

procuro a voz guardada ou em guarda Onde se não ouve
murmúrio invenção insegura Tronco amarrado à terra
em queda os versos tropeçam nas escadas
Sobem pelo interior da garganta e soltam-se como as gotículas
um vírus Nossa respiração incomum

à morte sobrem a vida neste poema Que já mal respira

Self-portrait (excerto)

V.O. Podes-me dizer o teu nome?

ANA Ana.

V.O. Apelido?

ANA Mendes.

V.O. Onde é que nasceste?

ANA Tomar.

V.O. Onde é que vives?

ANA Londres.

V.O. Qual é a tua nacionalidade?

ANA Portuguesa.

V.O. Cartão de identidade?

ANA 10052662.

V.O. Número de Segurança Social?

ANA 1132476468.

V.O. Número de contribuinte?

ANA 20558412.

V.O. O teu número tem de ter nove dígitos, por favor.

ANA 205584128.

V.O. Conduzes?

ANA Sim.

V.O. Carta de condução, por favor?

ANA 704388170.

v.o. Tens carro?

ANA Sim.

v.o. Alguma vez tiveste um acidente?

ANA Sim.

v.o. Quantos acidentes é que tiveste?

ANA 6 ou 7.

v.o. Quantos acidentes é que tiveste?

ANA 6 ou 7.

v.o. Tens carta de condução?

ANA A culpa não era minha.

v.o. Voz-off. Voz masculina, pré-gravada.

ANA Ana Mendes

Lição de trompete

Naquela tarde, Joaquim deitou-se de bruços no chão da cozinha, e com o queixo descansando sobre a mão esquerda, pôs-se a contar as voltas das rodas do caminhãozinho. Do outro lado da parede, escutavam-se uma e outra vez trechos da sinfonia *O relógio*, de Haydn, que o aluno das três e meia ensaiava com Silvio Naranjo.

Nas idas e vindas sobre as lajotas brancas e pretas, Joaquim imaginava-se chegando com seu trompete ao estúdio da rádio Carve, orgulhoso de ser quem era no mundo do jazz e do mambo, como seu pai, a quem sempre acompanhava e assistia sentado na primeira fila. Imaginava-se correndo o mundo com a dupla *Naranjo's Swing*, ou talvez se juntasse com seu tio “el Cacho”, que tocava saxofone em Buenos Aires e, de tempos em tempos, atravessava o rio para se apresentar na Rádio CX 10 e derreter os corações montevidéanos cantando com um sedutor acento caribenho.

O tilintar do pequeno sino da porta da rua devolveu-o ao chão frio. O aluno ia embora. Deu a última volta ao redor da mesa e estacionou o caminhãozinho em uma lata vazia de biscoitos *Maestro Cubano*, deitada sobre a lajota preta entre o armário e a geladeira. Outra vez o sino. Chegava Alfredinho, o aluno novo que tinha estreado seu trompete havia pouco tempo. Era a hora de se preparar para a lição. Joaquim pôs o banquinho entre a mesa e o fogão. Com cuidado, tomou a caixa de sapatos que todas as quintas deixava sobre a mesa. De dentro, tirou o trompete que seu pai havia fabricado com pedaços de lata, numa tarde fresca sob a parreira do pátio. Era um instrumento digno de fazer sonhar qualquer criança, completo, com bocal, pistões, e tudo mais.

Em um cuidadoso ritual, lustrou-o com o pedaço de tecido estampado de margaridas das sobras de costura de Ofélia, sua mãe. Tornou a dobrá-lo e colocou-o dentro da caixa, ao lado do velho cone de linha que usava para abafar as notas imaginárias. Com gestos de futuro músico, a campana apontando para o alto, Joaquim levou o trompete aos lábios. Ouvidos atentos ao metrônomo. Com a ponta do pé direito à frente, marcava o compasso. Quando escutou que Silvio chegava ao quatro, atacou junto com Alfredinho.

Em seu pequeno mundo, Joaquim cantarolou as escalas ascendentes e descendentes com os lábios colados no bocal. Tão grande era seu entusiasmo, que por momentos improvisou *solos* sem prestar atenção ao que acontecia do outro lado. Interrompeu apenas para sufocar o riso quando Alfredinho errou, e Silvio o obrigou a repetir várias vezes o exercício, depois de um belo sermão que terminou em “se o senhor não estudar o suficiente, nem me apareça mais aqui!”.

A hora sempre corria mais rápido que o relógio de Haydn. Era o momento de guardar o trompete na caixa de sapatos com o mesmo cuidado de antes e tornar a se debruçar sobre as lajotas para tirar o caminhãozinho da garagem. Assim o encontrou sua mãe, terminadas as costuras do dia, enquanto Silvio despedia Alfredinho já no portão do jardim.

Era sempre mais ou menos daquele jeito, mas naquela quinta aconteceu algo especial. Por alguma razão desconhecida, Alfredinho deixou o trompete na casa do professor. Silvio aceitou guardá-lo com a condição de que voltasse no dia seguinte, e nem mais um dia, ou ele achava que deixaria de estudar uma semana inteira? No entanto, talvez pela tempestade da mal-humorada Santa Rosa, o aluno não apareceu para buscar o instrumento.

Joaquim estava proibido de se aproximar do trompete de seu pai, mas ninguém havia dito nada a respeito de outros. Era a ocasião perfeita para experimentar. Esperou a hora da sesta e desceu a escada com passos de gato. Esfregou as mãos como um bom vilão e aproximou-se do estojo inquietante que repousava no canto da sala. A primeira coisa que fez foi sentir o peso do trompete entre suas mãos. Aquilo sim era um senhor instrumento. Só então colocou o bocal. O primeiro som saiu como um miado. Olhou ao redor e esperou. Não tinha muito tempo. Se a mãe acordasse, temia não poder alcançar o *mi* antes de que lhe arrancasse aquela joia das mãos.

A casa continuava em silêncio. O bocal era um pouco grande, difícil de ajustar nos lábios. Foi do *dó* ao *si* e, do alto do pentagrama, correu de volta até o *dó*. Das comportadas escalas, passou à improvisação, como fazia com seu trompete de faz de conta. Assim esteve algum tempo, sem perceber que Ofélia o escutava, de braços cruzados e com semblante de sesta interrompida, descansando o ombro no arco de entrada da sala. Surpreendido, Joaquim deixou de tocar quando ouviu o aplauso entusiasta nas suas costas. Com carinho, Ofélia se aproximou, tomou-lhe o trompete das mãos e guardou-o no estojo.

— Nenhuma palavra sobre isto, certo?

O menino prometeu guardar segredo. Sorrindo, ela prometeu falar com o pai sobre o seu talento. Logo foram à cozinha para selar o pacto com achocolatado e alfajores caseiros.

Naquela noite, enquanto Joaquim dormia, Silvio Naranjo soube que o menino sonhava com ser trompetista. Sentado nos pés da cama, ficou pensativo, com o olhar distante... a atmosfera do jazz, o êxtase do *solo*, a glória do aplauso. Lembrou das noites

sem dormir, as semanas sem dia, os dias sem hora e as ausências (como no último final de ano, em que chegou em casa quando todos já dormiam, porque as pessoas têm essa imperiosa necessidade de começar o ano redemoinhando-se nos bailes dos casinos e hotéis). Ao cabo de alguns instantes, enquanto abria a cama e acomodava os travesseiros com irritação, pronunciou um rotundo *não!*

Ofélia não insistiu. No dia seguinte, durante o café da manhã, quem se atreveu a insistir foi o próprio Joaquim: “Se o senhor pode ser músico, eu também posso”. A partir daquele dia, o menino começou a ter lições de trompete do outro lado da parede, enquanto o caminhãozinho o esperava na penumbra da lata de biscoitos. E cada vez que Silvio perdia o método *Arban’s* para trompete com o qual ensinava, sabia que o encontraria no quarto de Joaquim, entre as revistas de ficção científica “*El péndulo*”.



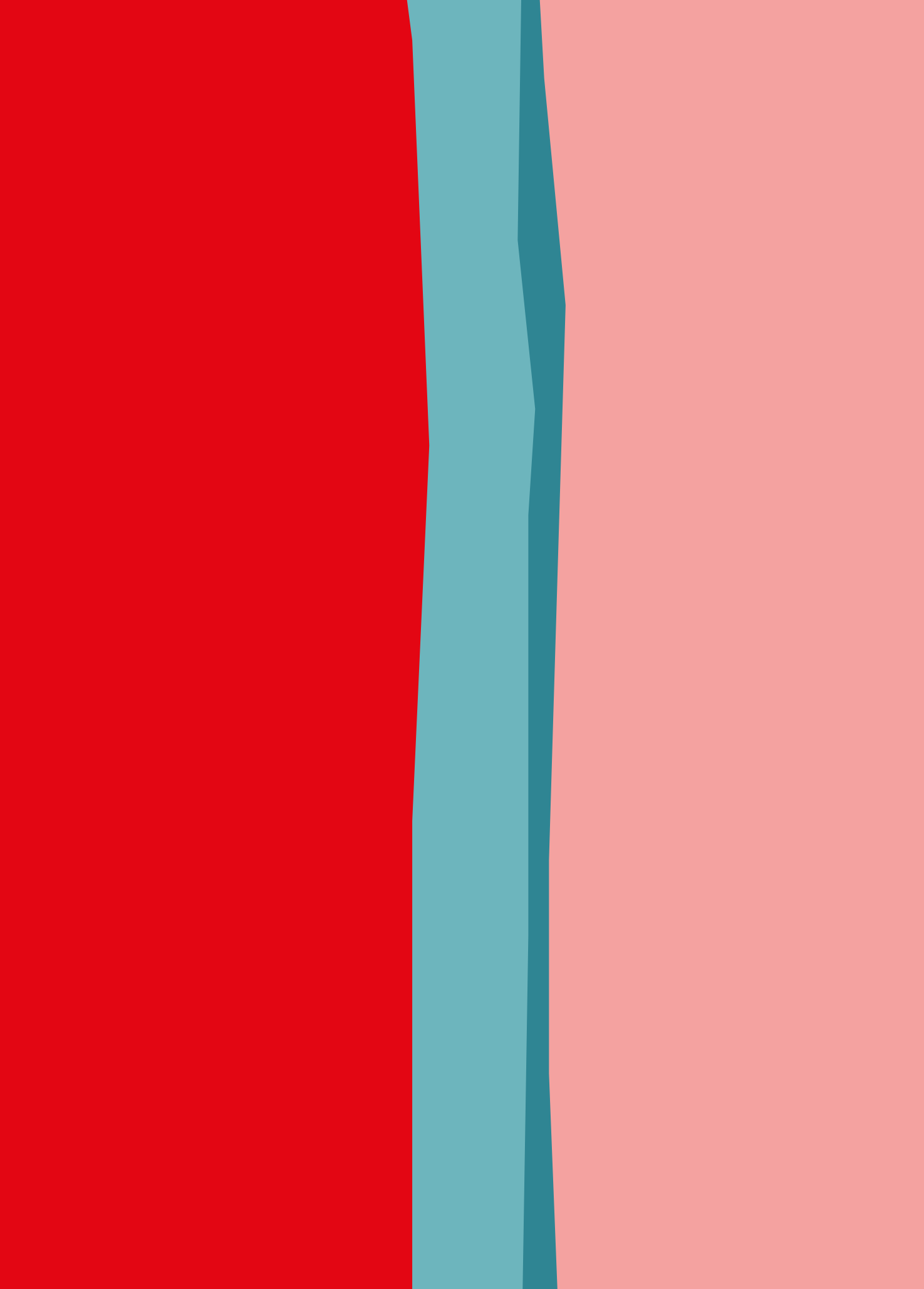
A tirania das fontes

O que eu tenho a dizer sobre a tirania
das fontes? Que tardava.
Ei-la, ao cimo de esbeltas pernas de bronze
e encaixada num pomar penugento

e clama por Deus ausente
e por uma vara não-sequencial
que vogue aos estímulos sensoriais
e ao sabor da música das esferas que Harpo

Marx inflama tocando harpa
no útero das nove musas.
E que eu seja indigno, meu amor,

se meiga e selvaticamente não for
aquele que descalça o caos na carne
ao sobrepor o teu nome.



Virgílio Martinho
[1928-1994]

tinha dentro dele um carnaval
e uma taberna
num recanto do seu peito havia sal
e samba
noutro brilhava um alfange de aço fino
tinha nos ombros colchas vermelhas
e à cintura um punhal e um bailarino
passava pela multidão a rir
e atravessava os casinos
em cima de andas
rodeado por panos e cortinas
levava na mão sinistra
um cálice de veneno
e na outra um citrino branco
tinha na cabeça um teatro
e um fantasma de serpente
punha no palco uma lua cheia
vestia-a de renda
e punha-lhe no cabelo um pente
repetia tudo com muitas colcheias
chegava em cima dum barco
dando voltas à plateia
e enrolando uma cobra ao pescoço
era uma elipse das areias
um arlequim de púrpura salgada
um bárbaro sem calças
uma criança louca
um bailarino e um cornetim
usava calça de cartão e fecho de fraque
desfez orquestras e desportos
bebeu marfim
comeu chumbo a ferver

anunciou espectáculos
regeu esqueletos e revoluções
converteu esferas
rolou cadáveres
e mastigou canhões e alfinetes
andou na cúpula do trapézio
e enfrentou o perigo em queda livre
sem rede nem almofada
foi um folião de saia a correr na pista
deu tudo o que tinha
capa chicote bomba e relógio
deixou apenas em herança uma festa
um gnomo uma barbatana
e uma palavra vindicativa e reverberante

(a Manoel de Barros)

os livros são moldes na oficina de oleiro. giram palavras entre as mãos, afetos no musgo da pele. nudez do silêncio a ser pedra.

na lisura de folhas de palma, com rugas de letras conversando. no dorso de barro, a fonte tem água que chora. ventre de cântaro no rumor de roda que ri. folhas de junco a bater nas paredes de pedras que giram

inquietas. o sal das mãos gasta-se na roda de oleiro...

a janela da oficina encerra para os ventos,
num olhar de espanto de uma peça de barro



Existência

Foi o título final dum livro
Foi o livro escrito para ser grito?
o poeta tem seu nome na capa azul
em, como convém, alto relevo.

Ensinou-te muito e da poesia
praticamente tudo Um dia disse-me
diz não ao fácil A linguagem
dos tercetos e dos decassílabos

é difícil e só a sabe quem, mudo,
no palco linguístico constrói
seu mundo sonoro de sentido Devo a imagem
do poema ao que mentalmente delimito:

existimos decerto no acto
de reaprender como era quando,
em criança, dizer «não» nos definia
como essa palavra total do título

do livro, o teu, como lei, relido
sem que hoje eu saiba a mensagem
absoluta de *Existência* (sinto
porém a poesia dele como sinal do mito

inicial que fez do muro
um universo
exemplarmente dito)

a meia dos cardeais

1
não é com abstinência
que o elefante levanta a tromba
é com a displicência
iluminada pela sua vasta orelha

não fosse o papa ordenar
o silêncio nas mesquitas
e podia ouvir-se um oboé
junto à casa de pasto
onde pasta o paquiderme

2
o mar nunca dá a resposta
que a baleia quer
é uma questão metafísica
é a interrogação dos astros
quando um determinismo de merda
questiona a origem do universo
à procura do fim das desigualdades
com a lentidão da seiva
a descer pelas falésias

3
o que para o caso
não interessa absolutamente nada
pois uma garça amplifica o pescoço
buscando uma companhia amiga
com proezas ao longo da estrada
num circo ao volante

4
até se ver a meia roxa dos cardeais
na ferrugem do claustro
onde escondo o retrato
da minha avó materna.

Eis que um Deus irremediável
desvenda os seus planos
a prova não é um tormento honroso
à escatologia
é uma castanha meia verde enrolada na língua
“Meu Deus”
mas a castanha agora entre o verso dos dentes e a bochecha fala por si própria
duplica a sua verdade e enche a boca
e qual foi o erro de antecipar o Outono
ou se isso merece avaliação posterior ao facto consumado não foi revelado no relatório
médico.

Três cigarros no rasgo do bolso como judeus no armário
enquanto a gestapo — a esposa — circunda em suspeita
e um dos pequenos chora na sua garganta a cada inspiração como gato de rua
mas não és humano
não és
se não adivinhas a falta de diligência num trabalho absurdo
ou julgas que os cães ladram a todos os intrusos
que circundam o quintal
que não há outros a lavrar-te a seara?

Três passos nos três degraus
a bengala a servir o pé
o braço a servir a bengala
assim se faz a justiça dos homens
a Rita do Paúl à porta acena
e de pensar que a minha mãe
Deus a tenha
me queria na namoradeira da Rita do Paúl
o cigarro que veio como amigo da guerra
as costas agora arqueadas ali encostadas sem misericórdia
das frestas do granito
não julgo sábio desperdiçar um dos poucos cumprimentos que me restam
a um amor passado

como quero o cabelo no enterro
se tenho cigarros para ir ao Abílio tratar disso.

A penitência a penitência a cruz da igreja o ato de contrição
o meu querido pai e um golo de vinho azedo por cada azeitona
a borrarria nos pés a defraudar as intenções de Dezembro
e ali fino como uma vide eu olhava a janela
descobrimo vultos na esgrima dos ramos
nas convulsões dos seus pequenos dedos
o medo o vento o inimigo
eu já longe da janela de casa entregue aos meus desígnios
e o vento a apagar todos os fósforos
o meu amigo de guerra sem guita

que sarilho foi este em que me meti
a minha Maria viuvada ao menos não precisa de avental preto
não sou o primeiro a morrer-lhe
Adenocarcinoma dos pulmões
pequeno como um xíxaro mas ambicioso
o inimigo deu tréguas e foi a guita de um amigo e um pedaço de bigode
nemesi o vento
a seu tempo ignorará os meus braços
há aqui algo omissó aos castanheiros
algum pacto pagão
alguma castanha pregada à língua
ou será um dióspiro fora do tempo
um figo leitoso
ou verdade de outro caracter?

O Zé encostado à porta da tasca mais cacho que homem
devia beber de graça
segura as paredes com as costas
e se a mulher sonhasse
não vinha destrató-lo de vassoura em riste
o almoço negligenciado a cheirar a bispo

o sangue de Cristo a macular a camisa do Zé outro vinho a manchará mais tarde
quando Zé decidir demitir-se de ser pedra angular
do rasgo do casaco um cigarro para o Zé
que parece precisar de um amigo
e o vermelho
“não deixes a fachada cair”
mas a castanha arranhou a garganta
e as vides da videira do meu pai
a fazer ver que a voz é hoje em dia uma guerra
temo dizer amo-te à Maria
rasgar o odre e perder de vez a minha colheita.

Sobra um cigarro para ir ao Abílio
quero ir bonito como na foto da tropa
em cima da lareira
caso
amanhã o lençol acorde da cor
de maçã madura
e eu não.



Da rosa

Sentados
à esquina do mundo,
só nós vemos o horizonte
em brasa,
uma linha suspensa
a estreitar a planície
sequiosa.
Só nós vemos a última onda,
a que se cola ao céu
e esbraseia o pôr-do-sol.
Só nós vemos, nas coisas,
o amor,
o amor inerte,
o botão da rosa.

Inominável

À Maria da Saúde

Trazes contigo notícias da chuva
e a surpresa dos dias de água.
Nas terras, dizes, a humidade estendeu-se
afogada, espelhando o céu.

Trazes a mancha dos nevoeiros
cerrados sobre as manhãs,
fumos cinzentos de mágoas
e a vaidade inclinada dos veleiros.

Trazes a secura da fome
e a inquietação das brumas,
o suave madrugar das aves
e o que ainda não tem nome.



Carro

ligar o carro
andar nas labaredas do asfalto
que me alimenta a paisagem banal dos dias

partir em direção ao monte
ao cume da montanha onde
pairam as nuvens de versos
assim que meto a mudança

nunca marcha atrás na vida

sim
cumprindo os limites de velocidade
mas alimentando-me da vida
sempre com a desgraça na carteira

abri-la
retirar de lá os cêntimos que a poesia dá

subir mais
até conhecer a estrela que és para mim

e depois
já cansado da travessia quando na noite
residimos com medo que o escuro se enfureça

saltar do carro em andamento
isto é
saltar da berma

e descobrir que o que nos falta nesta vida
é gasolina

hel mutation

1.
Helmut maravilhado no azul da noite
mede a extensão da anca
bailam a seu lado
manequins de vida lustrosa
e suave,
borboletas esparsas
e espessadas, horizonte de gâmetas
ascendendo à erecta erudição dos juncais
fardados a sinalizar o perigo
de nos mantermos fiéis ao gosto dos demais.

De sua cabeça e vestes sobressai o encaracolado
dos genitais, fortes e sadios, ciosos da sede
em bocas iluminadas pela febre que coagula
na flacidez da origem, condenada ao parto
e às iguarias que em cestos nos recordam
as festas populares de um verão circunspecto
às mordomias das gentes do circo,
num encanto de moedas a bater nos bolsos.

Pela corda que estica Helmut calcula o precipício
dos que em terra pasmam de boca aberta.
Ele, feliz, carroceiro e calaceiro, vomita-lhes fogo pela boca
até que acordem! “*Helmut, Helmut*” grita espavorida a assistência
até uma catraia gritar “*Helmut, Helmut, meu amor, não caias!*”.

Helmut estaca na criança e sorri.
Começou um grande amor para sempre.

Compra uma avioneta, ainda passeiam pelos ares
sem o estorvo da matilha.

Voa Helmut, voa, contigo a criança se mova!

Poderás dar-me uma asa?

Quaresma

será por fala bárbara que o balbucio chegará.

— Isaiás 28,11

(Ontem minha mãe morreu, assim me deu
 A notícia um qualquer um, foi pelo
zoom: quem pode se dar ao luxo
 de descer as escadas? Causa mortis:
 pulmão, ninguém sabe explicar ao certo
 se apresentava sintomas ou não,
 também pela idade, menos pra cá,
 mesmo estando deitada pedia para
 se deitar, andava confusa, como
 se diz, sei lá, ainda suspeitaram
 do coração inchado, talvez, sem nenhuma
 alusão a dita cuja indesejada
 que está convidando-se por aí; pode
 ser pode não ser, tudo isso faz-me rir,
 tudo isso significa nada. Ontem minha
 mãe morreu, o enterro será hoje, não irei.
 Teria que viajar e fecharam
 estradas, apenas sirenes conseguem
 trafegar. Mandamos ao hospital
 com problemas nos rins e voltou de
 lá assim, em uma notícia de
whatsapp. Ao menos um pequeno
 saldo: velório não terá, nada de
 ter que lidar com meus irmãos. Há muito
 haviam abandonado a velha nas
 minhas costas, ela não visitavam;
 nem só de dentes, coitada, era banguela,
 mas de prole, músculos e idéias, e
 ainda mais, dizem, cega de memória:
 seu corpo em precoce decomposição.
 Até deu na imprensa, pode acreditar,

estão abandonando velhos nos presídios
do Japão, cometem pequenos delitos
para não morrerem solitários vão
ao regime de reclusão, arriscam,
vai ver, uma amizade, um amor, um
cuidado, quem sabe até mesmo uma
aventura com direito a cliché de
filme pastelão, na velhice ainda um ato
de graça, como se diz, ou cantam.
Ontem minha mãe morreu, e daí? Isso
significa nada, sou santo mas
milagres não faço, de mim poder
não vaza. Ia morrer mesmo, era esperado;
que mais querem? tenho deus, povo, e a força
ao meu lado, acima de tudo, acima
de todos, pisando até esmagar a
cabeça. O que não pode é a vida
parar, as pessoas de braços cruzados,
esperando alguém pagar a conta, não
dá. Se tem fome coma do pombo mesmo
que prematuro, antes do verão, cace e
logo a mão já o devore. E se asqueroso
vômito lhe precipitar a boca,
não desperdice, por murcha ostentação,
limpe a mesa suja até última gota,
violenta enfática com aqueles
que nos acusam de fazer da perfídia
uma morada: a morte que é nossa
profissão de fé e prática.)

O coração do poema
vibra ao compasso incerto
de fragmentos da memória
levantados em revoada por corpos
em seus movimentos oscilatórios
presos uns e outros de serem mais
de estarem mais para além de si próprios
desejo ora escuro ora luminoso
ora incandescente
de alquimicamente volverem palavras-pedra
o coração do poema pulsiona infinitos de morte
e faz tábua-rasa do benquistado cervical
o coração do poema aguenta aguenta e explode
internamente e produz uma inescapável tensão
volvida energia em fuga por todos os órgãos
à flor de pele
a emitir o vigor de dar mundo ao mundo
o coração do poema
é o coração do poema
grande contraditório
generoso falível
coração do poema

(o coração
do poema
extenua-se
e recupera
sempre)

Há uma flor de cansaço
talvez uma rosa suspensa
rosa de pedra inviolável
rosa de pedra pedra-raiz
fortaleza inexpugnável
resistente às palavras
uma rosa calcinada
a viver a sua vida
sem cor ou espinhos
a pairar no tempo
rosa inomeada rosa

1.

Vem a manhã a galope, que a chuva não mais parou,
desceu a encosta até ao rio e arrastou a terra que o lavrador revolveu.
Resolveste alinhar mil versos, cantigas de amigo, cantigas de amor,
dois corações dispersos, um terceiro que se aproximou. Toca o sino da capela,
segue o comboio num vagar, vagões de olhares serenos, sementes de um novo lar,
desalinho da névoa que tece este lugar. Moemos as idéias na madrugada,
movemos o chão pelas sereias, despimos a montanha sem nada dizer.
Apenas o olhar, de quem ama o filho desejado,
de quem clama no fundo da poesia a identidade em busca do corpo,
o organismo que é umbigo, placenta, útero, ventre que ocupa o amor.

2.

Nesta noite de céu escuro a ilusão desvaneceu.
O teu suspiro último atrasou-me a crença, estava ao teu lado
e a tua mão fria deixou de pousar no meu ombro. Estavas de partida,
com o silêncio de quem já perdeu a existência.
Onde está a imagem do teu rosto? As formas, as linhas, os traços?
Quando o corpo de uma cama para uma maca,
como número de estatística para enterrar percentagens,
obedece ao procedimento comum, choro: movimento gélido,
penumbra de um sono que perdura. O retrato é a saudade
que vinca e apetece-me a vingança. De lança na mão direita,
atirar ao calcanhar de Deus, mutação de Aquiles num poeta menor,
fazer o estrondo do mundo, estilhaços de sangue divino
à velocidade do som atingindo a aurora boreal.
Persigo o auroque para um sacrifício final: oferecer um deus aos homens.
Ele que desça à Terra e confirme o falhanço que é esta invenção chamada humanidade.

3.

A espécie que domina avança pela floresta.

O tempo aquece e a arte floresce.

O esplendor datado mostra a fertilidade.

Contempla Magdalena o Homem de Piscos,

apaixonada ou não, exagerada forma, mudança radical

no recanto inacessível do universo. Por isso descemos

à Canada do inferno, ou subimos pela escadaria

até ao purgatório da miopia. Alteração ou alteridade

na ideologia colectiva do poder, antropomorfos

registam-se nos limites da obediência,

já sob hierarquias controladas, decididas nos corredores,

entre trevas e trevos da sorte. Faz-se a fábula ideal,

homens-animais, bestas, anjos animais e deformados,

traços distantes da realidade, destroços do ataque feroz,

fingimentos com lava, a safra no pão desperdiçado,

a lavra dos campos abandonados. Desato o nó do silêncio.

O grito absorve-me o músculo, sintoma na cronologia,

assimetria de cinza, que afoga régguas nos colos,

régguas medidas nos calos, abalo sísmico na ruptura

de uma ruga decantada. A voz da minha mãe chama,

vou em passos leigos pelas ruas da infância,

acenando ao deus menor que me desvia os pensamentos.

És tardio com o punhal da revolta, para cortar a raiz pelo mal,

manifesto da independência - quando eu nasci o mundo já estava moribundo.

rosa extremófila

igual que as nuvens seres são
decididamente animados, são
nem fixos nem voláteis, ágeis,
e não desaparecem, mudam
em coreografia cósmica em volta
da vaga respiração da terra,
assim vou respirando este planeta
em chamas também de ti, expelindo
-te no alento das palavras faltares,
com a simplicidade dos gases, con-
densando ar nesta área aérea, coroas
incandescentes como rosas ébrias
no inferno praticável em que piso

dizem que todo poeta fala
do sentimento da solidão,
e escreve na solidão, acredito

dizem que não é a razão
que nos faz tristes ou alegres
mas o sentimento, concordo

meditar sobre o sentimento
que já foi triste e por vezes alegre
faz companhia feliz na escrita

exceccionalmente iluminada
a praça onde se levantou templo
não precisa mais sol nem lua

* A livre vontade é como o vento — depende de uma incalculável quantidade de circunstâncias.

* Certos dias de chuva são lágrimas divinas vertidas em vão — não lavam nem apagam malditas recordações. Tão-só as refrescam.

* Estava a conversar amigavelmente com a Solidão e ela, como de costume, continuava calada. Então gritei: “A partir de agora tudo o que eu disser não te diz respeito!”. Ouvi logo um choro, como se fosse muito longínquo, transoceânico, e senti que Ela continuava a ter saudades minhas. Que mistério há nesse fenómeno? Eu sei que Ela está encostada à parede, silenciosa como sempre, pouco importa. Sei que Ela é incapaz de se separar de mim. Bendita companhia que nunca incomoda mais do que é preciso!

* Deus é perfeito porque carece de qualidades humanamente imagináveis e cognoscíveis. Tudo o resto carece de sentido. Por isso mesmo fascina os pobres de espírito.

* A verdade é uma voluntária — não se compromete com tudo nem com todos.

* O tempo derrete-se mais rapidamente que a geada mas a sua verdadeira imagem leva anos para se apresentar no seu verdadeiro aspecto.

* Cheguei à conclusão de que os verdadeiros budistas “não distinguem” quando estão inconscientes ou dormem sem sonhos ou pesadelos. Até imagino-os como domadores de ursos naquele instante em que desaparece a diferença entre domador e urso.

* Como os pensamentos escapam a si próprios na sua abundância só para não se perderem na vastidão abismal que criam ou julgam criar!

* Há escritores que se esforçam por criar um álibi para um crime que não foram capazes de cometer — uma obra-prima imortal.

* O destino não julga nem condena ninguém. Simplesmente abandona-se ao seu gosto pelo jogo do azar e segue a sua própria sina.

* Não é preciso desistirmos do que quer que seja. Mais cedo ou mais tarde a Natureza vai desistir de nós!

* Há um momento em que nos encontramos equidistantes entre a verdade e a ilusão — a hora da morte.

* Na verdade há muito mais verdades do que mentiras porque para esconder as mentiras inventam-se dez, quinze ou cem verdades para refutar ou desmentir ou purificar uma mentira apenas com um prefixo.

* O Nada existe mas muda de lugar com tamanha rapidez que nunca ninguém consegue vê-lo na sua plenitude. Por conseguinte quando falamos do nada não estamos em lado nenhum e estamos a citar um desconhecido cujo nome tão-pouco interessa — um fenómeno, afinal, banal na história do conhecimento. Enfim, nada justifica refletir sobre ele.

* Por vezes temos a sensação de que vivemos tão-só para nos deliciar com a repugnância à vida.

* “Sinto” e “penso” são dois gémeos que tantas vezes não conseguimos distinguir.

* Quando o óbvio nos parece uma espécie de enigma trata-se apenas de união mística com o Inexistente.

Macau — cheiros, sabores e saberes colados à alma

Vi Macau, pela primeira vez, em Agosto de 1991 — um prémio de escrita inesperado, quando terminara o primeiro ano da minha licenciatura — conduziu-me àquele universo, onde tudo era diferente, e, ao mesmo tempo, embrulhado na breve névoa da familiaridade. Viajei com um grupo de outros cinquenta jovens, deslumbrados, inquietos e incrédulos com aquele remoto recanto do planeta, onde, no seio do exotismo, emergiam marcas de uma qualquer cidade ou vila portuguesa. Contudo, nessa ilusão das semelhanças, irrompia o distinto, o diverso: nesse tempo, nas bancas do Mercado Vermelho de Macau eram vendidas ratazanas e outros animais estranhos. Recordo um grande peixe vivo a contorcer-se amarrado a um poste, uma profusão de cheiros, de cores, de ruídos e de línguas desconhecidas, colava-se à pele, junto com um calor e uma humidade que ameaçavam dissolver-me. Essas imagens unidas à memória suave dos arrozais de Cantão pintados de um verde feito de porcelana, que o voo dos patos bravos rasgava, afluíam-me ao pensamento enquanto colocava as últimas roupas dentro do *trolley* para nova viagem a Macau, vinte anos depois, desta vez, por motivos profissionais.

Após comboios atrasados, uma maratona para apanhar o avião, mais de dezasseis horas de voo e uma viagem de ferry, por fim: Macau! Novo reino de arranha-céus, casinos e hotéis, tão diferente do que me habitava a memória. Penso que não vou gostar daquela selva de pedra impregnada de gente. A forte sensação de estranhamento, a dificuldade de comunicação, a neblina densa do profundo cansaço a toldar tudo, a esvaziar o pensamento, os gestos, as palavras. Após ter dito ao taxista, várias vezes, o nome do hotel em inglês, mostro os desenhos e caracteres que o designam — e com os quais vim munida a conselho de um amigo. A seguir, a minha entrada no hotel é assinalada triunfalmente por apitos de alarmes que conquistam a atenção dos seguranças.... Entrei por engano no casino e, além do mais, pelo sítio errado...é que a recepção ficava no 21º andar e o Casino no rés-do-chão!

Exausta, vou ao restaurante do hotel. O menu é um indecifrável enigma de caracteres acompanhados de fotos esbatidas. Peço algo verde — talvez um bom presságio, cor da esperança — meia hora depois, vem uma tigelinha pequena, dois pauzinhos e uma malga grande cheia de água, onde nada uma “couve-alface” (não cheguei a perceber se era uma ou outra) inteira e de porte atlético. Munida dos dois pauzinhos, luto bravamente contra a integridade e a inteireza inabalável daquele misterioso vegetal. Mas ele continua flutuando, impávido, indiferente aos meus esforços, à minha fome.

Começo a atacar o vegetal com os pauzinhos, a tentar desfolhá-lo a qualquer custo... Sou uma “cro-magnon” desesperada a esquarterar o seu alimento, na ávida luta pela sobrevivência. Passado algum tempo, mediante os olhares de diversão dos funcionários, consigo empatar com a “alface-acouvalhada” na luta — fica metade comida e metade intacta — sem outros danos colaterais, para além duma toalha pejada de grandes nódoas.

Hoje, posso dizer que aquele combate com o estranho vegetal foi apenas o primeiro capítulo de uma nova vida ainda por escrever. Após mais de nove anos vivendo em Macau, muitas outras batalhas, um inesgotável manancial de aprendizagens, sei que tenho línguas, cheiros e sabores colados à pele, tatuados na alma, que há cada dia novos mundos para construir e decifrar para além da casca rugosa do quotidiano.



12catorze e a propósito (ou despropósito) da Guernica

Foi quando começaram a aparecer as palavras e os números
(e a ligação entre eles como v.g. Chanel n.º 5)
Que surgiram as ideias de entrelaçar planetas
Como quem entrelaça as mãos dos soldados desconhecidos
Com as dos trabalhadores escravizados pelas usinas industriais

Minhas usinas industriais que mesmo quando se recortam de encontro aos luares
Plácidos e brilhantes do gelo das noites mais claras
Do que as utopias dos sonhos
Me aparecem nos pesadelos misturados com o sangue das vísceras
De todos quantos foram destruídos pela angústia das crucificações
E pelo pavor do simples anseio de amar perdido no sufoco dos antros da morte
E do lampejo deslumbrante das explosões dos mísseis M 363

Palavras e números escritos em palavras
Mulheres que foram amadas e que têm de ter um nome — além de um número —
como Dora Maar ou Helena Rubinstein
Porque só elas remetem para pinceladas de cores tão exuberantes como as dos fotões
das auroras boreais
Ou para as notas musicais que se perderam num tempo e num espaço inumeráveis

E porque na verdade (tão verdade como a de os números poderem ser lidos em
algarismos ou em letras) o meu amor
O meu único amor
Era um número oscilante entre o zero dos inícios e as miríadas dos pequenos tracinhos
Mesmo ao lado do minotauro e do cavalo da Guernica
Que iam ou apontavam para onde?
Para o infinito?
Ou para quem se perdeu nas espirais labirínticas
Das palavras e dos números
E do desejo de morrer ou de viver?

Um estudo do humano

1.

Tão evidente é o estudo de uma luz
exposta dentro de outra luz.

Despojos de intimidade com as coisas
sobrepondo-se a existências recriadas
na orgulhosa sabedoria.

E que não seja impossível evitar
uma composição de erros:
disfunções que desalinham o teu pensamento.

2.

Interioridade e castigo:
declinas a linguagem da dúvida
e assim te ausentas por ilegível
origem de uma evidência.

Tão sólido é o sentido que cobre
apenas uma face das coisas
porque justamente nada prova
essas visões de infinitas abstracções
que tentas aperfeiçoar.

Nada coincide com o conceito das tuas errâncias.

3.

Excede o teu conhecimento a própria significação do infinito.
E o que há na abstracção do estudo reduz o conceito
no quadro alucinatório, essa linguagem de agrafos
que te executa e desce contigo em falsa fuga
incompleto e em deriva suspeita
para aludires à mais inquestionável clareira do mundo.

Em negativo de pensamento
tudo entra na completa incompreensão
e o pensamento pesa oculto
naquilo que é sem vestígio de existência.

4.

Fica a revelação de um verso que procura o caos:
a pureza que nada esclarece sobre o sentido.

Tão débil escrita ajustando-se numa encenação mental
porque nem tudo é perfeito e legível.

É o perigo profundo de viver em sabedoria destrutiva
como se a beleza de uma imagem
fosse a área não preenchida.

ESFINGE: A manhã é a infância, o Homem gatinha. À tarde, quando é adulto, anda sob duas pernas e à noite, na velhice, apoia-se num cajado.

ÉDIPO: O Homem não gatinha a infância toda. Só gatinha uns meses.

ESFINGE: E então?

ÉDIPO: Devias ter perguntado qual é o animal que de madrugada tem quatro pernas, de manhã e à tarde tem duas e à noite tem três.

ESFINGE: Sim, tens alguma razão.

ÉDIPO: E nem todos os velhos precisam de cajado. Alguns andam tão bem como eu.

ESFINGE: Sim, mas...

ÉDIPO: E ainda há os coxos, que precisam de cajado a vida toda. Portanto, o que devias ter perguntado era...

ESFINGE: Esquece agora isso.

ÉDIPO: Qual é o animal que, não sendo coxo, de madrugada tem quatro pernas, de manhã tem duas, à tarde tem duas e à noite tem duas se andar bem e três se andar mal? Não, talvez não seja ainda a melhor pergunta.

ESFINGE: Pára, estás-me a torturar. Já chega.

ÉDIPO: Talvez o melhor enigma seja...

ESFINGE: Não aguento mais. Vou-me matar.

ÉDIPO: Espera. Espera aí. Olha, atirou-se.



O jardim

Um jardim deserto e silencioso.

As taças com festões, as árvores de minuciosa folhagem, as flores em seus canteiros, até os pardais debicando no saibro claro, tudo lhe parece petrificado. A imobilidade é total. E de nada há sombra. A luz emerge do próprio lugar: pálidos rosas, alguns toques de cinza e ouro esvanecido. Não se trata de um jardim antigo, tão pouco se poderia falar de intemporalidade. Acontece.

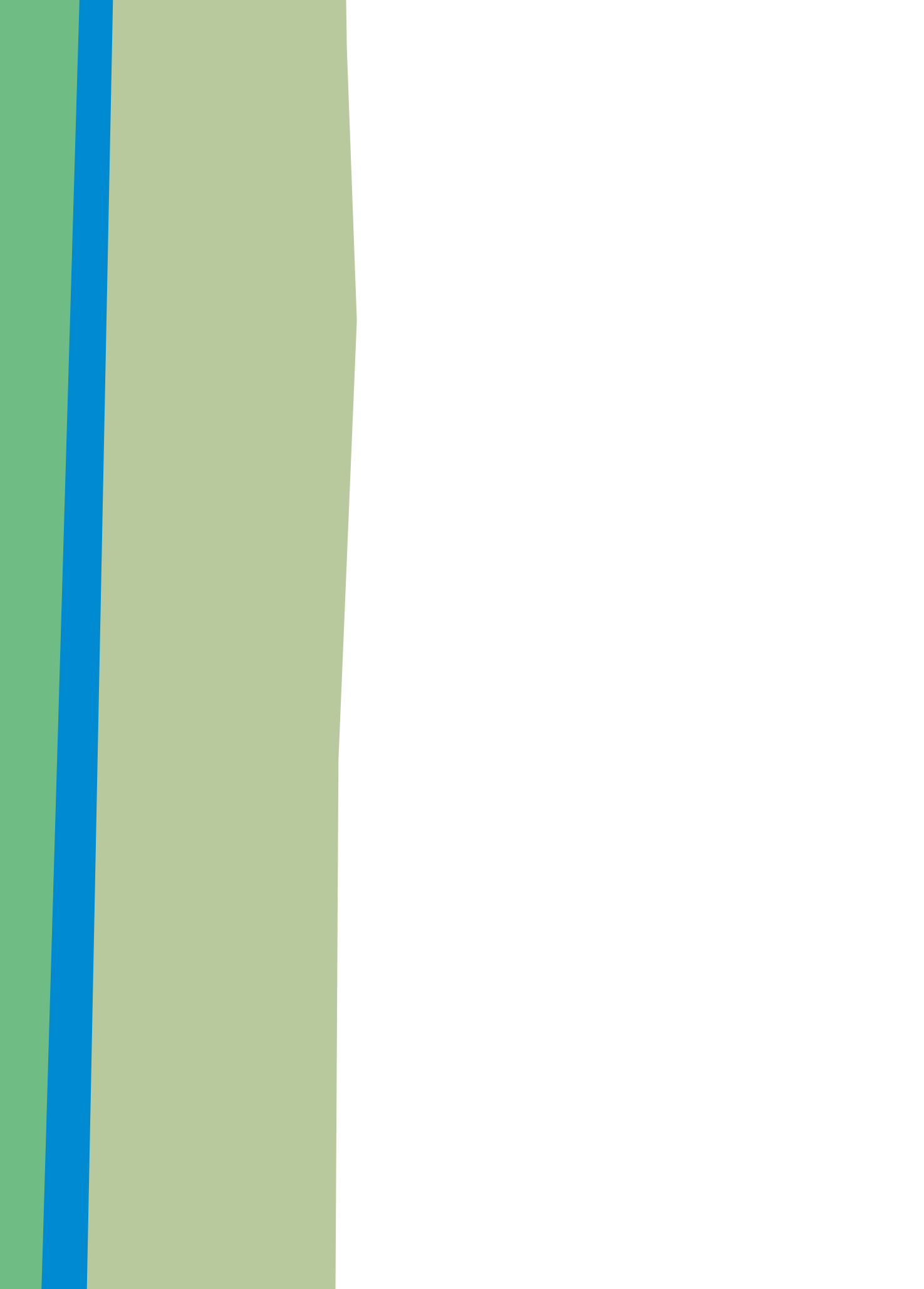
Nora leva a mão ao peito, pousa-a sobre o coração, mas não sente sinal de vida. E, no entanto, há uma pulsação fria que lhe entreabre os poros da pele e estes ardem sob a ação de um sal invisível. Não longe, uma trepadeira chega ao balcão de uma janela por onde foge o imóvel aceno de um pedaço de cortina.

Há também um lago. No bordo do lago, a estátua: trata-se de um corpo jovem, quase adolescente, numa atitude de abandono, ensimesmado, isolado por estranha ameaça.

As pernas ligeiramente afastadas são colunas de uma beleza quase dolorosa prolongada na pequena inflexão do tronco e logo culminando em deslocada asa ou braço pendente. A mão, mergulhada no espelho de água, parece decepada. Só o filamento de um limo atesta de um movimento ido. Corpo sem rosto, completamente oculto pela massa abundante do cabelo. Um detalhe insólito: na linha do ventre, incrustado no umbigo como uma jóia, um desses berlindes preciosos a que as crianças se afeiçoam.

Nora pega nele, fá-lo rolar na concha da mão, acaricia-lhe a lisura e o esplendor. Depois ergue-o entre dois dedos no espaço. Envolto numa claridade lunar, o jardim aparece na superfície curva. Ao centro reflecte um fontanário que não existe em lado nenhum. A água não brota pela boca da máscara, mas pelos olhos. Podem ver-se perfeitamente as duas colunas translúcidas que os unem ao tanque. Nos traços da máscara reconhece os seus.

A esfera escapa-lhe dos dedos. Nora vê-a rolar para longe sem poder alcançá-la. Um frio glacial fá-la compreender que a sua própria petrificação começara e, num relance, que, carpideira eterna, seria em breve a segunda estátua do jardim.



Cadeia

Este texto foi-te enviado para te dar boa sorte. Já deu a volta ao mundo sete vezes. Recebe-o na condição de o fazeres circular. Envia uma cópia a quem precise de ajuda.

Não conserves o texto contigo. O destino não tem pressa, mas debes libertar-te dele em 72 horas. O executivo de um banco muito importante recebeu 1.400.000€ de dividendos porque continuou a cadeia. Consuelo Esperanza obteve uma moratória de hipoteca que depois foi cancelada — porque interrompeu a cadeia.

Na Itália, Emerito Pordenone perdeu a mulher 51 dias após a recepção do texto. Não o fez circular. Ao recebê-lo, contudo, obteve uma apólice mais vantajosa no seu seguro de saúde.

Presta atenção à seguinte história: Odysseus Fee recebeu o texto em 2018. Encarregou o sobrinho de fazer vinte cópias e expedi-las. Alguns dias depois, num local classificado como património mundial da humanidade, encontrou 4000€ numa carteira perdida. Pagou parte das suas dívidas e retomou o seu lugar à porta do centro de emprego.

Georgina Amado, uma empregada de limpeza, recebeu o texto. Esquecendo-se de enviá-lo em 72 horas, cortaram-lhe a água e a luz. Mais tarde, após ter reencontrado o texto, expediu vinte cópias. Encontrou um emprego no estrangeiro.

Caroline Doom, uma dona de casa, recebeu o texto e, descrendo dele, deitou-o para o lixo. Treze dias depois, o seu esposo, que acabara de se vacinar, foi vítima de complicações cardíacas cujas causas não puderam ser apuradas.

Por favor, envia o texto e observa o que te acontecerá em quatro dias. A cadeia tem origem nos Estados Unidos, mas foi primeiro testada na China. Foi iniciada por um benfeitor internacional que prefere o anonimato. Para que o texto corra o mundo, debes fazer vinte cópias e enviá-las aos teus amigos e colaboradores. Terás uma surpresa ao fim de quatro dias.

Em 2019, o texto foi recebido por uma jovem na cidade da Amadora, mas já não era legível. A repariga prometeu digitalizá-lo e expedi-lo, mas deixou passar demasiado tempo e ocorreu-lhe uma série de problemas, incluindo uma despesa avultada com serviços de saúde, uma vez que não era originária da cidade nem do país. Embora precavida para evitar locais frequentados pela polícia, também o seu filho foi atingido. Porém, depois de fazer o que prometera, a sorte deu uma reviravolta, uma vez que os serviços de segurança ganharam um interesse súbito pelo seu caso e ela pôde até pro-

gramar uma bela viagem para um lugar tão longe da Europa quanto possível.
Lê o texto nas entrelinhas e encontrarás o que procuras. Não acuses ninguém de o ter enviado. Foi o destino que to enviou. Não te lembres de enviar dinheiro, o destino não tem preço. Lembra-te só de enviar o texto. Desculpa ser tão longo. Da próxima vez, o destino será mais expedito.

Funciona. Adeus. Um amigo.

Transe

O corpo em queda
deslizando
no fio do imaterial

A pele nadando na incidência.

Terceira, Março de 2023

Noite de Juba a Arder

Noite de juba a arder como nos fornos
onde os tijolos se mordem se estremecem
se redobram no suor da volta à faina de se arderem
queimarem onde derretem de tanto amar o que é tão árido
na juba quente
que lambem para que a imensidão da falta de ternura
arrefeça mais a noite
ladre um bocado
ladre e não uive
não cegue mais
no incêndio do arrepio que transgride qualquer limite
da fome da sede poço grito e segredo
qualquer galáxia que no imenso olhar em que não estás
eu passo a vida a olhar para trás
como se a ferida pudesse ocupar ou ser contida
num só lugar

Noite de juba a arder como nos fornos

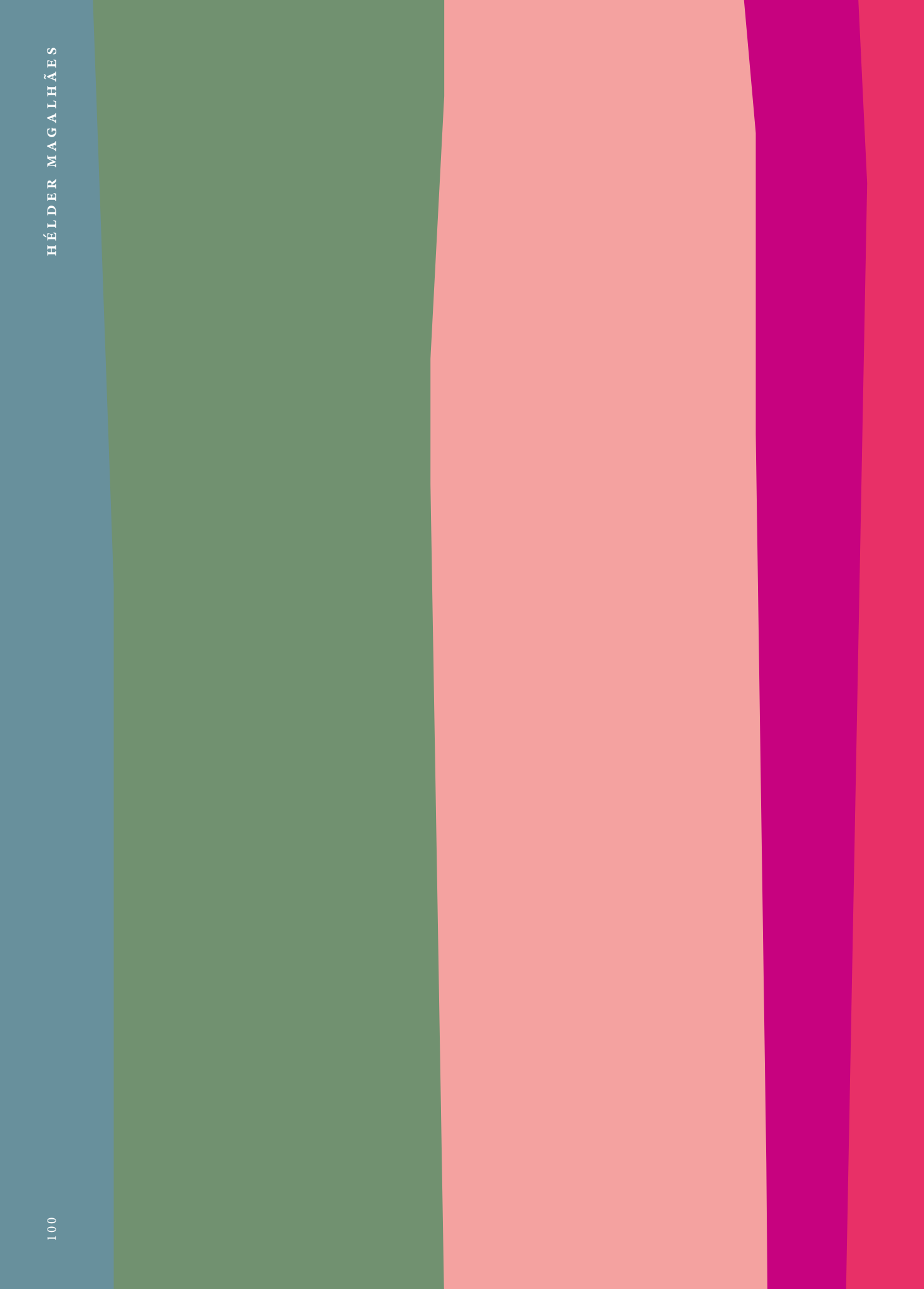
Vertigem

A luz espessa vem
adormece a pele
oca

não devíamos ter
saído do rosto

nód oa fe ri da
ins ulto ab u so
so-----mos

tri — arte-facto gravilha na sombra — lhos.



A Patti Smith fala sobre o longo Inverno de Loewe, onde se foi aquecendo com a leitura de poemas de Goethe e Schiller. A determinada altura escreve: “O mês de maio já ia avançado e as flores estavam em botão.” Sobre mim escorre um sorriso. Levanto-me do sofá e caminho ao teu encontro. Estás diante do espelho da casa de banho. Encosto-me a ti e leio o excerto em voz alta, e os nossos rostos são a eterna Primavera dessa flor de Maio.

Absoluta presença

Para o André Ramos.

Tão lento era o tempo naquela casa, que os números do relógio se desprendiam,

e
s
c
o
r
r
e
g
a
n
d
o

pela parede branca até chegarem ao chão. Tombados, confundiam-se com baratas que os habitantes da casa prontamente esmagavam.

O homem permanecia eterno ao lado da mulher, deitados tal qual se deitam fantasmas. Levantavam-se para esmagar números tombados no soalho, eles próprios por vezes se inclinavam perfazendo ângulos mortos.

A mesa posta aguardava pelo homem e pela mulher. Como não tinham estômago, apenas fingiam ter fome. Como não tinham peso, apenas fingiam esmagar números

e p d
s a h o s
l a pelo chão.

Na realidade e na fantasia, na verdade e na mentira, o homem e a mulher eram duas sombras projectadas de dentro para fora.

Há casas que têm sóis escondidos na mobília, sóis apagados como candeeiros que de vez em quando se acendem. Quando o tempo pára, ou quando os números dos relógios de parede

e
s
c
o
r
r
e
g
a

m de cansaço até caírem no soalho.

Esta casa não tem afagadores, ninguém trabalha nesta casa, é uma casa de silêncio onde nada se escuta. Apenas a respiração das sombras.

Então alguém surge de fora para dentro, alguém se levanta de dentro para fora; então um sol acende-se dentro da casa e ilumina o homem e a mulher deitados no chão como dois números cansados. $1 + 1 = 0$. O amor que os aproxima é o amor que os afasta, sombriamente envolvidos um no outro, águas confundidas, sombras fundidas numa casa acesa de dentro para fora.

Um telefone ligava-os ao exterior, pelo telefone recebiam notícias de um mundo estranho, distante, o mundo fora de casa, nas ruas. Dizemos homem e mulher quando sabemos nem isso ser susceptível de comprovação. Eram apenas sombras sem estômago. Logo, não podiam ser homem nem mulher. Eram apenas habitantes inconclusivos de uma casa com sóis dentro, presenças, presenças absolutas de uma ausência particular.

Alguém observa essas presenças, sim.

Alguém tem que observar.

O narrador presente as presenças absolutas na casa vazia, na casa aparentemente vazia, o narrador presente que o lugar dessas presenças é no interior da casa a esmagarem números tombados pelo chão, migalhas de números, partículas de pó. O narrador fala de um homem e de uma mulher quando pretendia dizer Monstro, isto é, Sombra, ou seja, presença absoluta. E então respira à mesa como qualquer coisa sentada perante um prato vazio, olha para o telefone há muito inutilizado, telefone sem voz porque no interior da caixa ficaram detidas para sempre todas as vozes, vozes reclusas de um silêncio que une as sombras no chão, silêncio entendido enquanto música, música entendida enquanto dança, dança entendida enquanto corpo, corpo estendido enquanto pó, sombra,
presença absoluta.

Esta história acabará quando a porta for finalmente aberta, quando alguém abrir a porta para entrar nesta história com a missão exacta de arrumar tudo nela, recolher os números do chão e voltar a c-o-l-o-c-á-l-o-s no relógio de parede, levantar o auscultador para libertar as vozes aprisionadas no interior da caixa do telefone, quando alguém se sentar à mesa enchendo o prato com o homem e a mulher sombriamente presentes no lugar absoluto da sua ausência.

Esta história terminará com alguém a comer sombras, a alimentar-se das sombras, transformando-se naquilo que come.

27 de Julho de 2018



ephiro iakalai

**caminho grande* — em macua, macuá ou emacua (makua ou emakhuwa)
língua falada no norte de Moçambique

1.

o corpo para dizer afunda:

a cada palavra a gota do fundamento sobe. tocamos no primeiro firmamento tocamos na água.

tocamos na palavra transparência na potência. o corpo empurra o chão o corpo empurra o chão na lucidez.

às vezes a vara no tendão canta para encher o poço, às vezes é a carne a encher o poço. queria contar a estória sobre como o corpo se fundiu em todas as terras e fez a palavra voar. é difícil ser feixe e pedra ao mesmo tempo. a palavra não anula o que se anula na voragem perto de Deus. a vara sobe e desce, por isso a vara não viu o fogo só a água.

a palavra anula o que não se anula na voragem perto de Deus.

*

não é possível escrever sobre o índico sendo do índico

— a cegueira bate no assombro depois no aço.

não é possível escrever contradizendo os olhos

não é possível a língua afastar o mundo

fora da cólera.

jarros são pequenos potes quando a palavra se levanta

nas mãos que escrevem depois da morte.

2.

quando a palavra não vem o que sangra é corpo

o sangue trancado o sangue que finda o sangue que treme
o sangue adulto o sangue criança o sangue que teme
o sangue água o sangue veia

*

jarros são pequenos potes quando a palavra se levanta
nas mãos que escrevem depois da morte.

Na ponte

Do túnel na ponte escura
para a luz do céu e do rio.
Dois minutos.
No limiar desse tempo
fecho os olhos.

Penso que qualquer dia
numa rota do destino
irei cair no azul do Tejo.

Que a ponte sobre Lisboa
irá tremer aos meus pés
numa noite de Inverno

com as luzinhas vermelhas
a soltarem-se dos cabos
que sobem ao Cristo-Rei.

Mas por hoje voam gaivotas
a dissolverem-se no mar
enquanto passa o comboio.

Alegoria

Gostaria que homens e lugares que percorro
fossem assim como uma árvore,
como uma sombra amiga
que me estendesse os braços,
o seu coração verde,
a sua mão

De um meigo acolhimento
em que bulício, a pressão, a agitação
fossem apenas como um pequeno vento
um punhado de ar, brisa
que no seu sopro ao passar,
cale lamento
e encha o chão e o peito de alegria

Uma árvore,
uma árvore antiga como a idade dos homens
tronco forte, ramos, folhas, flores e pássaros
permitisse um cantar e falar doce
um sossego e aconchego
a voz de som tão mansa
como o simples maneo
de um pequeno baloiço de criança

Que sempre as vozes pediram outras vozes iguais
as mãos idênticas mãos
os olhos outros olhos
portadores de sinais
dos trilhos da amizade
senda que não se apaga
que amor com amor se paga.

Crítica de arte ou o espaço entre a Obra e o Mundo (críticas escolhidas)

Este foi o título de um texto publicado pelas Edições Húmus, em 2021. O intuito foi o de reflectir sobre a crítica de arte, apresentando, simultaneamente, um conjunto de críticas publicadas em revistas da especialidade ao longo de pouco mais de uma década (2008–2021). O breve texto que se segue é um excerto da introdução.

Podemos entender a crítica de arte como uma disciplina que tem por objectivo a análise, comparação, interpretação e avaliação das obras de arte, em relação directa com o juízo de gosto. A actividade crítica tem ainda a função de informar e de promover e, no contexto das sociedades contemporâneas, face à complexidade e rapidez de movimentos, estéticas e discursos, procura inclusivamente discutir o que é ou não arte e o modo como esta se insere e se relaciona no sistema geral da cultura e da sociedade. Por outras palavras, procura-se a compreensão da obra de arte e do seu contexto de produção e de recepção. Na verdade, a crítica de arte estabelece uma relação única e complexa entre a Obra e o Mundo.

Efectivamente, a crítica de arte, enquanto disciplina especializada e autónoma¹, tem vindo a desempenhar uma importante acção de mediação entre a obra de arte e o seu receptor, devendo efectivamente contribuir para que a obra de arte se torne mais transparente e comunicável. Por outro lado, a crítica surge também ligada à afirmação da obra e do artista, conferindo-lhe publicamente um certo sentido legitimador. E, neste domínio, como se sabe, o papel dos *media* tem vindo a ser paulatinamente determinante.

1 Cf. Argan, Giulio Carlo, *Arte e crítica de arte*. 2.ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p. 127.



Felicidade

Chegado a casa,
Sentei-me no sofá a descansar
E pela janela aberta a sotavento,
Do meu apartamento
Olhei o mar.

Reparei num bando de gaivotas
Que pintando o céu cor de algodão,
Traçavam no voar uns arabescos,
Desafiando em modos gigantescos,
A minha imaginação.

Na praia de branca areia,
Que há muito anseia,
Marés coitar,
Conchinhas reluziam intensamente,
Sob os raios solares do poente,
À beira mar.

Brilhavam mais que o aljofre,
Em vestimentas reais,
De marajás e rainhas,
Das bandas orientais.

Grande felicidade em mim sentia,
Pela holística visão de tal beleza
Gerada no pulsar da natureza
Em cada dia.

Fascinante aquele barco,
Que a todo o pano veleja,
No azul abençoado.
E vi tudo isto, extasiado,
Inspirado num copo de cerveja.

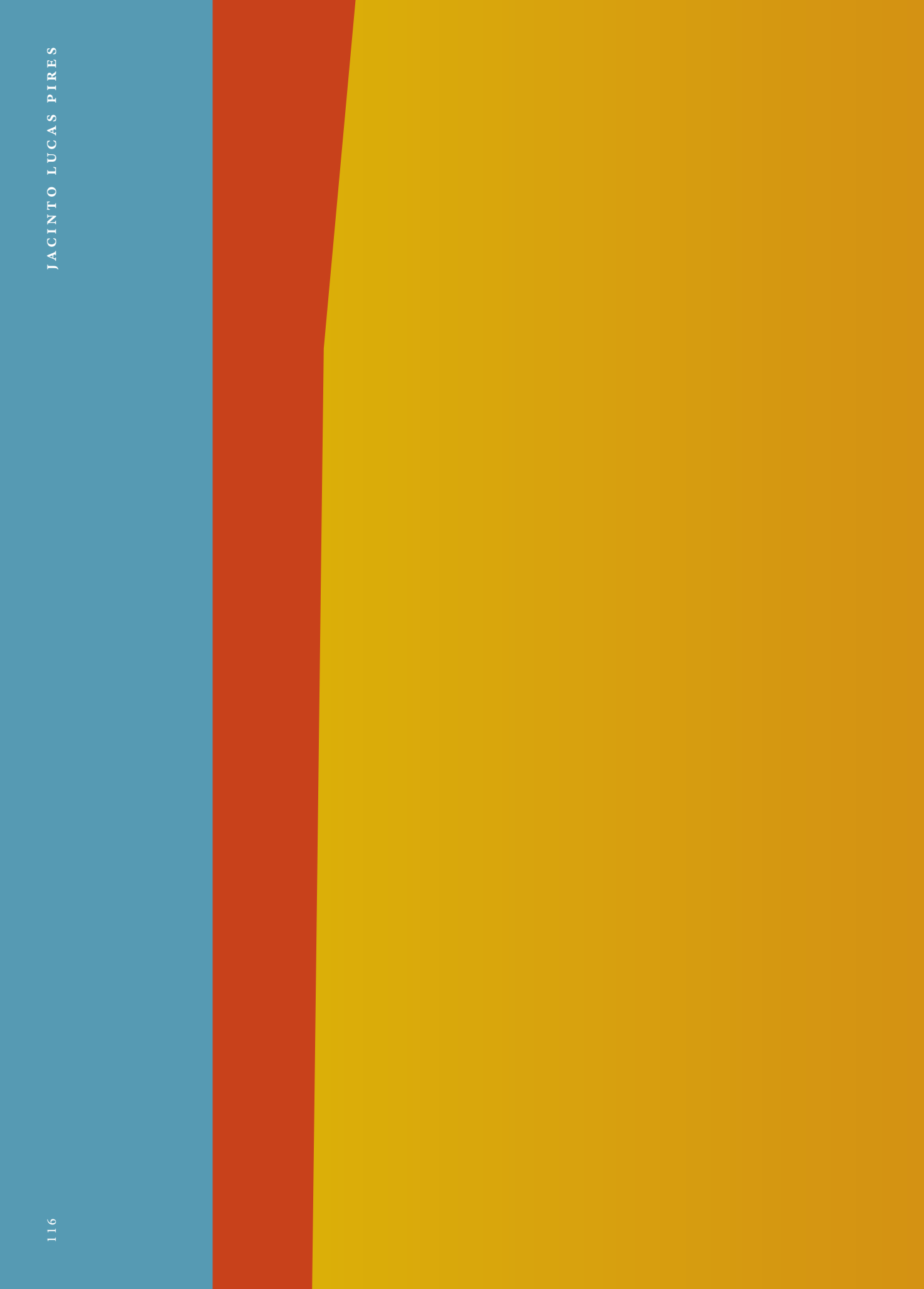
Soneto da saudade

Estando eu a pescar, sentado à proa,
E sem que nada nem ninguém previsse,
Emergiu do mar uma fada boa,
Que com maviosa voz, falou e disse:

— Tenho-te visto aqui compenetrado,
Num mar que adoras e de amor envolves,
Cumprindo sempre as regras do pescado,
Pois peixe que é pequeno, ao mar devolves.

Diz-me qual é o teu maior desejo,
Que vou satisfazê-lo como o pedes.
Responde por favor sem qualquer pejo!

— Dá-me a pujança que eu já tive outrora,
Quando mijava à pressão contra as paredes
E não molhava os sapatos como agora.



Mel da floresta

O sol abre-nos os olhos. Nós, as mulheres, abrimo-nos para nós, os homens, no sol a pino, e eles, os homens, imitam o sol por elas, as mulheres, dentro. A lua abre-nos a cabeça. Nós, as mulheres, passeamos pelas nossas cabeças quando a luz cai no buraco da terra e os homens, eles, procuram-nos nas margens desse trilho criado pelo nosso passeio. Elas, as mulheres, escondem-se se as chamamos do alto da pedra esquecida, e então nós, os homens, esquecemo-nos e esquecemo-nos até que as mulheres, nós, os agarramos de surpresa e os assustamos com força, e tornam-se de novo filhos, eles, os homens. As crianças caem das luas. A noite não existe, o dia não há. A noite e o dia sonham-se um ao outro, e é só.

Caminhamos entre os troncos e tudo em nossos gestos é ao mesmo tempo que a floresta. Escutamos os ares diferentes de cada clareira, apanhamos ervas para magias e cores, pintamo-nos de nós, homens e mulheres.

Chamamo-nos pela voz. Se ouvimos a nossa voz e temos a boca fechada, sabemos que estamos a ser chamados. Temos de aprender a ser certa pessoa antes de a chamar. Para que ela se caia-reconheça.

Caçar também é ser com o bicho caçado. Matar o que se vai comer é grande oração. Segundo os antigos, aprendemos a correr com os bichos de pernas e aprendemos a saltar com os bichos de asas e aprendemos a dormir com os bichos da morte. Somos todos caça. Os buracos que trazemos no corpo lembram as flechas que nos furaram quando éramos no começo do mundo. A maior caçadora é a floresta. A caça mais valiosa é a que nos vai entrar nas bocas hoje. Os melhores caçadores não são os que caçam mais, mas os que nem sabemos que caçam.

Nós, os homens, caçamos bichos de cores, e nós, as mulheres, tiramos-lhes as cores e pintamo-los de magias. Nós, as mulheres, comemos primeiro para melhorarmos o corpo e conseguirmos leite e olhares limpos, e nós, os homens, ganhamos desejo olhando para elas, as mulheres, ganhando saúde e conquistando as vontades dos homens, eles.

Somos unos com a terra, a água que corre e que cai, o vento que vem e que vai, a grande pedra esquecida. Desaprendemos o costume de dar todo o primeiro filho aos avós para que o comessem, barrado com mel, embora isso fortalecesse o nosso corpo geral segundo os antigos. É que também somos unos com a mudança. E fortalecemo-nos tanto que, um dia, os primeiros filhos estavam rijos demais para serem mastigados pelos últimos velhos. Nem com todo o mel da floresta.

Aviso aos contribuintes

quem morre durante o sono
não paga portagem no céu



E daí? canta a sombra de Platão. E daí?

*“É quase tão amargo como a morte;
mas para expor o bem que encontrei,
outros dados darei da minha sorte.”*

— Dante Alighieri

Se no último segundo do bafo me perguntares,
juro que o dia em que me deixaste acercar
do teu coração foi a única maré que justificou
a orate ideia de uma qualquer imortalidade,
a doçura que na vertigem dos teus olhos azuis
era a infância do mundo, o poema procurado
no lugar de motim e furor em que nos construí;
E daí? canta a sombra de Platão. E daí?

*

Agora, olho-me no espelho e o precipício
é um puro ninho de espinhos, sangue escorrido
no corpo da Europa em cativante melancolia
e o ânimo é mais do que um leal parceiro,
toda a deslocação do divino tem o seu custo,
ó desumana piedade e fiúza, olvido maduro,
ó cruel engano, afeição e verbo desarvorados;
E daí? canta a sombra de Platão. E daí?

*

Muito em breve, longe da rosa e da magnólia,
em breve longe de ti e de mim, só crepúsculo
e cinza, a morte cintilante ignorando o clamor;
E daí? canta a sombra de Platão. E daí?

*

Tudo de partida ficará negro e as palavras ocas,
e tu chorarás ou rirás de mim, animais e deuses,
e como todos eles, a minha língua retirar-se-á;
E daí? canta a sombra de Platão. E daí?

*

A jusante há tristes e débeis versos inspirando-se
no medo dos corpos à espera de morrer, ciciam
como o teu amor, a vida, breve, me abandonará;
E daí? canta a sombra de Platão. E daí?

*

No último segundo é tão doce a tua memória
e com ela choro a insana antropofagia do mundo,
sob o supremo silêncio que se avizinha, choro;
E daí? canta a sombra de Platão. E daí?

*

E as altas cinzas, sob divinas bombas invisíveis,
abraçam-me e choro, como também já choraram
os filhos de Sião, lágrima que se restitui ao lodo;
E daí? canta a sombra de Platão. E daí?

um adeus translúcido
percorre o poema
corpos caminham num dorso de luz
o tiro do olhar detém-se
por entre as folhas da pele
lágrimas lançam as suas pedras
devagar

Dispersos pela praia
os seixos repousam agora
de uma longa viagem.

Entre a sombra e a pedra
uma aliança
luminosa.

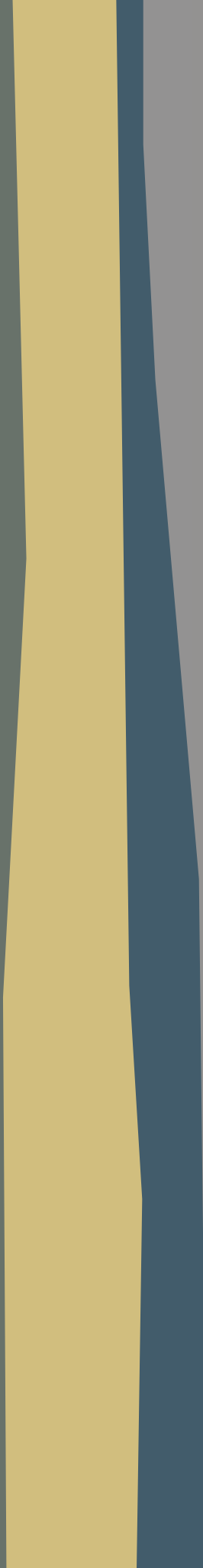
Soltou-se da nuvem
o cavalo-sombra alado
que corre pela praia.

Notícia do dia:
Floriram os massarocos.
Fonte: as abelhas.

Na orla da tarde
ergue-se silenciosa
a onda nocturna.

Ao entardecer
Quando o sol rútilo se põe,
São vãs as palavras





Ensaio para um conto

No meu normal eu assobiava aos melros, não que eles entendessem, mas para não me sentir muito só. Eles continuavam seu trabalho e eu meu pensamento. Ficava debaixo da árvore mais rubra e deixava o sol me descobrir, estendendo o braço direito para ele não se enganar. Depois subia a ladeira com todo o vagarzinho, assim pensando na vida, que comprimento era o dela e se eu caberia nesse tempo. Há tanta coisa acontecendo pelo mundo, mas eu não tinha pressa. Aí vinha na memória uma doçura, a Alcina quando eu era jovem e eu a espreitava nua nua se banhando nas águas do rio, nas chamas do fim da tarde. E, nem sei bem como e porquê, as chamas caíam de novo sobre mim, rasgavam minha pele dura, revelando esse passado. Enchiam de novo meu ventre, e todo eu era o lume desse sonho lembrado. Que nem sei se era sonho ou se era recordação trazida pelo coitado do sol do verão. Sei que era bom. Era bom mesmo esse tição em mim.

14 de março 2022

Outono em Atenas

Não me lembro como chegámos a Atenas
 a princípio era como penetrar
 num território de sombras
 uma caverna abria-se e fechávamos os olhos
 Ao segundo dia aprendemos a lidar
 com o irreparável
 resistimos observando o desenlace das nuvens pesadas
 engolindo os sons que o vento nos trazia
 no ardor das ruas de Monastiraki
 Os suores frios e as discussões inúteis
 golpeavam as manhãs
 a navalha comprada para as refeições
 no quarto do hotel servia também
 para ameaças de *vaudeville* que no fundo
 nunca levámos a sério
 Tudo estava terminado mas não completamente
 havia ainda pequenos ajustes a fazer
 naquele final sem glória talhado à nossa medida
 Quanto tempo estivemos exauridos
 a beber *retsina* numa taberna soturna
 em que os talheres estavam presos por correntes
 às mesas sórdidas para que bêbados
 desesperados os não levassem!
 Hoje que me sento com as mãos cansadas de fracassos
 em que a loucura se mistura com a saudade
 e só o silêncio se suporta
 surpreendo-me pensando em algo inquietante:
 o brilho do seu pescoço depois da exaltação
 a vasta estrada que se atravessava na minha ira
 esse vidro de vertigem onde
 como num lago de sugestões
 caíam as pedras infecciosas das palavras
 que trocávamos como sôfregos beijos

A Senhora Ulrike

O meu lugar era ao lado da janela, numa carruagem de não-fumadores, o que me permitia dormir encostado à paisagem ou procurar o sítio onde pudesse fumar um cigarro. E assim atravessando aquelas terras a que também chamam o norte da França, sentado a olhar as planícies encharcadas, os pequenos bosques que pontuavam o descampado e alguma encosta ao longe enegrecida pelo arvoredo.

Já perto da fronteira com a Bélgica, há uma paragem. Descem e sobem os passageiros e uma senhora vem sentar-se ao meu lado. Vejo-a chegar com modos gentis e saia-casaco levemente acastanhado. Um casaco de fazenda no braço, a carteira e mais nada. Diz-me bonjour, eu correspondo e de imediato coloca uns óculos finos, de aros esbranquiçados; tremia ligeiramente das mãos ao colocar no colo a carteira preta. Olha-me então e sorri. Finalmente retira um livro e começa a ler. Confesso que me apetecia saber que livro era, mas já vi as páginas abertas e a capa descaída. Livro de bolso.

A carruagem deslizava a meia voz. Aqui e ali conversas baixas e de vez em quando um enviado do bar passava com o carro das bebidas.

A certa altura, devíamos estar a olhar pela janela e começámos a falar das coisas do tempo, aproximámo-nos de Mozart e por fim quase ouvíamos em êxtase o arrojado tanto lúgubre e genial de Beethoven. Foi tudo muito rápido, mas o outono insistia há duas semanas, tecido num manto espesso e gelado que lembrava o sopro fantasmático do chão e do vento. Foi então que descemos à poesia.

Madame Ulrike, assim a comecei a tratar, nascera em Tübingen, algures no sul da Alemanha; e de repente um imenso explodir de realidade desaba sobre o meu cérebro habituado à força a descortinar estranhezas e distâncias, mais do que realidades. A senhora Ulrike nascera no lugar onde Hölderlin passara os últimos trinta e seis anos, no *Hölderlinturm*. Durante algum silêncio, compreendi que aquela realidade de comboio se transformava em algo diferente. Eu tinha o poeta quase ao meu lado.

E então falámos, conversámos longamente sobre as ruas e as pedras e eu queria saber que árvores havia e se passava um rio.

Lembro-me de algumas tardes na biblioteca do Liceu e de o ter descoberto numa edição muito antiga. Li-o nessa altura com paixão e com a sensação de ter em mim um lugar que sangrava. Mas calava-me. Ouvia a minha companheira que sabia poemas inteiros e falava com emoção. Ainda hoje me lembro dos primeiros versos do “Hino à Humanidade”, dizia-me, espalhando o olhar entre a paisagem e a velocidade.

Madame Ulrike não vivera sempre em Tübingen. No auge da guerra e com o segundo filho a querer nascer, decidira deixar a Alemanha e viver em Bruges. Razões de vária ordem a teriam obrigado a partir, mas não queria incomodar-me com acontecimentos que me fariam triste. Sabido é que se decidiu, vivendo então em casa de uma velha tia, irmã da avó materna. Aí continuou a estudar piano e quando a senhora morreu, decidiu naturalizar-se belga e continuar na velha casa sobre o canal de Bruges.

A Senhora Ulrike ainda teve tempo para me falar de Thomas e Klaus, já homens, ambos a trabalhar em Bruxelas. Thomas era professor de Alemão e Klaus projectava para breve uma pequena editora. Entretanto adoptara Erika, que amava a música como ela e punha um cuidado nos vestidos e no arranjo simples e quase antigo dos cabelos. E eu via-os apanhados e muito lisos e uma madeixa caindo sobre a fronte.

Quando a Senhora Ulrike desceu do comboio, havia gente de olhar sério na grande solidão da viagem. Havia na sua história cidades destruídas e o eco de um homem assassinado. Havia os cabelos de Erika e eu tinha saudades quando descí em Amsterdam e depois de vaguear um pouco perdido entrei num bar.

As convenções sobem ao paraíso das brumas e eu tenho prazer no álcool e no fumo. A magia nasce assim com as viagens e as trocas e à noite começa a secreta alegria dos lugares.

Un motim nos lugares escuros

Ao José Manuel de Vasconcelos.

No início da passada centúria reinava a paz entre os povos e na sociedade, e no que concerne a cidadãos envoltos numa aura de grande prestígio cívico, destacava-se um homem de meia idade chamado Hupert, um homem que nascera e fora criado na Gasconha e tinha a fama de frequentar os Lugares Escuros. Ora se a minha cara leitora é daquelas que desenvolvem a imaginação fazendo uma espécie de jogo com os dados que vou fornecer-lhe, insensata e obrigatoriamente, ao longo da minha narrativa, procurarei dar um sentido entre o dramático e o lírico como maneira de estar nesses tais Lugares Escuros.

E não faltará quem exija saber de que território eu falo, a razão por que uso sempre no cinto uma adaga e uma das mãos enclavinadas no seu cabo de marfim velho trabalhado. Ora o senhor Hupert, quando chegava aos Lugares Escuros, o primeiro impulso era ligar todos os comutadores, iluminar. E eu aí, com os meus funestos pensamentos naquelas paragens tão feias, gostava de perder-me, acompanhado por um bando de gatos silenciosos que iam cheirar todos os recantos e cantos, como se buscassem algo ou alguém, que eu, na verdade, então ignorava e agora sei que o que eles queriam era encontrar a pista que me levasse ao líder dos amotinados naquele território, mas cujo objectivo seria a libertação das mentes.

Escutaram bem: *a libertação das mentes*, coisa que os esbirros gatos negros não perdoavam nem permitiriam esmorecimentos naquela tão ampla investigação.

O cego Tomás Pote, poeta sob o pseudónimo de Lívio Prata, que na vida pessoal não passava de um ladrão que se especializara em assaltar as residências, casebres e grutas, onde viviam os mais pobres da região, poderia ser quem os inspectores perseguíam. Pois Pote escrevia odes fantásticas que predispunham os povos à luta pelos seus interesses.

— Aquele povo não se interessa por nada, *monsieur Pote*.

O senhor Pote abria e fechava gavetas, remexendo panos, papéis, objectos já sem sentido naquela época. Enquanto Lívio Prata, ele acabara de editar um pequeno livro de sonetos, em que investira toda a sua imaginação, bem como as poupanças, sentindo-se na obrigação de se justificar ante os leitores, a crítica e os próprios gatos-inspectores cujos olhares sempre o acompanhavam através das paredes.

Agora o que o senhor Hupert não sabia é como um cego conseguia movimentar-se com todas as suas limitações. Tomás Pote tinha os seus segredos, os seus truques, uma predisposição para determinadas aventuras que o senhor Hupert ignorava. O mesmo acontecendo com os gatos-inspectores.

De facto, o povo dos Lugares Escuros não parecia interessar-se por coisa alguma, mas essa interpretação da sua aparente docilidade, quietação e simpatia escondia o espírito propenso à rectificação do comportamento. Tomás Pote escrevera um hino àqueles revolucionários que tentavam clarificar e resolver os Lugares Escuros.

E um dia, um homem de aparência insignificante despejou um carregador de um revólver no peito de alguém que era apontado como parente afastado do senhor Hupert surpreendentemente parecido com ele. O desfecho do motim ainda não pudemos encarar como solução definitiva para os Escuros Lugares.

— Lugares Escuros, rectificou Pote, erguendo o rosto do livro que estava a autografar.

Dezembro de 2022

Sobre Uma Certa Tapioca

Tinha oito anos e acreditava em ti.
Sabia que não me faltarias com a travessa da tapioca
para o casamento das bonecas.
Enormíssima, mas se calhar era aos meus olhos pequenos
que ela parecia assim tão grande. Polvilhada de canela.
Uma mãe nunca deixa ficar mal as bonecas da filha;
tu não.

Tinha oito anos e acreditava em ti.
Acreditava na voz limpa de sargaços que emprestavas
todas as manhãs às marchas populares.
Ao São João do Porto, o teu Porto.
Eras tão linda, mãe. Parecias tão feliz com o lenço de flores
a emoldurar-te o rosto enquanto limpavas o pó aos móveis
no hall encharcado de sol, de cantorias.
Dizem que eu puxei a ti. Exageros.
Depois, tinha oito anos e senti que me falhaste
pela primeira vez, pela única vez.
O medo, mãe, o medo dos estranhos que decepavam
o ar da casa, o medo das portas que se abriam silenciosas
para eles:
tão sem riso, tão sem tapioca, tão sem casamento de bonecas,
tão sem marchas populares, tão sem Porto, tão sem ti.
Tinha oito anos e a certeza de ter ido beijar o teu retrato
sobre uma lápide negra.
E as lágrimas e o tremer de frio a 11 de Julho.

Sabes, mãe, hoje fiz tapioca para a sobremesa dos teus netos.
Só ela, em pé de rendilhar a infância,
me cala o medo de me perder de ti.

12 catorze [ou 12/14, mais a jeito]

Associações proustianas

Tal como naquela anedota
do menino Joãozinho
a este tudo o conduzia, na sua mentezinha
depravada,
ao sexo em todas as suas apetências,
a mim, “filho da cepa”,
como outrora dizer-se soía,
12/14 mergulha-me
por rápido instinto
e saborosa ligação
na tribo de vinhos situados
na graduação ideal
de entre estes dois números.
Tinto ou branco; fora os outros.
Daí me interrogo, pois,
desde tenra idade — oh incorrecção civilizacional —,
habitado às melhores pingas
saídas da ciência de meu pai,
até aos quase 82, quantas pipas
— quiçá — tonéis — de entre 12 e 14
não me terão passado pelo “estreito”?

12 de Janeiro de 2023



National Gallery: Visitas com o Alberto

o alfaiate de Moroni
— *Il tagliapanni*
era nossa visita obrigatória

esse
e o Ticiano da manga
o homem por trás da manga portentosa
que nada tinha a ver com o alfaiate
embora por ali perto

o alfaiate de tesoura em punho
e a manga como atributo

o alfaiate
por certo não o seria
que tudo nele
a indumentária e o olhar
contradiziam

já não assim
com o homem por trás da manga
que por ela protegido
nos mirava

mas ambos sempre ali à nossa espera
e a cada encontro
o pasmo recolhido
do que a contemplação nos devolia

dissimulação
prudência
viajando pelo esplendor da superfície

Calamidadi!

Colmeias humanas a céu aberto
 Vozes de chão com bandeiras desfraldadas
 Calamidadi!

Esta é a casa ocupada Júlio
 Só para lembrar o teu nascimento accidental em Bruxelas
 Os tangos em Buenos Aires, a villegiatura em Paris,
 O cemitério de Montparnasse Blow Up companheiro é o teu caixão
 Dois metros e catorze depois do Jogo da Macaca ou Rayuela como queiram

Não te sobressaltes só porque longe aqui tão perto
 Por onde descem os meus pés uivam as sirenes
 Intumescendo as plácidas matumanas

Devo dizer-te que tenho intestinos
 A Eternidade dói
 Que os mestres do efémero os grandes feiticeiros
 Do Ágon onde nos desencontramos
 aqui onde caio
 os Mestres Capitulares Eles a emanação de Nós
 incrustaram-nos É isso perdoa-me Júlio
 se agora derivo em desimaginações

Não os podes ver mas eu vou com o Arquitecto
 E o Anjo Urbanista com asas nas omoplatas
 Mais a cerveja no Inferno

Um caso típico de ocupação do espaço na geometria da cidade

Algas com cinco dedos no arrecife da Fábrica Reunidas
 Five Roses Tea xitolos apensos Acrobatas
 Peixes do Nhiki Panze com as guelras nos olhos espantados

Desço e o comício dos panos o style resgatado das sobras do mundo
Das suas luas cheias apeteendo a nudez

Isto

O que mordemos e rimos muito e dançamos

A canção partindo-se

E a boca ensanguentada.

F. — Breves e fragmentadas notas para uma biografia

Ainda hoje se está para saber se F. tinha aquilo a que, muitos anos mais tarde, se viria a chamar “uma visão integrada do mundo”: um conjunto coerente de ideias sobre a luz, o mar, o amor ou, por exemplo, um arco-íris que por vezes via de manhã, redondo, perfeito e suspeito de falsas promessas. Que pensava ele das montanhas verdes e crespas que lhe enquadravam os dias? Veria uma relação entre elas e o enorme vazio do céu, que hoje está, por exemplo, cinzento incolor e sem sombra de sombra? Que pensava F. da empregada de bar pequena e empertigada, magra e malcriada a quem um dia oferecera uma cerveja para que “engordasse um bocadinho e se tornasse enfim comível” (esta história, provavelmente apócrifa, ainda hoje percorre os bares da América Central)?

F. tinha opiniões formadas e firmes sobre algumas coisas: as senhoras passam à frente nas portas e atrás nas escadas; um cabo empandeira-se de uma determinada forma e não de outra; vento forte é melhor do que ausência total de vento; mais vale amar do que ser amado (“é mais fácil, ao contrário do que parece — e menos sujeito a erros”, explicava).

Apesar disso a dúvida permanece: teria F. uma visão integrada da vida?

Pessoalmente duvido. Se tinha, tentava — e conseguia — de tal forma diluí-la numa mistura aleatória de vinho, cerveja, rum, whisky e sexo (em doses extremamente desiguais) que facilmente parecia não ter.

Quando uma mulher o atraía F. criava, isso está mais do que estabelecido, a ilusão de ter essa tal coisa da visão “integrada”. Numa mulher com nome de flor, por exemplo, via um tratado de botânica, um compêndio de metafísica e um manual de química pura; numa outra com nome de rainha via um futuro claro como cristal e um presente negro como um poço num dia de chuva. “Quando cessará o presente e começará enfim o futuro?”, perguntou-me um dia. Para F. presente era o que via do seu cubículo estreito com um pequeno *guichet*, frente ao qual desfilava o tempo e aquilo a que um jovem jornalista chamou, numa entrevista, “vida”. (F. vivia na bilheteira de um teatro e nenhum jovem jornalista resiste a um bom lugar-comum, por muito vazio que seja de significado).

As diferentes vidas de F. — não me refiro às diferentes componentes da sua vida, refiro-me às suas diferentes vidas — eram ou pareciam caóticas, complexas e fragmentadas. Terá ele conseguido integrá-las, ele que tanto desejava dar-lhes uma unidade coerente, direita como o mastro de uma embarcação de vela ou o membro erecto de um homem?

Ainda hoje não se sabe. F. nutria pelas mulheres um amor constante e uma atracção irregular; vivia por vezes na paisagem e doutras não se apercebia sequer da existência de um mundo exterior; um dos seus magnéticos sorrisos tanto podia ser dirigido à senhora com quem falava como a uma longínqua memória que lhe tivesse aflorado à mente.

F. morreu ontem. Não deixou nada escrito; nos últimos meses recusou-se a dirigir a palavra a quem quer que fosse — uma pedra no caminho arrancava-lhe mais palavras do que a presença dedicada da sua irmã, que vagamente entrevia (e claramente ouvia) à cabeceira da cama. Tão pouco se lhe recorda uma afirmação, uma opinião, uma pergunta, uma dúvida a respeito da doença que o levou — a qual se ignora qual foi, de resto.

Sabe-se que F. integrava em duas categorias distintas as mulheres magras com grandes seios e as gordas com eles pequenos, como se não fossem da mesma espécie (o que apesar de tudo lhes conferia uma certa unidade, um eixo comum horizontal — as mamas — e outro vertical: o desejo). Conheciam-se ainda de F. as opiniões sobre o vento ideal — superior a quinze nós e inferior a trinta; o mar — deve ser mais quente e mais azul do que o ar; as nuvens — “*cumulus* bom, tudo o resto mau”, sintetizava. Sabemos igualmente que preferia as mulheres de olhos abertos às que os usam fechados, mas ainda não sabemos a que chamava “olhos abertos”.

Nutria bastantes dúvidas sobre a capacidade desalterante da água; gostava de ler mas passava por vezes meses seguidos sem tocar num livro, para logo de seguida ler quatro por semana.

Como unificar tudo isto?

As dezenas de biógrafos de F. (um grupo heterogéneo que incluía as mulheres, os primos, os irmãos, alguns amigos e quase todos os inimigos) tinham opiniões divergentes.

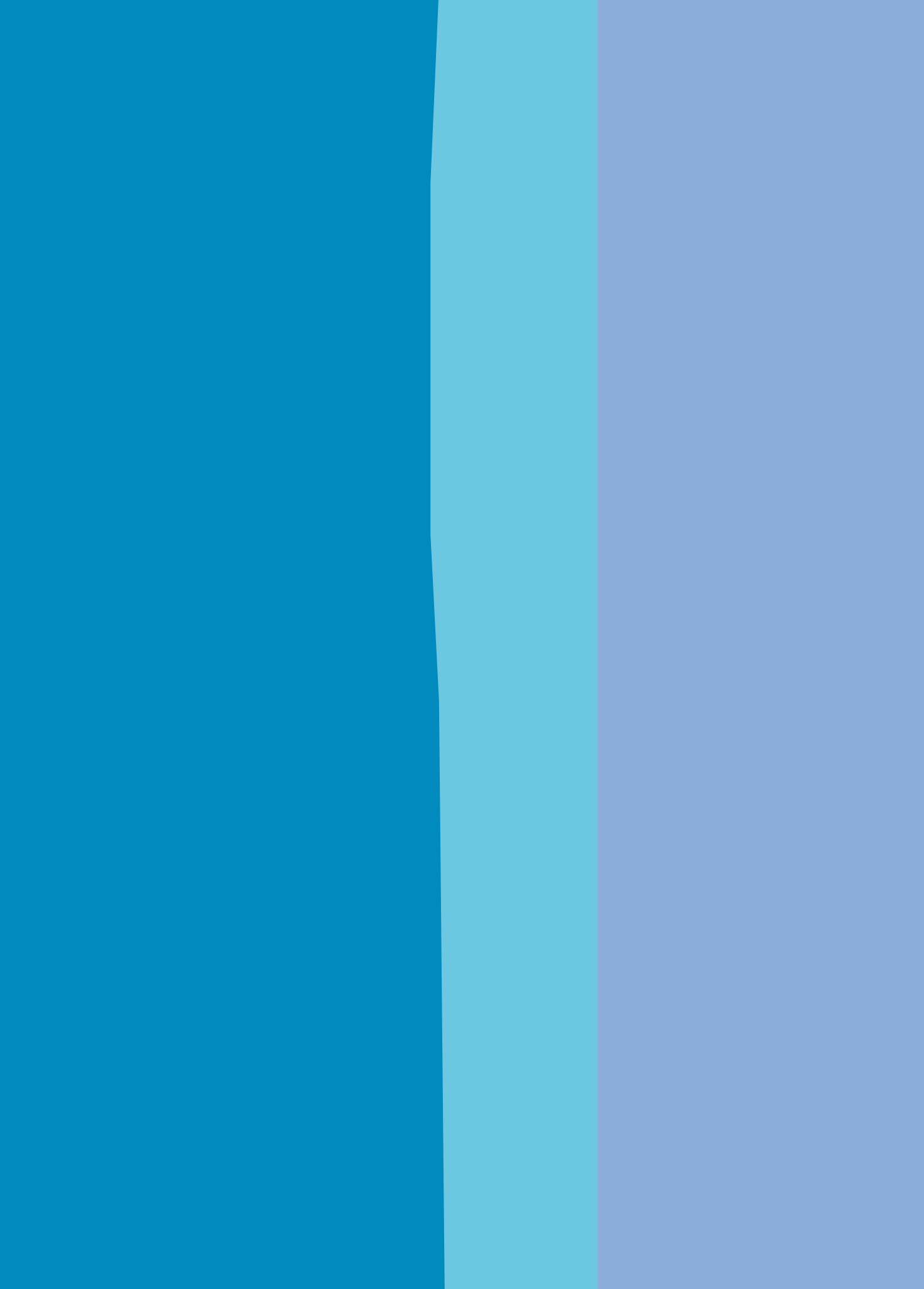
F. escrevia e por vezes falava na rádio ou na televisão, mas tentava economizar o que dizia. “Só há duas coisas que merecem e devem ser poupadas, porque são os únicos luxos: a água doce e as palavras”. Percebia claramente a relação entre o sexo e o aparecimento posterior de chatices, “inevitáveis como as crianças”, dizia não sem um traço de má-fé; ou entre o vento e o movimento de alguns corpos; entre o som e o movimento de outros. Mas teria por exemplo percebido a relação entre o vento, o mar e o amor? Nada é menos seguro.

E que pensava ele da relação, hoje estabelecida como inevitável — contrariamente ao que nos ensinam milénios de história da humanidade — entre o desejo, o acto sexual e o amor? Não sabemos. Tão pouco sabemos se reconhecia o fastio como um dos possíveis motores do desejo.

F. morreu com pouco mais de cinquenta anos. Teria tido tempo de deixar obra: uma biografia, um panegírico, uma explicação, uma visão, uma ou várias listas.

Não deixou. Tudo o que sabemos dele provém de fragmentos, escassos e esparsos como, sem dúvida nenhuma, ele quis que a sua vida fosse.

Martinica, Janeiro de 2011, Genebra, Janeiro de 2023



A Biblioteca Secreta do Mocho Listrado

Na Terra da Amizade aquele dia de Primavera haveria de ficar nas memórias de todos para ser celebrado. As irmãs abelhas bailavam em redor da urze e do rosmaninho, os primos esquilos brincavam nos ramos dos carvalhos com algumas bolotas, na margem do rio os filhotes duma lontra aventuravam-se longe de casa, a raposa vagueava no bosque à procura de companhia e as andorinhas, que chegavam de longe, faziam malabarismos lá muito alto, no céu azul. Todos os anos, na altura certa, as folhas caídas das árvores davam lugar ao branco da neve. Depois, no degelo, despontavam as primeiras flores e o verde dos campos. Até o colorido primaveril começar a desmaiar e o sol, no pino, aquecer as pedras para convidar às sombras do arvoredo. Durante muito tempo, em que a mãe Natureza se ia vestindo ao ritmo dos astros, na Terra da Amizade todos os habitantes tentaram inventar uma forma de se entenderem entre eles. Parecia-lhes uma missão impossível, por estarem habituados a só conversarem dentro das suas famílias. As abelhas para espalharem a notícia donde estavam as flores com o melhor perfume; os esquilos para saberem quais deles ficavam de guarda às tocas; as lontras para terem companhia de brincadeiras; a raposa para conquistar um parceiro; as andorinhas para responderem aos chamamentos vindos dos ninhos. E muitos mais, tanta era a vida que povoava o chão, a água e o ar que lhe davam alimento e abrigo.

Entre todos os amigos que ali viviam, havia um deles que tinha um dom raro e precioso, senhor de um privilégio que o distinguia dos demais e fazia ser respeitado. Não era fácil verem-no, nem descobrirem a sua morada, a ele que tinha um esconderijo numa antiga torre abandonada, bem dentro da floresta aonde as sombras eram rainhas durante a noite, e até de dia, e o nevoeiro descia sem ser esperado. O Mocho Listrado era reconhecido por este nome devido ao colorido da plumagem, um sinal que tinha herdado de pais, de avós, muito antigo, mais antigo do que ele próprio sabia, e que nenhuma outra família de mochos tinha. As suas penas eram riscadas de branco, de cinzento, de amarelo e de castanho ao longo do corpo, permitindo-lhe confundir-se na vegetação.

Esse dom especial que o fazia especial era, porém, mais importante do que o colorido da plumagem. O Mocho Listrado era o único, na Terra da Amizade, que compreendia todos os outros moradores e, melhor ainda, conhecia o meio de eles poderem entender todas as suas palavras.

Quando correu a notícia de que o Mocho Listrado tinha chamado todos para participarem na Grande Assembleia, a curiosidade instalou-se e cada família imaginou um

motivo para o apelo dele. Era uma cerimónia rara que só acontecia se algo muito importante houvesse para lhes dar a conhecer, ou para ouvir as opiniões da plateia. A assistência, vinda dos quatro cantos daquela Terra, ia-se reunindo na clareira entre a floresta e o rio, o local ideal onde cabiam todos e ainda sobrava espaço. No meio do terreiro, destacava-se um penedo imponente, naqueles dias coberto por musgo viçoso, onde o Mocho Listrado pousava para as suas palestras. Os convidados, ansiosos pela chegada do mestre mocho, começavam a mostrar-se impacientes. Quando, sem se fazer anunciar, ele apareceu vindo de entre os ramos do arvoredor, com as asas bem abertas, silencioso, para dar duas voltas sobre a clareira e aterrar na sua tribuna. Foi o momento solene em que todos se calaram.

O Mocho Listrado começou por lhes falar da velha torre de pedra, desde sempre o abrigo de família, um assunto que dividia opiniões sobre quem teria construído o monumento escondido na floresta. Também ele tinha as suas dúvidas sobre outros habitantes da torre, mas foi descrevendo como ela era por dentro, as portas, as escadas e passagens apertadas, e no cimo a sala redonda com frestas donde se via tudo ao redor. Os ouvintes começavam a ficar intrigados: teriam sido chamados para o Mocho Listrado apenas revelar como era a sua casa? Afinal não.

Depois de uma curta pausa no seu discurso, em que o mestre mocho procurou a forma mais simples de se fazer entender, e de mostrar as suas intenções, decidiu-se a não os fazer esperar pelo que era importante.

As formas como a Natureza se vestia, os trabalhos de cada família, tudo ali tinha o seu tempo destinado, o tempo certo. O Mocho Listrado decidira que era a altura para lhes dar a solução de como se entenderem entre todos. Não era obra de um dia para o outro, haveria de demorar e, como todas as grandes conquistas, só dependia da vontade de todos em deitarem as sementes à terra. O Mocho Listrado tinha dedicado muitos anos à leitura dos livros que várias gerações de mochos tinham escrito, e guardado numa das salas da torre, motivo de parte importante da sabedoria. Não era uma biblioteca qualquer, era a biblioteca dos mochos, com muito valor. E que lição tinha aprendido dentre tantas páginas, para ajudar a resolver o problema de não terem uma língua comum? Era simples, mesmo muito simples. Tinham de perder o medo, o receio sem razão que os afastava dos vizinhos. E deviam lutar juntos contra todas as doenças da Terra da Amizade, mantendo cada recanto puro para poderem respirar, beber e provar os seus frutos. Havia ali espaço para todos, um espaço que não precisava de muros, nem de grades.

Quando o Mocho Listrado levantou voo, e se foi por entre os ramos do arvoredos, todas as famílias retomaram as suas ocupações. As memórias do dia de Primavera estavam bem vivas, seriam passadas aos filhos, com as palavras que o Mocho Listrado tinha aprendido na biblioteca secreta. Ele estava certo: um dia todos se haveriam de entender, o dia da verdadeira Amizade.



Carta a Forough Farrokhzad

Na minha noite, tão breve, envio-te — como no teu poema, em que o vento tem encontro com as folhas das árvores — notícias do teu país. No Irão, as mulheres, em luto, a sua dor convertida em protesto, cortam o cabelo e queimam a *hijab*. À data em que te escrevo — 3 de Outubro de 2022 — morreram 133 pessoas em manifestações e, há dias, um amigo iraniano, Ehsan Khoshbakht, enviou-me uma carta aberta, que assinei. Breve, incisiva, intitula-se “Oçam as vozes de uma revolução feminista no Irão”.

As mulheres do meu país têm saído timidamente à rua para juntar as vozes a outras que, por todo o mundo, gritam “Mulheres, vida, liberdade”. Essa timidez deve-se, também, a que, para a imprensa e academia ocidentais, o Irão é demasiado distante — não apenas geograficamente. Para muitos ocidentais — isso agravou-se com a proliferação de discursos xenófobos, racistas e de ataque à pejorativamente chamada “ideologia de género” —, muitos problemas que afectam os países do Sul são reduzidos a “questões culturais”. Isso inviabiliza a solidariedade total, expressiva, com lutas por direitos básicos, encetadas em países orientais. Por outro lado, e como aponta esta carta, subscrita por intelectuais como Judith Butler, Jacques Rancière, Angela Davies ou Seyla Benhabib, uma abordagem dita mais progressista neo-orientalista ignora questões relativas à condição humana em países não ocidentais levando à rejeição das resistências feministas e *queer* iranianas.

De tudo isto, sei menos do que te queria contar. A 16 de Setembro, uma curda-iraniana, Mahsa Amini, foi assassinada pela polícia da moralidade por usar a *hijab* de um modo que lhe deixava parte do cabelo solto. Era pouco mais velha do que tu quando, com 19 anos, em 1954, entraste, sem marcar, no escritório do editor da revista literária *Roshanfeker (Intelectual)* e, com as mãos sujas de tinta e o corpo a tremer, lhe estendeste três poemas. Em “Pecado” assumes o prazer, a vertigem, e a falta de vergonha em amares um homem fora do casamento. Quando o poema foi publicado, não te escondeste sob um pseudónimo, como era comum. Assinaste, também, com uma foto tua, enquadrada pela curta biografia que te apresentou como sendo casada e mãe (escrita pela revista, mencionava o teu cabelo desalinhado e os olhos penetrantes).

O teu gesto de liberdade mudou o fluxo em sentido único, durante milhares de anos, da literatura persa escrita pelos homens sobre as suas vivências amorosas. Pela primeira vez, uma mulher escreveu autobiograficamente sobre desejo e o despertar sexual com um amante que não era o marido.

No Irão de então, a modernidade coexistia com os costumes persas, desde que, em 1953, aconteceu um golpe de Estado, implementado com apoio dos Estados Unidos e Reino Unido. Eisenhower e Churchill temiam que o presidente eleito democraticamente, Mohammad Mosaddegh, viabilizasse um governo comunista, e ajudaram a restaurar a monarquia, colocando Mohammad Reza Pahlavi no poder.

Por estes dias, as redes sociais evocam imagens deste passado em que a *hijab* foi proibida; nos filmes, as iranianas usavam saias curtas, e as escolas abriram-se à frequência por mulheres. Durante esta abertura, porém, o casamento continuou a ser o único futuro para elas. Casaste aos 16 anos. Mais tarde, disseste que aquele casamento, tão nova, destruiu o teu futuro.

A punição pela transgressão — ser mulher, poeta, e ter um amante — não tardou. No teu país, como no meu, uma mulher com um amante poderia ser facilmente morta por isso, sem que o assassino fosse quase penalizado. No teu caso, a violência foi outra. O divórcio custou-te a perda da custódia do teu filho. Ilegalmente, foste impedida de estar com ele. Depois de um esgotamento nervoso, tentaste o suicídio. Seguiu-se o internamento psiquiátrico e a terapia com choques eléctricos. Da dor e da perda ficaram traços na poesia. Entre o amor de mãe e a poesia, não havia escolha possível. Um ganhou expressão na outra.

Deixaste brevemente o Irão. A estadia em Itália e depois na Alemanha foi uma experiência de abertura cultural transformadora, com ecos na tua poesia. Quando, após o regresso, te empregaste no estúdio de Ebrahim Golestan, surgiu um amor intenso entre ambos. Divorciada e agora amante de um homem casado. Da nova transgressão, nasceu o teu livro de poesia favorito — *Another birth* (na tradução inglesa) —, dedicado a Golestan.

Quando tentaram creditá-lo pela tua iniciação como realizadora, e por ter inspirado os teus melhores poemas, Golestan disse que eras a tua maior influência. Conheceu-te num estado de permanente actividade criativa. Escrevo isto com tristeza. Por toda a parte, a tua poesia quase não é dita e está escassamente traduzida. Talvez isso aconteça, em parte, porque foi proscrita no Irão, onde, após 1979, foi censurada e passou a circular apenas na clandestinidade. Mas não creio que seja razão única.

Neste teu livro, o olhar sempre tão pessoal ganhou amplitude e satirizou, pela palavra, a burocracia desumanizante do governo de Reza Pahlavi. A tua poesia rasgou, de

modo crítico, o véu das representações do Irão ocidentalizado, que a actual circulação de imagens rememora saudosamente. Escrevo isso para dar densidade a este mundo em que viveste e, de certo modo, traçar a genealogia deste mal que matou Amini mas já te matara a ti. Pahlavi, esse, manteve-se 26 anos no poder, até a revolução de 1979 ter incendiado as ruas e trazido ainda maior obscurantismo.

Durante o tempo no estúdio de cinema de Golestan, em colaboração com uma associação de ajuda a leprosos, surgiu o projecto que resultou no documentário de curta-metragem *The house is black*. Após uma primeira visita à leprosaria, regressaste, meses depois, com uma pequena equipa. Estava-se em 1962, e, em Tabriz, durante 12 dias, usaste a poesia, que extravasou para a imagem, para resgatar a humanidade dos moradores desta casa. O filme não escamoteia as mazelas deixadas pela lepra, abordando os tratamentos da doença. Os planos, porém, são tomados de modo a revelar as pessoas além das deformidades. Numa sequência, na sala de aulas, para uma criança a casa é negra. A imagem é uma metáfora justa para o Irão actual — casa enlutada, onde as mulheres vivem ou na sombra ou no luto, que, multiplicado, se fez luta.

Nestes dias, lembro-me da mulher que filmas, delicadamente, ao espelho. Há dias, vi a fotografia de uma jovem de cabelo rapado, junto ao túmulo da mãe, assassinada nestes dias de dor e violência. Intensa e dolorosamente bela. Penso-a como contracampo desta imagem, mais antiga, que filmaste da menina de cabelos negros, longamente ondulados, penteada por outra, no teu documentário.

A leprosaria não te salvou, mas deu outra dimensão à tua poesia, que se fez acção. Lá adoptaste Hossein Mansouri, um dos meninos, que também cresceu poeta e se fez tradutor da tua obra na Alemanha, onde vive. Morreste poucos anos depois, em 1967, num acidente de carro. Tinhas apenas 32 anos, e viveste intensamente este amor, que nunca terminou, com Golestan.

Poucos amantes do cinema de Abbas Kiarostami sabem como o teu cinema e a tua poesia são fundadores das imagens dele. E, no entanto, no seu *O vento levar-nos-á* — título que é a citação, de coração, de um poema teu —, estão, não só as tuas palavras, mas as inquietações. Está um reflexo da procura que fizeste na casa a negro. Kiarostami filma a busca de um engenheiro de Teerão que, na aldeia de Siah Dareh, no Curdistão iraniano, quer filmar um ritual: o das mulheres que se ferem nas faces quando alguém próximo morre. A poesia, agora, está nas ruas do Irão. O vento levar-nos-á?

Ler Borges
na tarde pálida e cinzenta
e imaginar, por entre sonhos
o universo de Rumi
e a metafísica tão díspar
que há entre a vida real
e o universo de Platão.

Nós, que somos da sombra
trazemos no olhar
essa prisão derradeira
tropeçamos nas pedras
e caímos vezes sem conta.

Essa queda é apenas um sinal
da nossa indócil animalidade.

Talvez esperar seja a saída.
Esperar ou lembrar
adentrar as vértebras do tempo.

Desço, ao som do vento
que habita o jardim
no coração da escuridão.

Revejo-me na poça de água
um rosto onde linhas indecisas
gravam a cartografia do tempo.

Já não me reconheço
entre o que sou
e a memória do que fui.

Limito-me a ouvir a escuridão
e o vento que se enrola
nos frutos das árvores.

Outrora
no lugar do vento
eram os teus passos.

A noite derradeira

A pergunta nunca feita
a verdade como lâmina
um avião
a moça sem nome dormindo feliz
em ainda outro continente
eu chorando muda
diante do seu rosto sem tecnologia

La noche
antes fria
ferve com a tristeza daquela hora

Eu não economizo nada
coragem
impulso
afeto
dor

O silêncio molha as bochechas
inundam seu colarinho meus soluços
(a nudez possível)

São vinte e dois abraços em um
tanto tecido no caminho do desejo
o muro necessário
nosso acordo tácito

O que agora te digo
tô triste
te quero
seja feliz

Eu quis sofrer ao vivo
desmoronar sem palavras
voilà
tô lá
de pé na rua quieta
desabrochada feito flor noturna

Nos despedimos como quem sabe
que nunca mais vai se ver
por isso o abraço número dezessete
por isso o vinte e um
e o tempo suspenso entre os dois

Saiba que te quero muito
você diz na sua língua
e me beija puro lábio

Eu choro nos seus olhos e na fechadura
choro no vão de pedra
choro no elevador

No quarto os dedos acham a umidade entre as pernas
me consolo com saliva e lágrimas

Acordo com a luz da manhã
está frio
estou nua
seu sorriso em inglês me tatuou as entranhas

Eu vim construir uma ponte
sobre o abismo que eu mesma criei
vim arriscar
vim me rasgar e me rasguei

Voo pra casa sonhando sorrisos sem sotaque
o tempero de sempre
a água desejada do meu continente

Volto combalida e poderosa
elástica
corajosa
alegre e sem certezas
dilacerada em beleza
volto eu mesma e muito outra
volto inteira



Volto já, meu pai

Este é um texto de Abril de 2021, ao qual regresso hoje, ao qual acho que regressarei sempre. Quero que permaneça, que me lembre.

Seres gregários, o desejo de nos ligarmos aos outros é o que nos mobiliza, desde o nascimento. A procura do Outro é um impulso profundamente ancorado na nossa organização psíquica, corporal e visceral e é a qualidade da resposta a esta necessidade primeira que nos garante um equilíbrio biológico e psíquico elementar e a possibilidade de prosseguirmos a vida. É o nosso sopro vital. A proximidade e o laço social afectam profundamente a nossa saúde física e mental, desde sempre e para sempre, até ao fim.

Pele a pele, olhos nos olhos, a necessidade do contacto humano não diz apenas respeito à infância. A sua carência precoce é a mais grave e a mais profunda, mas sempre que ocorre ao longo da vida reactualiza o trauma ou introduz o mal-estar no tecido humano, rompe o equilíbrio somato-psíquico, rasgão que é preciso voltar a tecer, com todo o cuidado e vagar, um trabalho que se fará de novo através da relação humana e do laço. Não há outro modo. Não há outro remédio.

São numerosas as investigações que revelam como a ausência de suporte social, a penúria dos laços, o isolamento e a ausência de contacto humano e de reconhecimento, se apresentam como factores determinantes nas causas de mortalidade e, igualmente, os estudos que mostram como são ainda o laço social, a relação e a proximidade que tantas vezes nos podem salvar a vida.

Ao longo dos últimos anos vivemos momentos de profundas inquietações e dores, em proximidade ou à distância. Lembramos e também esquecemos. Como sempre ocorre com o que é humano, a nossa mente suporta o que nos é suportável e elabora o que nos é possível elaborar no momento. E também nega e esquece. Ao longo destes tempos foram vários os isolamentos que afectaram profundamente a nossa saúde física e mental. A privação do contacto e a ausência de proximidade romperam tecidos humanos, reactualizaram traumas, causaram danos e provocaram mortes. E foram também os laços sociais, a relação e a proximidade, que salvaram muitas vidas.

Guardo dos anos que passaram a imagem do homem que fez regressar, na minha vida adulta, um dos heróis da minha infância e que resgatou a humanidade neste tempo de naufragos: subiu a um quinto andar de um hospital, pela fachada exterior, usando a técnica de escalada por cabos, para estar com o seu pai internado com um cancro. Antes

de os seguranças o virem buscar, pois todas as visitas estavam interditas, despediu-se do pai com um abraço, dizendo-lhe: volto já, meu pai.

Dizem que estes tempos trazem as gentes mais tristes, mais desenlaçadas, mais depressivas, mais zangadas. Não seria de espantar. Pois não é o enlaçamento social o que nos liga, nos anima, nos devolve a alma e nos permite movimentos de transformação expansiva através do encontro? E o isolamento o que nos aparta, nos deixa de fora e nos exclui, uns dos outros, o que nos confina ao mesmo, em saturação, dentro de nós? Dizem também que houve aqueles a quem o isolamento trouxe bem-estar. Estariam esses cansados da pressão apressada do mundo?

Não sabemos por quanto tempo as regras destes distanciamentos ecoarão dentro de nós. Mas não nos iludamos: seja lá como for, será a proximidade humana e não qualquer vacina o que verdadeiramente nos salvará.

Janeiro de 2023

Conto para mães negras

O dia em que nasceu Ananias, choveu. A água corria por baixo do teto e o fogo apagava-se, molhavam-se as camas, as roupas; e logo começou a chover sobre o molhado. Quando nasceu, Ananias tinha mãe, mais nada, e pouco tempo depois, em um sábado entardecendo, ficou sem ela porque morreu de sofrer do coração. Mas antes de morrer, cuidou de seu filho tudo o que pôde. O dia em que a água correu por baixo das camas, ela conjurou pela metade o perigo de que Ananias morresse feito um afogado, cortando as últimas braçadas de galhos secos e estendendo os catres por cima. Pouco tempo depois, a mãe morreu, e Ananias não pôde se lembrar de que havia morrido, mesmo que tivesse sido do coração, por não bater quando devia ter batido. Quando ficou só e menino demais para levantar-se por si mesmo do ninho em que o tinha deixado sua mãe, esteve vários dias sem provar alimento. Até que, sem saber como nem quando, esteve dormindo no colo de pau de uma avó aparecida com um jarro de leite, do qual não provou quase, porque não sabia o que era, até que a avó lhe disse que era o melhor para as crianças, porque era leite de égua. Ananias não demorou em se dar conta de como era diferente sua avó de sua mãe. Salivava como dizem que cospem os guanacos da Patagônia, e em vez de dizer *rancho* dizia *bohío*, em vez de queijo, leite condensado, e em vez de Ananias, negro de merda. Sem se lembrar de que dia era, a velhinha trouxe a égua até o rancho, porque fazia mal para suas pernas caminhar demais todos os dias, caminhar e buscar o leite; e desde esse dia, a barriga de Ananias começou a se arredondar e a avó ria como um grilo, porque tinha certeza de que o estava criando bem. E para que ele apreciasse, levava-o ao pé da égua, para que visse como a ordenhava e talvez aprendesse. Um dia, enquanto Ananias e um cão amarelo, um prodígio de magreza, esperavam o leite da manhã junto da avó que afirmava a testa na virilha e ordenhava, a égua, de tão velha, ficou sem leite. A avó a olhou com raiva e revirou os olhos antes de a soltar. Que fosse para o campo se quisesse, porque agora não servia nem para montar, pois a avó era muito velha e Ananias era pequeno assim. E enquanto a velhinha se desvelava pensando em como criar Ananias, Ananias se criou sozinho. E para que a avó não envelhecesse tão rápido, aproximou-lhe uma cadeira, sentou-a ao lado do forno de fazer o pão que nunca foi feito, soltou-lhe o cabelo que chegou prateado quase ao chão e deixou-lhe no colo uma bolacha dura para que fortalecesse os dentes um pouquinho todos os dias, até que chegasse a hora de dormir. Então, Ananias a tomava entre seus braços musculosos como serpentes e, com muito cuidado, deixava-a no ninho de trapos que sua mãe lhe tinha preparado quando ainda estava viva, e deixava-a sonhando

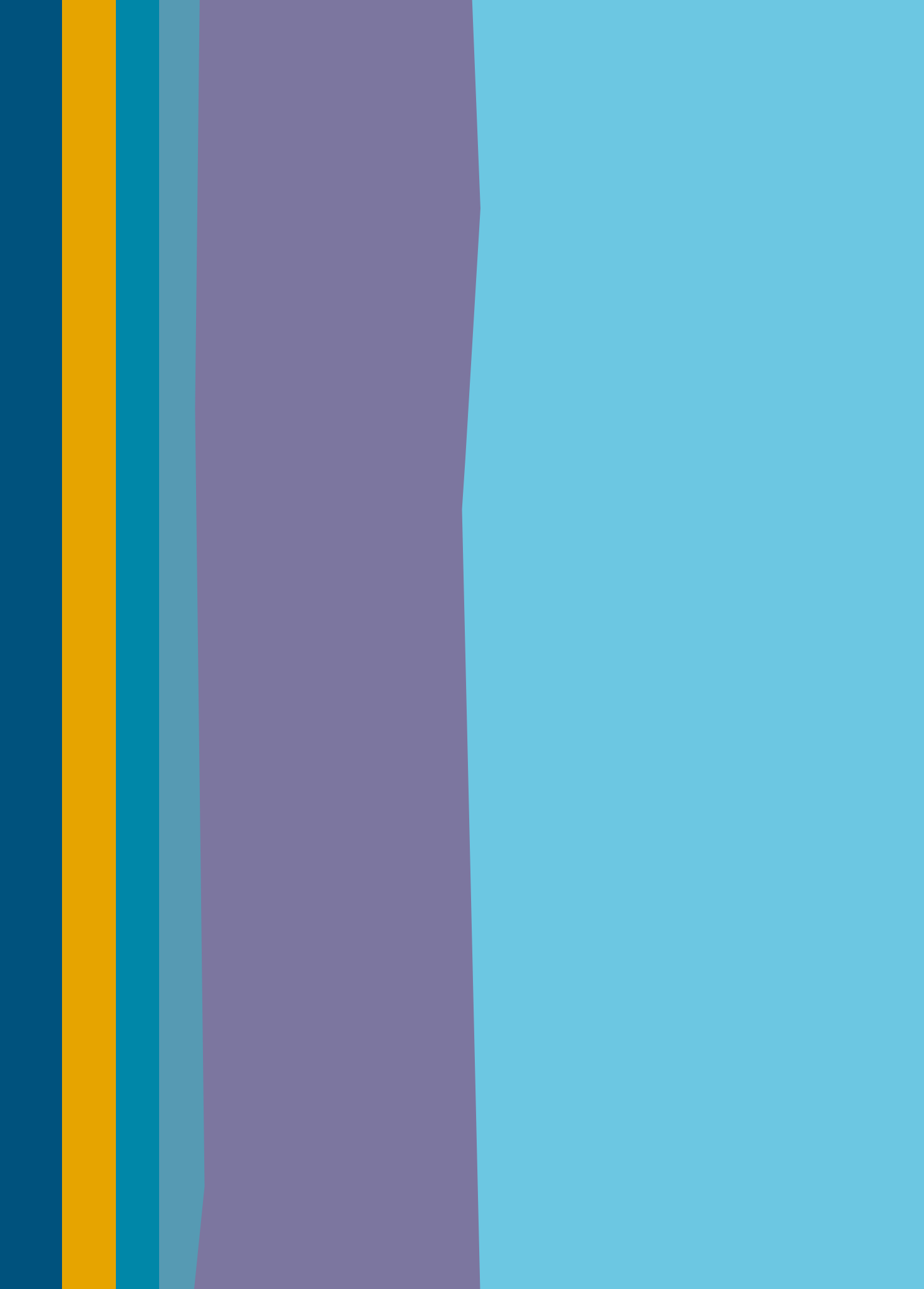
enroscada em si mesma, como se estivessem seus ossos dobrados dentro de sua pouca carne, acalentando-a em um escandaloso assovio fronteiriço, mais brasileiro do que do lado de cá. E enquanto a velha mãe de outra mãe dormia por mais de um dia sem que pensasse em acordar, Ananias fez a chacra, semeou o milho, cresceu o milho, cortou o milho, debulhou, ensacou, levou, vendeu e quando voltou, a avó já estava acordada. Nesse dia, a avó chorou como uma menina de quatro anos, porque quando Ananias voltou, ela viu que estava muito velho, que lhe restavam dois tufos de cabelo sobre as orelhas, e por entre a barba de negro muito branca, via-se com facilidade que já tinha perdido o último dente e o molar seguinte. Então foi a avó quem desde esse dia teve que fazer as tarefas, cuidar dos poucos bens de Ananias, estender a roupa ao sol e branquear o rancho com figos-da-índia e cal viva. Tostou-a o sol, alargaram-se seus peitos e muitas das rugas foram levadas pelo vento do verão. Ananias, que permaneceu longo tempo imóvel de tão velho, sobre a mesma cadeira da avó, também comeu bolacha dura e até milho moído; mas foi em vão, porque os dentes não tornaram a nascer, nem nada do que já era velho. Aos poucos, começou a enfurecê-lo a solidão do verão e as horas monótonas dos meios-dias, enquanto a avó comia melancias frescas na chacra com um negro grandalhão, enquanto Ananias era comido pelas moscas e as mutucas. E de repente, rapidíssimo, como se não fosse nada, o calor daquela intensidade reprimida sentiu-se com tão desmedida força, que os anos começaram a desandar seu torpe caminho, e antes que as primeiras geadas e as tempestades tivessem com razão que sobrevir, o milho da chacra voltou a nascer sem que ninguém o plantasse. E também, sem que ninguém falasse de milagres nem coisas parecidas, Ananias recuperou alguns de seus dentes principais, arredondaram-se os joelhos da avó e suas coxas já não foram de pau, nem teve mais que cuspir como esses animais do sul, porque Ananias lhe proibiu terminantemente que o fizesse no dia em que decidiu varrer todos os dias o pátio de terra batida e acender o forno para comer pão quente nas madrugadas de chuva, enquanto a avó dormia, descansando a cabeça sobre o lombo amarelo do cão, que olhava como era ordenhada a égua que voltara ao rancho sem que ninguém a notasse. E um belo dia, aconteceu o inevitável. À luz alaranjada de uma vela de sebo e no mesmo ninho de trapos no qual havia chegado ao mundo, Ananias viu nascer sua mãe.

Sede

diante deste poço que água não me deu
quando por ele passei sedento
por algo de concentrado, poção, concedo
posso ter passado demasiado cedo
na boca portando um quebranto seco
'desta água não beberei'
que feito pedra, ao passo que a fonte
afunda, concêntrico reverbera

passei cedendo à sede, mas de esguelha fitei
as concêntricas pedras excedentes da terra
invertida torre, no fundo sentinela
o sol secando sua boca silente que talvez
também como a minha sede tivesse
e se pôs em lembrança recorrente
para que certo dia portando sede diversa
me concedesse algo do fontanário inverso

mas caso assim tampouco fosse
por ter passado demasiado tarde
ou em outra fonte a sede matado
antes cedo que tarde eu possa
ceder aquilo que deste-me poço, este passe
que em cada um reverbera com a forma
não de sua fala, mas de sua sede
feito água de poço, que concentra e eleva.



O cão que falava irlandês

Era noite densa. Grilos e o grasnar de rãs. Ruas silenciosas. Nuvens.

Terminara o jogo de futebol. Seguidamente, de Baaba Maal e Mansour Seck soou *Djam Leeli*. O tom das disputas subiu n'O Café.

Sentara-me na mesa sete. Deu-se uma fusão entre o ritmo da música e o ânimo das conversas.

A tela suspensa detém o meu olhar. A senhora da mesa cinco pede que se abaixe o som da música. O volume do aparelho regista um aumento. Entre espanto, risos e pequenas fumaradas, um indivíduo de rugas acentuadas surgiu enfocado.

Trazia na mão uma catana ensanguentada. Descalço. Calções desfeitos. Quem o visse assim imaginaria que escapara da boca de um crocodilo.

Depois de rodar a vinheta o apresentador introduziu o assunto e chamou a reportagem. O velho dispôs-se a contar tudo. Exactamente como aconteceu, segundo ele próprio afirmou.

Em letra **CAPITULAR *boldada*: ASSASSINATO DO CÃO QUE FALAVA IRLANDÊS**: *Caso insólito ocorrido num dos subúrbios da Cidade de Maputo, parece tratar-se de um caso de legítima defesa.*

Indo à polpa disto; o velho tossiu ao verificar que o repórter levantava o microfone. Disse o seu nome. Ou este escorregou-lhe como um objecto untado. Começou a contar a verdade dos factos.

— *São cinco anos. Trabalhei com o senhor Rian Liam Mota. Enviado especial da ONU para aqui. Trabalho dele cabou. Desde sempre cozinhei, parava relva às vezes, era motorista de família. Quando chegou hora de ele regressar para terra dele, não sabia bem o que ia deixar para mim. Então, ofereceu quadro de artistas e outras coisas. Mas, depois também deu Sean, o cão dele.*

Seguiu-se o relato. Ele nunca foi o zelador do Sean. Nunca gostara de cães. — *Mas era meu patrão que estava a me oferecer. Não podia negar coisa de patrão. Na manhã seguinte levei o cão para casa. Presentei minha mulher. Essa olhou uma vez. Depois levantou os olhos grande para mim: Como nós vai cuidar de cão, se nós mesmo é cão, Julião?* — Este emudecera. Meteu o cão numa casota improvisada e a vida seguiu. — *O cão não me obedecia. Não me entendia. Falava irlandês. Era para eu fazer o quê? Eu não falo irlandês!*

Na segunda semana, segundo contou, o cão quase arrancara a sua mão. — *Acho que estava acostumado a comer carne. Eu não tinha carne para cão. Hoje,* — Disse o velho referindo-se a anterior quinta-feira, da segunda semana de estadia de Sean. — *Hoje ele escapou da casota. Eu estava organizar umas ferramenta de meus biscoitos. Veio correr. O que quer cão quando vem correr com língua fora? Matar-nos! Foi isso que pensei. Puxei catana. E zás!* — Naquele momento Julião fez uma pausa. — depois? — perguntou o repórter — *Dei golpe. E cão caiu. Dei segundo. E ficou no silêncio. O gajo morreu ali.*

— Traremos mais informações do caso nos próximos blocos noticiosos — anunciou o apresentador que se virou para uma outra câmara, fazendo menção do intervalo que se seguia.

Afinou-se o volume do aparelho. As conversas retomavam, a pouco e pouco, o tom enfático.

O empregado de mesa regressa com outra cerveja. Uma jovem acabara de chegar. Ficou para a mesa nove. Sorriu. Andava em torno de vinte e cinco anos, acho. Pousou os óculos na mesa. Levantou-se. Desapareceu por um pequeno corredor. A chuva começa a sua cantoria. E dou por mim a pensar em Sean e Julião com um copo de cerveja na mão.

O poço

No início era o caos, foi assim que eu o disse, completo e pavoroso, a insinuar-se por todo o lado. Pareciam escutar-me com pouca paciência, e nenhuma curiosidade, enquanto sentados em cadeiras esquecidas no meio deste descampado onde montavam o circo, quando o circo vinha à cidade. Sabia que os perdia, a sua atenção. Um bebericava de uma garrafa de cerveja e o outro, quase a dormir, fixava olhos num painel publicitário distante, sem conseguir ler as letras mais miúdas. Sentávamo-nos junto à borda larga do poço escavado há muito, onde os acrobatas das motas do circo brincavam com a Morte. Agora, era apenas uma cratera escura de tão funda, como se um meteorito ali tivesse caído e vaporizado sem mais, quando ainda há poucos meses estava revestida de redes metálicas e bocas de gás que cuspiam fogo bem alto, assinalando aos motociclistas onde era a entrada do seu inferno subterrâneo.

Também Minos cuspiu, mas para dentro do poço e alívio da garrafa de cerveja já vazia. Queria saber de que caos eu falava. Pois bem, expliquei como tudo fora criado, céu, terra, mar e submundo, e por fim o Homem, a quem foi entregue o domínio do fogo, esse erro agora tão evidente por desperdiçarem o fogo em brincadeiras com motas, por exemplo. Aborreceu-se de vez, farto que estava de guardar esta cova funda. Que ponham um cão, dizia, será um serviço para um cão, ou três, como nós somos, ou um único cão com três cabeças ferozes, completou o outro.

Como tudo fora criado? — gracejou o primeiro. Aproveitaram um poço seco que já lá existia, tapado, é certo, por ordem de uma mulher, dona das redondezas desta Vila Velha de Tão Pouco, de forma a enterrar um cavalo vivo, uma égua, para ser mais preciso. Uma louca, completou ele. E então um poço que se vai enchendo dos males com que se cruza, e por isso não é um poço, pois está repleto, daí o conseguirmos atravessar de borda a borda sem lá cair, como que ocultado à vista de todos.

Retira do bolso um guardanapo e desembulha o bolo de farinha e mel que trouxe, para calar-se enquanto come. O bolo acaba por o deixar mais calmo. Há quem brinque com a Morte, é certo. Aqui vem mais um a caminho do nosso poço e não sabendo ao que vem. É bem recebido, como todos o são; até o ajudamos a saltar para o fundo deste buraco escuro, e dizendo-lhe onde deve cair de vez, pois é esse o nosso propósito.

Dizia eu, então, que apenas o caos habitava o início, que tudo teve de ser feito para que fosse escolhido um fim para todos, e tão só isto. Um início que permitisse o fim.



Reflexões sobre Reflexos: O Espelho

I.

Durante muito tempo, víamos o nosso reflexo nas águas claras. A nossa forma e a sua semelhança foi moldada pelos espelhos, e como estes aprofundaram o nosso olhar, que assim nos revelou mais da nossa vasta paisagem interior. Por vezes, só temos uma visão da nossa identidade através do reflexo. Podemos ter consciência de algo, mas o confronto visual com essa outra versão de nós desperta-nos para a possibilidade da alternativa que não é menos real, posta a descoberto.

A primeira impressão nunca vê a realidade e os seus contrários, apenas procura a confirmação, daí esse acto recorrente, do olhar para dentro quando estamos defronte de um espelho. A aparição pode ser uma surpresa, um absoluto que se revela sem ser necessário formular uma teoria. E olhar ao espelho é uma experiência intensa de pressão contínua, pois temos milhares de pares de olhos a olharem-nos por cima dos ombros, e tentamos substituí-los a todos pelo nosso olhar singelo. Assistimos, no duplo sentido da palavra, à incessante imitação do primeiro olhar sobre um ser nesse momento.

Há a sobreposição de mim com o eu idealizado, a união de duas perspectivas em simultâneo. Daí falar-se no confronto com o espelho, do real com o imaginado, da interioridade com a carapaça exterior.

Este poder de observar, de perscrutar as nossas fraquezas e assim, ganhar poder sobre a representação da nossa imagem é puramente mental e não físico. Mas é imperativo aceitar a nossa própria imagem, para depois, porventura, podermos projectar uma versão alternativa, mais trabalhada. O espelho tem então a habilidade de surpreender sucessivamente através de diferentes efeitos, e com as diferentes imagens que devolve: as que falham em atingir a nossa expectativa.

Estar em frente ao espelho é ver o caminho para o inconsciente. A desorientação de um reflexo que nos é devolvido junto com um feitiço, o de não desviarmos o olhar. São bons objectos, até para nos ouvirmos a nós próprios a falar e devemos apreciar realmente o que vemos no espelho pois é a última oportunidade de ver essa mesma imagem.

Rejuvenescer será algo que pertence a um outro mundo que não o nosso, mas a ausência do contacto com espelhos pode levar a um envelhecimento repentino, se o transeunte mais incauto der com o seu reflexo numa esquina, depois de ter passado longos períodos a olhar para as nuvens ou para o chão. Porque um espelho pode estar encostado a uma parede, anos a ganhar pó, mas ele não indica a permanência, é um símbolo da mudança, da descontinuidade.

II.

Como seria o mundo antes de os espelhos existirem? Um mundo onde nada nos era reflectido, onde a impressão das coisas nos chegaria em segundo grau apenas. Seria certamente um mundo menos claro, mais enevoado, com uma sala dos espelhos a assinalar o fim de tudo, o espaço sem porta de entrada, sem janelas para o exterior, o espaço do nada, só a repetição — sem originalidade. O lugar abstracto que é a galeria de espelhos, onde tudo está numa concordância dissonante, sem espessura nem nada que faça estremecer a imagem reflectida, sem relevo ou textura, como se a superfície fosse desassociada da estrutura.

Poderá haver um reflexo neutro, um eco perfeito, ou é uma ilusão? Do outro lado do espelho existe o equivalente daquilo que conhecemos. Não é a cópia, não é a repetição, mas uma sombra que não tem a hipótese da beleza que têm as coisas vivas.

O ângulo frontal exposto, o que não representa a totalidade e expõe a nossa memória efémera, lugar da vertigem para uma visão etérea. O reflexo que tem forçosamente de nos pôr reflexivos. O espelho não promete, devolve na hora, disponível até ser tapado, plenamente funcional até ser quebrado. Não é uma fantasia conceptual, a imagem do espelho mostra-nos na nossa presença o que somos na ausência. A remanescente vibração, imperceptível.

Permaneço numa paisagem do infinito — Exposição de Bertílio Martins e Vasco Célio*

*Morrer — isso não se faz a um gato.
 Pois o que há de fazer um gato
 num apartamento vazio.
 Tregar pelas paredes.
 Esfregar-se nos móveis.
 Nada aqui parece mudado
 e no entanto algo mudou.
 Nada parece mexido
 e no entanto está diferente.
 E à noite a lâmpada já não se acende.
 — Wislawa Szymborska*

Tinha o meu filho uns cinco anos quando enfrentou, pela primeira vez, a ideia da morte. Nunca lhe neguei explicação sobre nada e não o ia deixar no vazio sobre a questão que ele me fez. Disse-lhe que a morte é apenas um estado passageiro, como a vida ela própria. Morremos e nos transformamos em moléculas que depois adubam o solo e viramos grandes árvores. O ciclo da vida, porque é disso que se trata — um ciclo, ou um círculo, que começa, termina e volta a começar — é infinito. Somos infinitos, como o pó de estrelas. Talvez porque a nossa pequenez seja tamanha que nunca conseguimos saber quando começa e acaba aquilo que está fora de nós. Quantas estrelas já morreram e continuam a brilhar?

Bertílio Martins e Vasco Célio trazem, nesta exposição, duas visões opostas e complementares sobre a indesejada das gentes, como dizia o poeta.

As obras de Bertílio Martins — desenhos, gravuras e pinturas — dão uma visão horizontal e escura da morte. Através das monotípias que se apresentam encobertas, dos desenhos que espreitam por um óculo ovalado ou das pinturas, grandes superfícies obscuras de onde emerge algum sinal de luz, o artista convoca a morte e convive com sua ideia e com seus mistérios. A morte está lá, mas não completamente desnudada, é preciso subir uma escada para a ver mais de perto, ou baixar ao nível do chão, ajoelhar-se quase, como fazemos nos cemitérios, diante das lápides, diante dos nossos mortos que permanecem e sobrevivem em nós.

Não é a primeira vez que a morte aparece na obra do artista e a sua presença é um sintoma que se converte em gesto criador. Não se controla o ciclo da vida, nunca sabe-

mos do começo nem do fim, mas da obra sabe o artista e aqui ele consegue inscrever o seu próprio ciclo e fazer que permaneça viva a memória, e a presença, daqueles que já não estão, mas que brilham, como as estrelas lá no alto, sobre todos nós.

É de pó de estrelas, e de fumo, que a morte é figurada por Vasco Célio. Ao falar da sua obra, ele diz “O pó das estrelas — nós! Humanidade? Também — fazemos parte dessa estranha comunidade interestelar que se consegue definir como pó das estrelas. Um ser humano, uma rocha, um animal, a lua, marte, uma flor, tudo é pó das estrelas.” Somos feitos da mesma matéria de que é feito o cosmos, somos fruto do acaso, da não-matéria que se converteu em matéria e se expandiu e continua a expandir-se, infinitamente, que é a medida humana limitada e imprecisa. As suas fotografias estão organizadas em séries, ou blocos de sentidos. O artista revela-se, ou vela-se, como uma miragem, uma sombra, como um desenho feito de luz e de escuridão. A fotografia, que habitualmente descortina o visível, o mundo tangível e próximo, torna-se aqui um instrumento revelador do invisível, como os instrumentos óticos que foram e continuam sendo inventados pelo humano, cuja visão limitada quer ver mais, quer ver o que está longe, quer ver o que já não está.

Walter Benjamin refere a perda da aura provocada pelo surgimento das imagens reproduzíveis enquanto André Bazin evoca a ontologia da imagem fotográfica, reconhecendo que a câmara vê e enxerga mais que qualquer um de nós. Para Roland Barthes, a imagem fotográfica é sempre um *isso foi*, uma revelação ou um rasto do real, que se agarra à fotografia, que se agarra ao nosso olho, que permanece em nós. A aura não

desapareceu, mas transformou-se. Vemos emergir, de uma floresta sem céu, rochas fundacionais, que estavam ali talvez desde que a matéria decidiu organizar-se. A imagem das rochas é uma imagem do passado no presente, personificam o tempo — irrepresentável enquanto matéria sólida, mas presentificável através de imagens.

A morte, para Vasco Célio, é vertical.

Apesar da escuridão da quase monocromia das suas obras, Bertílio dá-nos uma escada, que se reflete, se virmos bem, numa ou noutra imagem. Porque ambos os artistas sabem que a arte é a melhor, e talvez a única, maneira de olhar de frente para aquilo que assusta, que entristece, aquilo de que passamos a vida inteira a fugir. A arte de Vasco Célio e de Bertílio Martins é uma celebração da vida. Somos todos pó de estrelas, árvores, rochas, fumo. E infinita é a medida humana — imprecisa, incerta, falível, mas é a única medida que nos abarca e que nos consola. Continua Szymborska,

Algo aqui não começa
na hora costumeira.

Algo não acontece
como deve.

Alguém esteve aqui e esteve,
e de repente desapareceu
e teima em não aparecer.

É por isso que criamos as imagens, para que possamos, de alguma maneira, permanecer.

* *Permaneço numa paisagem do infinito* foi uma exposição dos artistas Bertílio Martins e Vasco Célio, com curadoria de Miguel Cheta e Mirian Tavares. Através de técnicas diversas, do desenho à fotografia, passando pela pintura e pela instalação, os artistas estabeleceram um diálogo consigo mesmos, com os espectadores e com a ideia de morte, que nos assombra e que nos ensombrece. Mas a morte como um gesto de criação, de reconhecimento do ciclo da vida — infinito, como as estrelas que permanecem a brilhar mesmo quando já se transformaram em pó.



Os amigos

«Traz-me um copo de vinho»,
peço com voz gentil,
e digo p'ra mim mesmo vou fazer de conta
que o bebo em goles curtos,
para que não te ponhas a avisar-me.
Mal vires costas, pouso o copo.
Exijo outro, a fingir, é claro, nada digo,
e assim farei a tarde inteira até
acabar todo o vinho cá de casa.
Chamo-te, olha que festa rija vamos dar.
Com certeza pensavas que eu dormia.
Cada copo, um amigo, nada sobrar.
Basta ires em busca deles
por cidades, estradas, cemitérios,
que nenhum felizmente se negará,
e, quando soar a hora da festa,
pergunto-te onde estão,
e tu respondes, cínica, com simulado dó:
«Não vieram. Nem um. Não sabem quem tu és.
Apenas os defuntos queriam vir beber,
com saudades da vida e até de ti».

Falocrata

Depois de cozinhar um triste arroz de peixe
e de lavar a louça,
verei como se pôs o mundo,
se está mais curto,
se roubaram mais pêras da pereira,
se as uvas moscatel
não chamaram as vespas,
se a porta das galinhas está bem fechada,
não vão os cães famélicos
cometer outra vez genocídio.
Isto é o que compete
a um velho solitário
que teve muitos filhos,
pior que uma mulher casada com um bruto
falocrata, palavra rara
que as feministas usam, indignadas.
Hei-de perguntar ao Silva,
a ele, que é sem dúvida falocrata,
o que pensa de um homem lavar a louça,
passar a cozinha com a esfregona,
pontear meias,
pregar botões,
e fazer um doce aos domingos.
Que me dirá? Que esse homem é mulher?

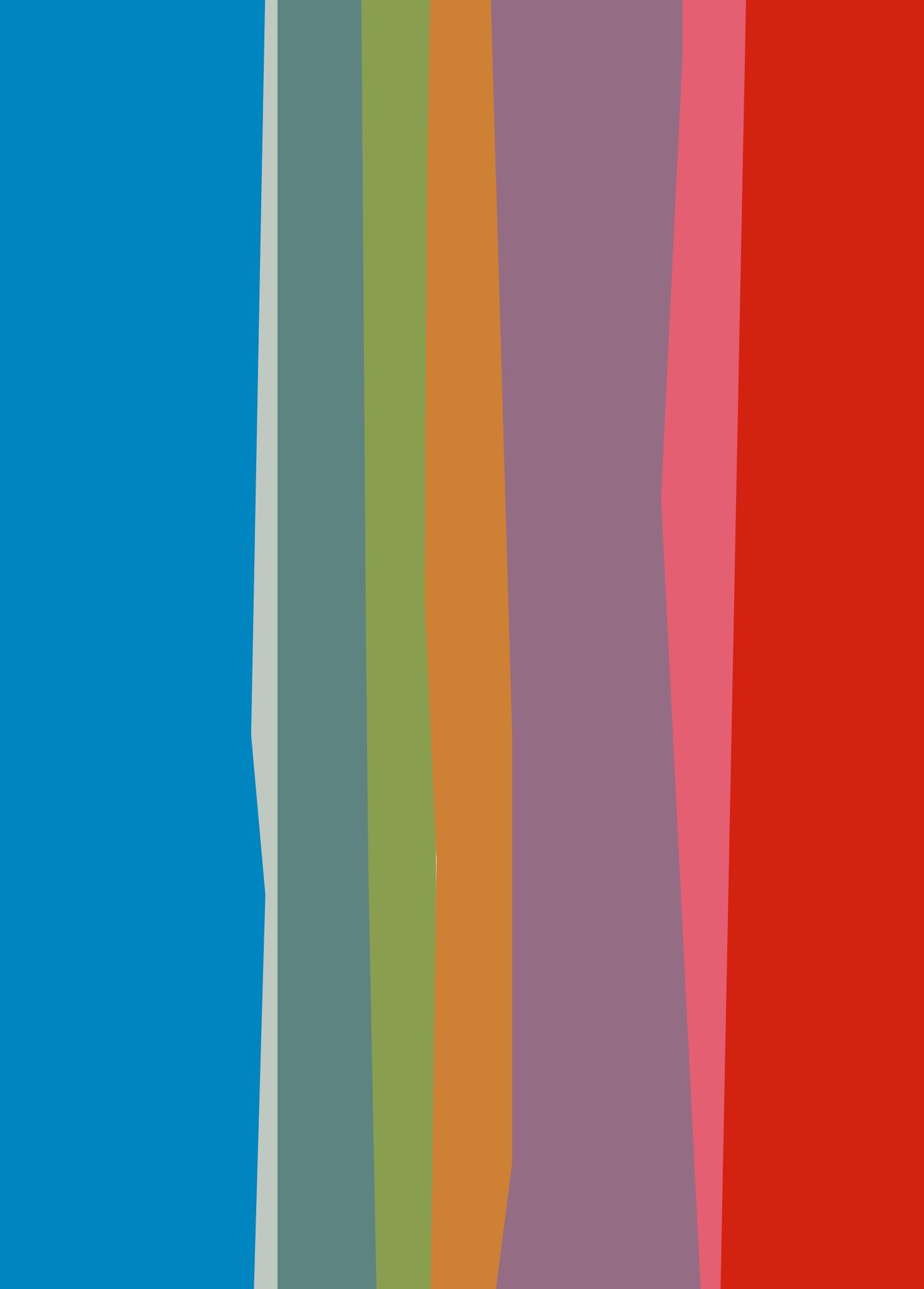
Nota: Falocrata é uma palavra *diffcil*, mas de aplicação abundante. Se não a conhecer, consulte um dicionário. Vale a pena.

Dou comigo de olhos abertos no escuro. Percorro outra vez o tempo que não cessa. O tempo que parece feito da mesma matéria dos sonhos, mais intenso do que a própria vida. O que faremos de tanta ausência, de tanta destruição, de tanto desaparecimento? O que faremos da sua perenidade invisível que continua desenrolando-se em nós? Adormeci, de certeza, porque o sol já recorta a persiana com feixes que se estendem pela parede em desenhos de luz que parecem feitos por pintores suprematistas. Pego num caderno e num lápis para apontar as primeiras impressões, matinais, do contínuo oculto que vai do sonho à vigília, da noite à intenção dos olhos abrindo-se lentamente, do adormecer ao sonho partilhado e comum a que damos — por convenção e conforto — o nome de realidade. Primeiras impressões, entorpecidas, de um cansaço que mal aguento ao abrir os olhos, da noite que tarda em dissipar-se, da língua que não partilho com os restantes, na hesitação em proferir uma só vogal, na distância entre o que sonho e o que vejo, entre o que sonho e o que ousa, que me leva a mexer uma mão, depois um braço, curvando as pernas ao girar devagar entre os lençóis. Acordo e, apesar do esforço, mantenho-me no desejo terrível dos limiares, cheio de imagens de lugares por onde andei de olhos fechados, até que me chega a ânsia de despertar que me leva até ao fim do sonho, o reflexo que se anuncia no modo como me rebolo entre os lençóis, sob o edredão afrancesado, sob pena de descurar o interior de que é feito, o seu calor ligeiro, a sua ligeireza quente que me prega ao colchão, à sensação profunda, lenta, quase ofegante de torpor, à lentidão pesada de que são feitos os lençóis nas horas do devaneio matinal. O espaço interior, os seus caminhos, a sua espessura esbatem-se na simplicidade desta superfície terna e das suas dobras sem fim. Primeiras impressões, encaminhando-me para a luz, de um enigma para o outro, de uma respiração para a outra, sem conseguir adivinhar por onde deixo a imensidão insondável e passo a ter um horizonte sem fim. Olho, hesito, insisto e acabo por cair na tentação do dia, do sol, da cadência das coisas regulares, dos sentidos que se conjugam com outros sentidos e da dança que se conjuga com o movimento alheio, sem tropeções, ou com os empurrões necessários para o delírio comum. Onde está a noite? Onde estão as horas que passámos de olhos fechados, as que nos habitam sem que saibamos onde, as que vivemos sem saber como. O que nos acontece ao sonhar? Eu quero, eu posso, eu digo, eu sou, aprendidos de cor em circunstâncias exteriores. Eu me espanto existindo. Devo ser algures nisto, logo. Digo: eu. A mim faltam-me as palavras, ensinaram-me o nome que digo ser meu, ensinaram-me o possível que digo ser realidade, aprendi com os outros, aprendi olhando para eles, ouvindo-os dizer o que é ser, o que é ver, o que é viver, recobrando o sonhar acordado de que somos feitos,

digo isto sem sequer reflectir no assunto, não quero abusar daquilo que me dizem, daquilo que me ensinaram a dizer, juro que durante anos me faltaram as palavras que eu não sabia, que me orientava no mundo sem ter ideia que me orientava no mundo guiado por imagens, por aspirações, por desejos, percorria a cidade ignorando os nomes das ruas, ignorando que as ignorava, sem saber que fazia rir por só me orientar pelas evidências, pelos ângulos que recortam luz e sombras, com as palavras presas ao que me aconteceu, incapazes de se soltar, de chegar ao mundo apresentável, aceitável, penteado e comum da normalidade alheia.

Fernando Pessoa entre leituras e poéticas

O presente livro revela a importância das leituras realizadas por Fernando Pessoa para a constituição da sua obra enquanto poeta e pensador português. Com efeito, ao longo da Biblioteca Particular de Fernando Pessoa e dos escritos deste autor — tanto os publicados em vida, quanto os documentos póstumos do espólio pessoano — encontramos uma multiplicidade de indícios que nos permitem constatar a influência de escritores não só da tradição literária, mas também da tradição filosófica, que se configuram como importantes influências para a construção poética pessoana e que viriam também a constituir-se como base para os textos de teorização literária de Fernando Pessoa. Os textos reunidos neste livro constituem-se, desse modo, como a evidência de algumas das mais significativas tradições filosófico-literárias que se encontram na génese da criação poética pessoana: a tradição francesa (Pascal e Xavier de Maistre), a tradição alemã (Goethe e Novalis), a tradição norte-americana (Emerson e Whitman) e a tradição portuguesa (António Botto e o movimento saudosista).



julgamos poder mascarar a loucura,
 beber o terror e cuspir solidão
 pelos cantos.

julgamos poder
 vencer o sentido gravado
 na carne e na fúria oblíqua
 das ruas sombrias
 erguendo da terra
 os sonhos dos mortos.

julgamos poder ocultar as feridas
 pisando verdades tão vesgas
 e vítreas e eminentes como nós.

julgamos entender o ruído selvagem,
 o estrondo das bocas
 e dos corpos que tentam vencer
 a noite explosiva vertendo deuses
 famintos e desesperados
 por entre a saliva e o suor.

mas somos apenas os ecos de um mundo
 disforme e enredado

e estranhos nas margens de almas
 sedentas e fúteis.

Cinco notas sobre o tempo

1.

Trabalhei de perto com um encenador, Nuno Carinhas, cujos espectáculos abrem frequentemente com uma cena não escrita, uma cena que o texto não prevê. No início de *Alma* (2012), de Gil Vicente, o espectador entrevista na semiobscuridade uma série de corpos estendidos, em posição fetal: personagens à espera do seu tempo?, cadáveres juncando um campo de batalha? Algo análogo ocorria na abertura do *Macbeth* produzido em 2017 pelo São João: a cena figurava um território de desolação com corpos jacentes, ou um caos primordial — o *tohu e bohu* do teatro, com cabos suspensos e ferros no chão — onde se formavam figuras. Que pretendiam estas cenas de abertura, estas antecâmaras da *acção*? Produzir uma cesura com o nosso tempo, suspender o dia, e instaurar o espaço-tempo do ritual. O teatro estabelece uma relação particular com o tempo, mas reencontramos este desígnio também fora dele: um escultor como Rui Chafes assevera que «não existe arte se não houver a ambição de parar o tempo». Talvez neste ponto radique o elemento revolucionário de alguma arte. Um incidente ocorrido no primeiro desses *três dias gloriosos* de 1830 que ficaram conhecidos como a Revolução de Julho pode ajudar-nos a reconhecê-lo. Walter Benjamin relata esse incidente nas suas teses sobre a filosofia da História: «Chegada a noite do primeiro dia de luta, aconteceu que, em diversos locais de Paris, várias pessoas, independentemente umas das outras e ao mesmo tempo, começaram a disparar contra os relógios das torres.» Os revolucionários não queriam acelerar o tempo, mas pará-lo: «Alvejavam os relógios para suspender o dia.»

2.

Quando jovem, muito jovem, o meu pai trabalhou como relojoeiro: consertava relógios. Muitos anos depois dessa transitória ocupação, era ainda capaz de desmontar e remontar a máquina de um relógio sem que sobejassem peças. Gostava de abri-los e ponderar o seu pasmoso maquinismo. Faz-me lembrar o pai de *A Terra Onde o Tempo Parou*, de Bohumil Hrabal, que desmontava o motor de um Škoda 430 apenas para saber «porque é que aquela máquina trabalhava com tanta perfeição, porque é que não tinha falhas» — «o seu trabalhar era tão perfeito que tirava o sono ao pai». Lembro-me que, já depois de sofrer um AVC que lhe tolheu a destreza e o emudeceu, o meu pai pediu a um amigo que abrisse o relógio que trazia no pulso, apenas para confirmar a suspeita de que o relógio do amigo não passava de uma réplica ordinária de um Breitling. Agora que falo nestas

coisas, recordo-me também de que no ano 2000 — quando eu leccionava Semiótica em Bragança (que Deus me perdoe) — perdi um relógio (um Certina?) que o meu pai me emprestara para a vigilância de um exame. Ficou esquecido numa daquelas camionetas da Rodoviária Nacional que sacolejavam afluente IP4 acima. Nunca cheguei a indemnizar o meu pai dessa perda. Acho que ele também não o queria. Preferiria por certo que eu lhe tivesse dado um pouco mais do meu tempo. Porque quando alguém que amamos nos dá do seu tempo, o nosso detém-se.

3.

O tempo foge, ou o tempo permanece? «O tempo desconcertou-se», como no *Hamlet*, e os ponteiros saltaram dos gonzos, ou — como no *Breve Sumário da História de Deus*, de Gil Vicente — «este relógio nam se destempera: é muito certo e muito facundo»?



Fotograma de *Morangos Silvestres*, de Ingmar Bergman (1957)

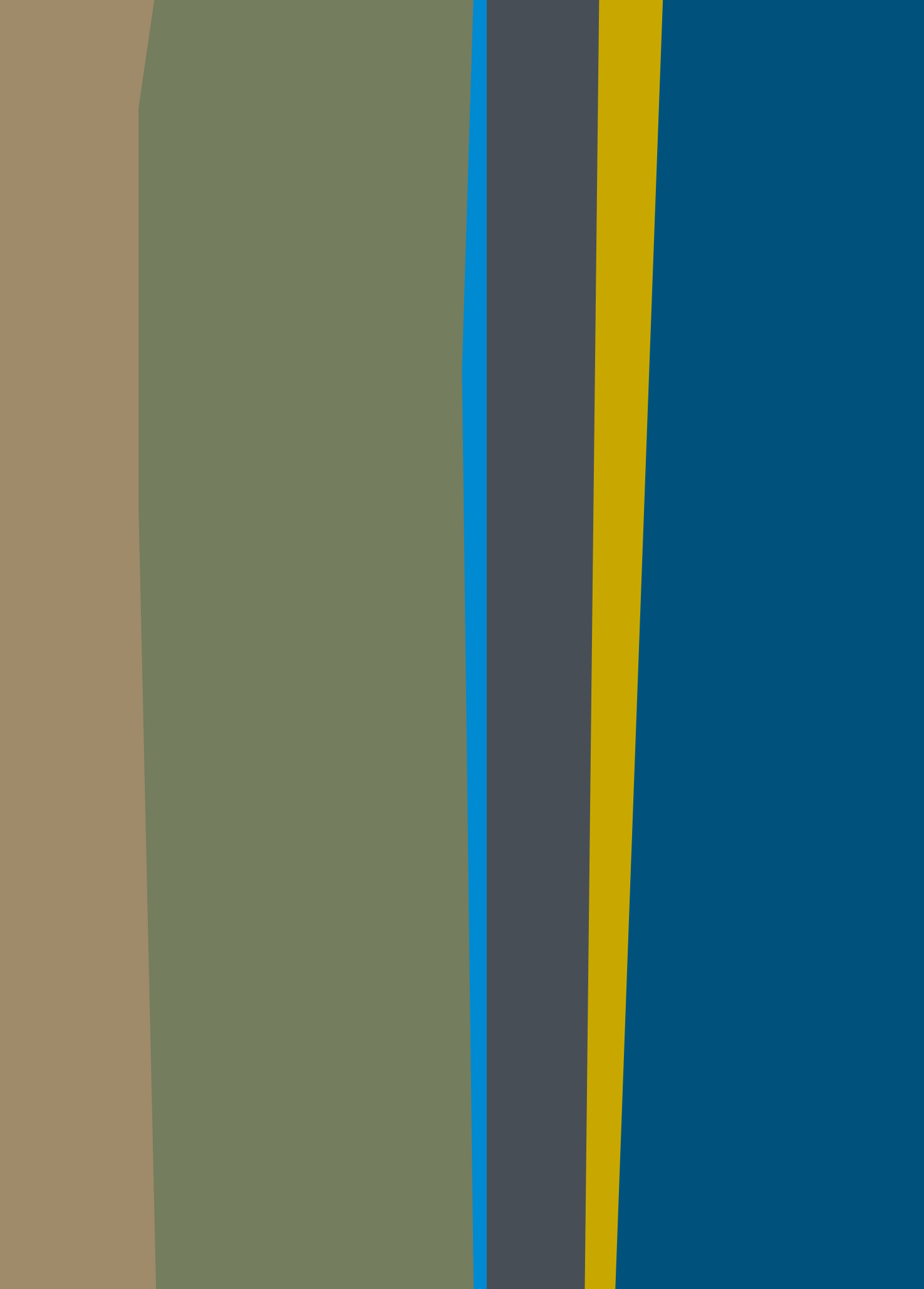
4.

Na *Infância em Berlim por volta de 1900*, Walter Benjamin conta que, quando era criança, o relógio da escola parecia danificado por sua culpa. Marcava sempre a mesma hora. Que hora era essa? A hora que agora o meu relógio de adulto teima em marcar a todo o momento, como se estivesse avariado: A-TRA-SA-DO. Eu deveria talvez fazer como Baudelaire, de quem se conta que abriu o seu relógio de prateleira — um clássico relógio de mostrador redondo e números romanos, embutido numa caixa de mogno —, removeu os ponteiros e escreveu no mostrador: *É mais tarde do que pensas*.

5.

Há uns tempos dei-me conta de que os relógios dos anúncios publicitários marcam, na sua generalidade, uma mesma hora: 10 horas e 10 minutos, sensivelmente. A intenção é evidente: induzir positividade. Colocados nesse ponto do dia (ou da noite), os ponteiros formam um *check*. Podemos também dizer que insinuam um sorriso, persuadindo-nos de que as horas que *esse* relógio marca são horas felizes; evocam ainda dois braços ligeiramente erguidos, prometendo um abraço ou anunciando uma conquista iminente. Todavia, o efeito é bem diverso se, ao folhearmos jornais e revistas em distin-

tos momentos do dia ou ao longo de uma semana, tropeçamos sistematicamente nesta estranha coincidência horária, nesta espécie de conspiração cronológica. Nessa altura, o *sorriso* ou o *abraço* podem adquirir uma outra feição, porventura ameaçadora. É como se o relógio, essa diabólica invenção (pois o tempo é uma consequência da Queda do homem), em vez de marcar a passagem das horas, indicasse afinal — sempre e invariavelmente — uma única. Em *O Narrador*, Walter Benjamin menciona um relógio de sol em Ibiza, no qual se encontra uma soturna inscrição latina: *Ultima multis* [Para muitos, a última]. Os relógios não marcam senão uma hora — e esta é a sombria mensagem subliminar que se aninha sob o *glamour* publicitário da relojoaria suíça de luxo.



There's Always a Story To Tell (dias, fragmentos)

8/01, Domingo

Brasil: assalto a la Capitólio. Escreverás versos sobre o silêncio das estátuas.

Leonardo Fibonacci, dito Leonardo de Pisa, Leonardo Pisano ou ainda Leonardo Bigollo. Quatro designações para o matemático medieval. 0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144, 233, até ao infinito. Quanto ao número de Fibonacci para o poeta ele será 3 “vírgula” 14; quanto ao mais (ou menos) a natureza da lógica e suas contas certas (ou incertas) se amanhe e desunhe. Unhas para tocar a guitarra da poesia nem todos as têm, muito menos a matemática que afina sempre pelo diapasão do enfado; o infinito, leia-se.

Tenho para mim que Miguel Torga foi sobretudo um grande pensador. Mais do que poeta. Os “Diários” e os seus contos são disso prova. Leio: “Fazer uma literatura o mais perto possível da clandestinidade, mas publicável, é a única esperança de salvação que resta ao artista”. E eu ajuntaria: uma literatura que não se venda nem vergue ao presente.

Agamémnon: «O verdadeiro escritor é o que sabe remeter-se ao silêncio.»

O silêncio: primeira regra do escritor. Tal como primeiro degrau da música.

“Una obra es eterna no por que impone un sentido único a hombres diferentes, sino porque sugiere sentidos diferentes a un hombre único”, Roland Barthes.

9/1, Segunda

Em 1963, Pasolini viajou para a Palestina e Israel em busca de cenários para filmar o seu *Evangelho Segundo Mateus*. Encontrou uma profunda desilusão; à espera de grandeza, encontrou pequenez, demasiada pobreza, rostos demasiado ocidentalizados, tradução de uma miscigenação entre árabes e cruzadas. Colocou, inclusivamente, em causa que gente assim, tão pobre e ignorante, pudesse ter percebido a mensagem de Cristo. Da viagem faria filme, mas este, fá-lo-ia no sul de Itália. Hoje, ali em visita, teria por certo um ataque de coração e até o muro se lamentaria! Afinal, os evangelhos, as personagens, os milagres, cabe tudo num punho, diz. Os embates com as realidades costumam ser assim, duros, capazes de grandes silêncios. “Lincoln aboliu a escravidão, a Itália restabeleceu-a”, diz Accattone, o protagonista do seu primeiro filme homónimo — que pinte em tela. Porém, no que toca a silêncios, poucas imagens ferem como a fotografia do corpo do realizador sob um ‘sudário’ depois de assassinado em Ostia, 1975. Ostia, do latim *hostia*, vítima, símbolo do corpo de Cristo.

PS. Pobre como uma lata de sopa Campbell.

A entrada em Jerusalém
A trote alegre de asno
como se de sonata se tratasse
embora tragédia anunciasse.

Depois de um filme de Pontus Hultén (1924–2006):

I

A maior vantagem para o homem de quatro pernas era poder esticar duas pernas enquanto lia um livro no banco de jardim sem ter de mexer o joelho onde apoiava o cotovelo, assim evitando desconcentrar-se. Já ao seu cão de oito pernas não achava piada nenhuma. A lama que levava para casa...

II.

Vendo-se, como nunca, cheio até ao rebordo, o chapéu pegou nas moedas e emigrou. O músico já não teve fôlego para correr atrás dele.

III.

Sim? Sim? Siiim?

IV.

Quatro chaminés expiravam baforadas enquanto aguardavam a hora de fecho da fábrica. Aproveitavam para gozar a vista. Arrepiaram-se ao ver chegar o limpa-chaminés. Um dia... haviam de combinar...

V.

A sombra dava pulos, mas ao homem é que doeu a cabeça.

VI.

O ladrão ganhou ligeira vantagem sobre os polícias e manteve-a até entrar no shopping. Chegado à escada rolante parou, esperando que os agentes fizessem o mesmo. Para seu espanto, fizeram-no. A margem que os separava manteve-se ao chegarem ao topo pelo que a fuga continuou.

10/1, Terça

«Numa perspectiva bíblica, a castanha está associada ao conceito de castidade, a qual simboliza a abstinência, dada a semelhança do nome castanea que é etimologicamente ligado ao termo castitas (castidade). Para Filippo Picinelli, autor de “Mundus Symbolicus”, a castanha é uma metáfora do bom crente, mostra os espinhos no exterior e é cheio de virtudes no interior. A castanha representa também a pobreza pois, que sendo modesta com um exterior feio, está cheia de qualidades lá dentro.» Gosto muito desta pequena sabedoria ligada às coisas e ritmos da terra.

Morreu ontem Charles Simic. «Simic’s first poems were published in 1959, when he was 21». O tempo não se comove com os poetas. «All the pages of all the books/ are blank...».

Morre um poeta/ já cada um de nós lambe o indicador/ para virar a página./ a todos o sobretudo/ acaba por cair lasso sobre os ombros./ chegamos sempre tarde/ e no entanto aguardam-nos os rápidos/ a lama renovada/ a insuportável luz que cega.

12/1, Quarta

«... cada dia que passa escrevo menos, e o pouco que escrevo exige todo o tempo disponível. requer paixão sem partilha.» Al Berto, «O Medo». Escrever esvazia-nos. Não por acaso é um sair de nós — para de algum modo nos deixarmos no papel. Somos a lagarta a entrar no casulo do mundo que nos há-de transformar em asas de esquecer.

Lição de Francês

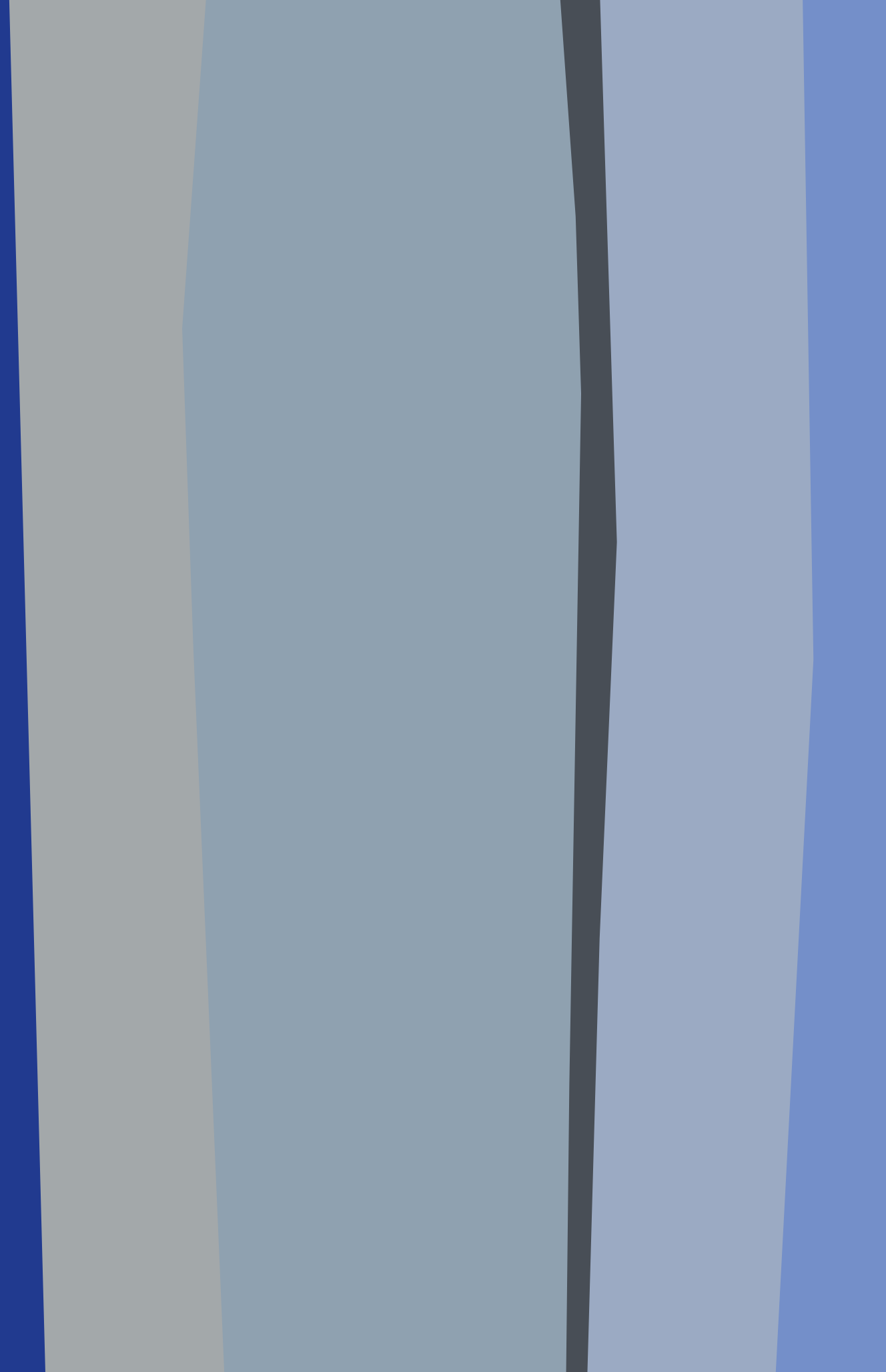
Les jours se lévent.

os dias levam-nos.

Suicídio

Não gosto da palavra suicídio. Gosto mais da palavra desexistir.





Edita a lenha com o obturador aberto e prepara a trança de linho.

Um pote quase se partiu, um cão não ligou. Houve quem o fotografasse e houve quem chamasse pela mãe.

Trocámos de lugar.

O cheiro da língua francesa deu sabor ao chá vermelho enegrecido. Buda vendia café.

Chispas e duas pernas embebedaram-se numa escada rolada. Volto à máquina registadora. Volto a ti.

Serviste-me Kúmel em halos e, sem tir-te nem guar-te, dandino aos boléus pelos lios sincopais.

Quero entortar os cabelos das letras para que só tu percebas a mulher de flúor e o que ela tem para te dizer.

A chuva quer falar-te, está maruflada aos céus.

Os exércitos não cabem mais
nos campos de Ourique
e São Jorge,
desocuparam a colina do rio Alcabrichel
e as trincheiras de La Lys,
desertaram Nambuagongo,
Sarajevo, Bagdá, Cabul,
Bengasi, Estalinegrado.
Hoje, saciam a fúria louca
nas nossas inteligências baldias.

A falange do oleiro sangra
dentro da argila
o vazio rodopia
a água testemunha o
regozijo do reencontro.
As mãos do oleiro sangram
moldando a totalidade.
O fogo espera-nos.

Mapas Volúveis: Do amor e do arrepio extático

Porventura a melhor maneira (a mais fiel) de prestarmos tributo a figuras que nos marcaram seria regressar, de novo tocados pela cintilação das suas palavras, às certas intuições com que nos brindam os seus escritos: “O desvendamento e questionamento do que possa enformar e tornar materializável a ideia de que há lugares de improbabilidade que em boa verdade não escolhemos mas que nos escolhem, e para os quais nos poderemos em qualquer circunstância e momento tornar disponíveis, não obsta a que a experiência de cada viagem seja sempre um acontecimento único para cada viajante, como única é a passagem de cada um de nós pela vida” (Mendes, 2016: 19). Poderíamos perguntar: como desafiar o imprevisto? O inesperado tilintando. A surpresa é o veneno nómada que alaga uma bússola sem agulha. É na escuridão que vamos avançando um pouco mais. O rigor do que sobeja, resto que assim se ilumina. Vertigem que, de golpe em golpe, explora o que ficou por dizer. Assim se comporta o caos em expansão irreversível. No texto que resume o projecto *Viagens de Longo Curso. Roteiros e Mapeações*, podemos ler ainda: “Tal como a experiência do amor, a experiência de se tornar e ser viajante dispensa guias e bordões. Vai-se, está-se e volta-se na esperança de que o tempo de espera até à próxima partida nos traga a redenção de que aquilo que nos move mora dentro de nós e coincide com uma realidade que é ao mesmo tempo interior e exterior. Somos largados mundo fora, tantas vezes mundo dentro, com uma força e um arrebatamento tais que, ao desapossarmo-nos da segurança de um viver linear e rotineiro, recebemos o consolo libertador de que estar com outros em lugares próximos ou distantes, tantas vezes em lugar nenhum, porque ele é a nossa construção, descobrimos um prazer que atravessa todos os nossos órgãos até ao arrepio extático” (*Ibidem*).

A fulgurante citação condensa *in nuce* não só a paisagem mental, mas também um traço estilístico que configura uma ontologia muito própria. Pois se há um ponto aglutinador de todo o magistério de Anabela Mendes é justamente esse: a noção de viagem enquanto plataforma privilegiada para a indelével transformação interior daquele que a experimenta. É nessa arena intersticial e nómada que se joga muito daquilo que, em A. Mendes, poderíamos designar por *paixão da alteridade*. O mistério do irreduzivelmente Outro, as fissuras que indomitavelmente se nos escapam e que permanecem sempre enigma — é essa a bússola orientadora que guia a reflexão fertilmente vagabunda de Anabela Mendes, a terna obsessão em que se inflama o seu pensamento.

Outro dos aspectos que ressaltam da citação é justamente a dimensão da errância, de uma certa deriva do pensamento, a transgressão criativa praticada, de resto, por

um dos autores da sua eleição, Aby Warburg (cf. *Qual o tempo e o movimento de uma eclipse? Estudos sobre Aby M. Warburg*, 2012). Na verdade, figura multifacetada do germanismo nacional, Anabela Mendes jamais se entrincheirou em exíguas províncias disciplinares. Este será decerto um dos seus muitos méritos — um dado nada despiciendo que permeia todos os seus escritos, conferindo-lhe uma coerência plural e oxigenando os vários campos do saber em que se espalhou a sua indagação. Os seus múltiplos interesses sempre se repartiram por distintas áreas do saber: desde o teatro (abarcando a Teoria e Estética do Teatro e a Sociologia das Artes do Espectáculo) às artes plásticas (com particular destaque para W. Kandinsky), passando pela poesia expressionista de expressão alemã e pela pioneira investigação de doutoramento, intitulada *Éter, órbitas e odisséias: dos caminhos da oralidade nos raios da voz: leituras dramatúrgicas de peças radiofónicas alemãs emitidas entre 1930 e 1944* (2000), obra que, até à data, infelizmente, se encontra ainda inédita.

Aqui não posso deixar de aludir à centralidade de que se reveste, parece-me, a sua prática translatória, na medida em que a tradução, em boa medida, também é viagem, aproximação de culturas, mitigação daquilo que é soberania do Eu e daquilo que é pertença do Outro. De facto, a prática da tradução marcou de perto Anabela Mendes, acompanhando-a em todos os momentos do seu percurso intelectual, tendo vertido para português textos de Thomas Bernhard, Bertolt Brecht, Peter Handke, Heinrich von Kleist, Heiner Müller, Arthur Schnitzler, Patrick Süskind ou Frank Wedekind, entre outros.

Ouso uma última nota de carácter mais pessoal, que deixo aqui, a reverberar. Não posso deixar de recordar, com saudade, o entusiasmo com que a Professora Anabela Mendes leccionava as suas aulas, o júbilo que desabrochava em cada troca com os seus alunos. A ela toda uma geração deve magníficas prelecções sobre Goethe e Novalis, mas também sobre Schlegel e Schelling. Conversas profundas e preciosas, sem dúvida, mas sem pretensiosismo. Sobre pintura, música, poesia e filosofia. Sobre o fragmento e a ironia — autênticas pedras angulares do edifício mental, consubstanciado na *Frühromantik* (na aurora do romantismo alemão). O seu modo de ensinar era também ele singular: sereno e paciente, porém plenamente ancorado numa irradiante erudição; convidando o espanto e o debate, assim se processava a lenta sedimentação do saber. Creio que não me equívoco se disser que, à distância de mais de vinte anos, vislumbro uma elegante dimensão cénica nas suas lições que muito contribuía para o magnetismo que as suas

aulas assumiam. Para jovens alunos, uma tal experiência é rara e insubstituível (não olvido experiências igualmente singulares nas aulas de Luísa Afonso Soares, José Nobre da Silveira e Luísa Flora).

Recordo igualmente, com imperecível gratidão, os projectos que nos juntaram — só tornados possíveis pela sua generosidade e pela sua vontade de criar e de estabelecer pontes entre diferentes esferas do saber: desde o espectáculo *Expressionando* (em torno de poesia expressionista de expressão alemã) a encontros científicos sobre o pensamento de Aby Warburg ou os nossos diálogos em torno da obra de G. Steiner. Cada aula era, assim, uma viagem de afectos (*affectus*), potenciando cruzamentos e intersecções (*cartografias dialogantes*, cf. Mendes, 2018, que de certo modo ecoa as goethianas afinidades electivas: *Die Wahlverwandschaften*), gesto que também aplica nos seus escritos, cruzando Goethe e Fernando Pessoa (cf. Mendes, 2006 e 2018), Garcia de Orta e Alexander von Humboldt (cf. Mendes, 2008).

O amor pela arte, transmitido aos seus alunos, era como uma delicada corrente eléctrica, ao mesmo tempo que emprendia um combate anti-dogmático em demanda de um frágil assomo de beleza. Uma “dança em torno das algas” (na expressão luminosa da própria), a cristalização de um instante bioluminescente que emerge das águas turvas do esquecimento. A arte, aprendi com a Professora Anabela, tem sempre esse condão: faz emergir a cintilação de uma palavra solitária. Em louvor do vento, em comunhão com a sombra. A experiência da vida, dolorosa e sublime, não é senão isso — epifânica ressurreição daquilo que foi e não volta nunca mais.

Referências

- Mendes, Anabela (2000), *Éter, Órbitas e Odisseias: dos Caminhos da Oralidade nos Raios da Voz: Leituras Dramatúrgicas de Peças Radiofónicas Alemãs emitidas entre 1930 e 1944*, Lisboa, Tese de Doutoramento apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Mendes, Anabela (2006), *Goethe e Pessoa: Contemporaneidade de Fausto*, Lisboa, Colibri (com Christopher Damien Aurette, Holger Brohm e Nuno Félix da Costa).
- Mendes, Anabela (2008), Garcia de Orta e Alexander von Humboldt: Errâncias, Investigações e Diálogo entre Culturas, Lisboa, UCP.
- Mendes, Anabela (2012), *Qual o Tempo e o Movimento de uma Elipse? Estudos sobre Aby M. Warburg*, Lisboa, UCP.
- Mendes, Anabela (2016), *Viagens de Longo Curso: Roteiros e Mapeações*, Lisboa, UCP.
- Mendes, Anabela (2018), *Prometeu e Fausto em Goethe, Pessoa e alguns mais. Cartografias Dialogantes*, Lisboa, Colibri.



Pausa

Esbofeteia a porta que se abre num lamento de gonzos doridos.

O ar cinzento e apressado respira alfinetes curiosos por descobrirem o sabor da pele lisa e macia que a veste. Os pés nus atormentam um chão cansado, estéril de trilhos por desvendar.

Sem rota nem bússola, os pensamentos desfiam palavras ocas, absurdas de sentido e carentes de arrimo. O tédio voraz que as cerca prende-as numa dormência clandestina, exonerando-as de resgate. Vagueiam em margens peregrinas de santuário que lhes ofereça cura para o assédio da negação que as violenta e incapacita.

Ensaia passos cansados, pesados de dúvidas e de medos contidos. Os sentidos macerados por sombras de insidiosa dolência coarctam-lhe o embrião de vontade que a faça contradizer a apatia que a engole num amargo devagar.

Suspende-se na espera. E acontece-lhe um frio lúbrico que lhe escorrega pelo corpo, uma sede de manhãs claras que lhe penetra as entranhas e lhe sacode os vestígios desbotados de um tempo em que foi. Em que soube. Em que quis.

Aproxima-se da porta de gonzos doridos. Rasga o espaço em que supõe ver um aviso fictício de interdição.

Tacteia silhuetas esquecidas e encontra a cadeira das memórias silentes. Reconhece a superfície morna e apelativa da mesa dos sobressaltos e das metáforas urgentes. Os dedos surpreendem-se tocando o velho teclado de que se desprende um sufoco de pó e um soluço de bafio. Move os lábios num sorriso assustado quando percebe a presença de papel húmido e manchado, adormecido pelos dias em pausa.

Tudo tão igual e tudo tão diferente.

A passividade dos lugares-comuns e a rotina de frases feitas enchem-lhe o peito até à exaustão. Uma raiva surda aproxima-se de mansinho, porque não consegue abrir a gaveta onde guardou o léxico colorido, sonoro, cantante, que articulava deslizante como rio de curso buliçoso.

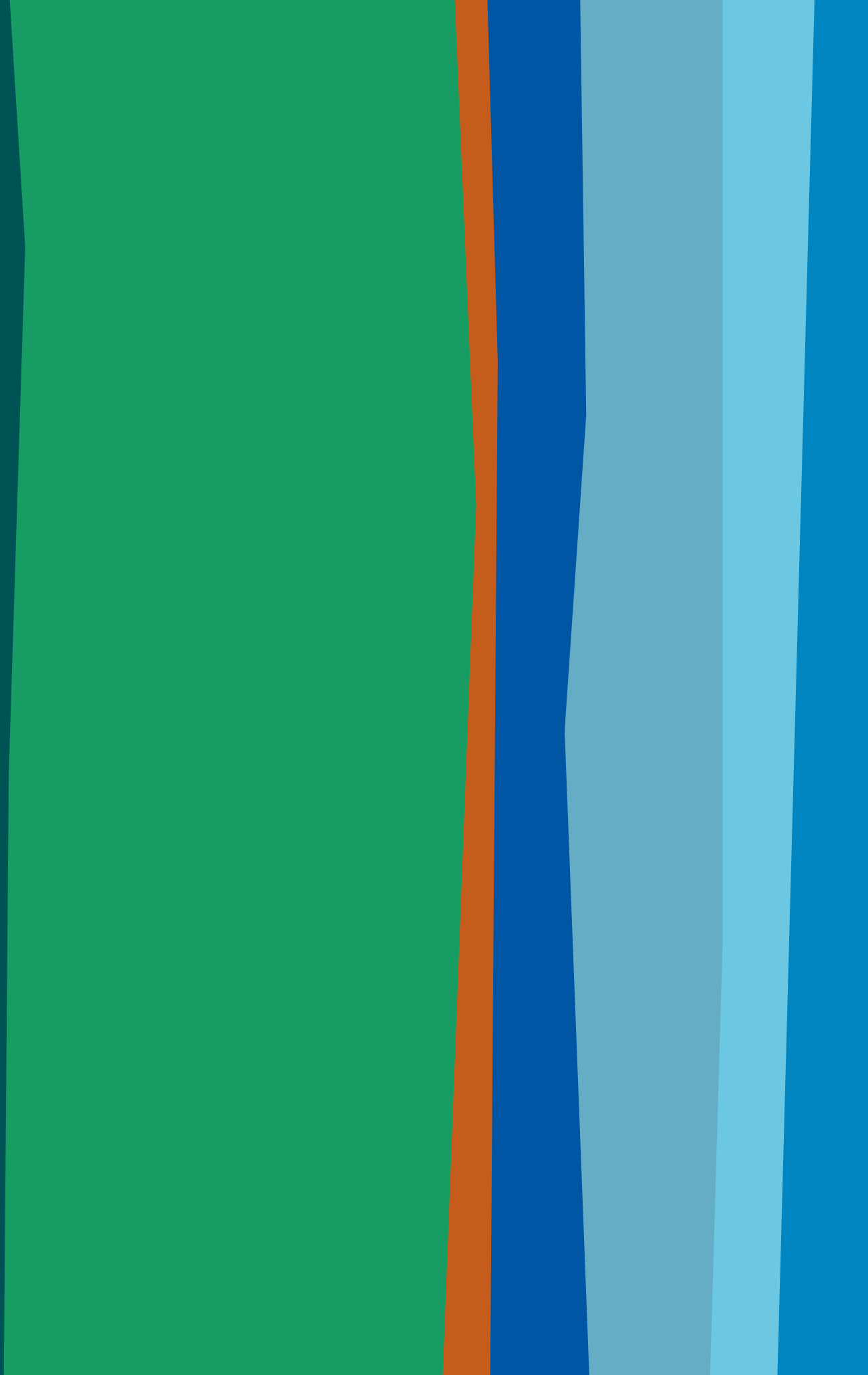
Senta-se e pressiona as teclas que produzem caracteres indecifráveis. Escolhe uma folha de papel e o vazio grita-lhe o desespero a que o condenou. O lápis rebela-se e cai-lhe das mãos. A caneta geme com fome da tinta que lhe tem recusado.

Não consegues, já não consegues arrumar as palavras, morde-lhe o pensamento a voz interior, a voz ironicamente rangente que nunca mais pôde calar.

Reaprender tem um labirinto de sílabas que não contorna. Recomeçar tem fonemas agressivos que lhe provocam hostilidade. Querer tem uma simplicidade doce, mas não sabe o que significa. Tudo lhe soa vagamente redundante, inútil, descartável. E no entanto sente uma saudade angustiante, incontrolável, do que já não vive nem experimenta.

Que lhe faz falta para se manter inteira. Para voltar ao tempo em que foi. Em que soube. Em que quis. Para reaver a sensação do que agora lhe arde nos olhos. A nascente de um líquido quente, acre, deslizando pelo rosto e aconchegando-se na mesa dos sobressaltos e das metáforas urgentes.

Nas horas puídas por ecos inaudíveis, só ela se entende. Tanto lhe basta.



Rios da minha cidade

*Um rio move
seus habitantes, seus destinos.*
— H. Dobal

Nesses rios flutuam
os meus espantos
como barcos ébrios
num caudal de desalentos.

Cidade de muitos anzóis
de submersa e desconhecida geografia,
nesses leitos desgovernam-se
os destinos
navegam os desatinos
a turba piscosa que não nega
os seus espantos

Na superfície que não se fatiga
das andanças
só o barco forasteiro
— navalha na fugacidade das águas —
e seu tirador de areia
ainda acreditam
no desafio das pás
enquanto o tempo,
fecundando obituários,
sabe de detritos
e cheias

Ensinar

Escrever poesia
É ensinar
À nossa mão
O desenho
Do horizonte
E que o mar tem chão
E o chão maresia
E o corpo a apontar
O que antes lá não havia.

Meu querido Portugal

Meu querido Portugal, desisto de ti.
Desisto das tuas iminências pardas, dos teus doutos encanudados,
dos teus lacaios e dos teus bichinhos de estimação,
da sua inclinação perpétua. Dessa avidez de migalhas
dum pão bolorento. Desisto dos que dizem:
Esta
é a ordem natural das coisas, a única forma possível.
A evolução, sabe? A constante evolução para lado nenhum.
Uma espiral ascendente que desagua na cave.
Logo eu que tanto te amei. Não as sombras, não as máscaras,
nem os reis de palha,
mas os teus humilhados,
os teus ofendidos.
Desisto da tua pequenez, da ofensa fácil e gratuita,
dos que se revêem e dos que não se revêem
— que a merda servida num prato é toda igual, embora o prato mude —
dos teus idiotas emergentes,
dos teus futuros dirigentes de coisa nenhuma,
do teu projecto de futuro avant-garde démodé,
da tua lucidez esférica.
Em teu redor, não é? Sempre em teu redor.
É sempre tudo em teu redor, não é, meu querido?
Estávamos tão mal, não era? Com bolsos vazios e ramelas de fome.
Moscas raquíticas a posar para a posteridade. E tudo isto
gravado a preto-e-branco, meu grande estúpido. Tudo isto
a entrar pelos olhos dentro, ali à mão de semear. Mas tu dizes que não,
que tudo mudou. O mundo, por fim,
num movimento súbito,
decidiu alinhar os astros: translação, rotação e crescimento perpétuo.
Não fosse a merda do PIB e éramos felizes.
Sempre a merda do PIB. E as taxas de juro a pregar rasteiras,
a incapacidade crónica de fazer contas de cabeça, prova dos nove,

mais as penas de galinha que depositaste a juros
e que nem a dez anos dão ovos. Mas insista. Arrisque!
Um fundo de capitalização, uns certificados de aforro, tanto faz.
Comprar por dez, vender por mil. E se não tiveres dez,
não te preocupes. Sorrisinho de gueixa e pés no atoleiro. A mendigar.
Sempre a mendigar. Um abanar de cauda, convicto e constante.
Encontra um Deus Nosso Senhor que tudo possa à direita,
um monarca de esquerda sem habilitação de herdeiros
ou um curso de alfaiate
para um procedimentozinho concursal à medida.
E reze.
Reze muito.
Reze todos os dias por um ajuste directo.
Que mal tem? Somos todos inocentes, não é?
Isto não faz mal nenhum, pois não?
Afinal,
isto são coisas insignificantes. Isto é tudo insignificante.
Meu querido Portugal,
tens sido sempre um filho da puta,
simpático, ainda assim,
sempre pronto a ajudar, sempre muito prestável,
sorriso a condizer com o colarinho,
qualquer coisinha disponha,
muito atentamente, estupidamente atentamente,
temos de marcar uma reunião
e é com os melhores cumprimentos que o mando à merda:
Sabes, amanhã vamos comer faisão. Vamos todos comer faisão.
E o faisão és tu, Portugal,
meu querido Portugal,
meu triste Portugal,
meu depenado Portugal.

100% Poliéster

Em frente aos túmulos esventrados, saiu de um breve torpor quando sentiu uma gota de suor escorrer-lhe da nuca e perder-se entre as omoplatas. Ergueu a cabeça para confirmar que a cordilheira ainda ali estava, com os cumes sempre nevados, a fechar a aldeia num círculo. Era bonito o contraste das pontas verdes dos ciprestes com o céu azul e os cumes brancos da massa de granito. Estava exausta, porém capaz de condescender nessa beleza. O sol a pique marcava o meio de um dia de Verão e o calor conferia ainda mais peso às montanhas opressivas. Começava a sentir fome, mas por enquanto teria de permanecer ali mais uns minutos.

Mudou o peso do seu corpo de uma perna para a outra e, com os braços cruzados sob o peito, fechada ao que acontecia a poucos metros dos seus pés, recordou o poema¹ que elogia a vida doce num vale fértil e tranquilo. Também ela conhecia a ansiedade dos lugares cimeiros, a confusão das brumas e a incerteza ao olhar para baixo e nada descortinar. Conhecia a solidão. Pensara nesta descida ao vale, neste regresso, como um episódio plácido, apesar de tudo. Chegara a acarinhar a possibilidade de, como no poema, voltar a mover-se nele com uma leveza calculada, intencional, até ser capaz de olhar em frente. Pensou renovar-se. Pensou perdoar. Fora ingénua. Ali, atrás das janelas fechadas por onde a espiavam em silêncio, tudo permanecia igual. Ela mesma, sabia-o agora, era tão compacta quanto a cordilheira, e o tempo de uma vida não era erosivo o suficiente para moldar nela ou nos outros fosse o que fosse. Envelhecera, apenas.

A passagem dos anos e aquele dia de luz cristalina e ar puro não lavavam a mácula. A notícia tinha varrido todos os cantos do lugar com a força do vento invernososo que desce dos cumes e arrepiá quem encontra pelo caminho. A milhares de quilómetros de distância, quando abriu a notificação, sentiu esse mesmo estremecimento e soube que também os corpos dos velhos — os guardiões das memórias mais remotas, os que tinham escapado à emigração e à morte — se retesariam perante a ideia de voltar a vê-la, arreigados à pequenez de uma vida pautada pelo rancor e alheia à capacidade de perdoar uma inocente.

Descruzou o braço direito e levou a mão ao medalhão de ouro que pendia de um cordão grosso, um presente dos pais pelo seu décimo sexto aniversário. Nunca mais o tirara do pescoço. Entre o polegar e o indicador sentia o peso e a maciez da peça lisa, num gesto que repetia mecanicamente dezenas de vezes por dia. Inicialmente, estranhara

1 Descida ao vale, de Louise Glück em “Vita Nova”, Relógio d’ Água

aquele círculo dourado tosco, sem qualquer imagem religiosa ou pagã, sem qualquer mensagem. Mas acabara por acreditar que era tão simplesmente a prova de um amor filial incondicional, sem floreios, sem artifícios e límpido, ainda que frio. Apenas no dia da fuga atabalhoada, por entre os gritos, os insultos e os repelões, se perguntaria: quantas alianças, quantos brincos, quantas pulseiras, quantos crucifixos, quantos dentes? Quanta culpa acumulada naquela peça fundida e moldada às escondidas em casa?

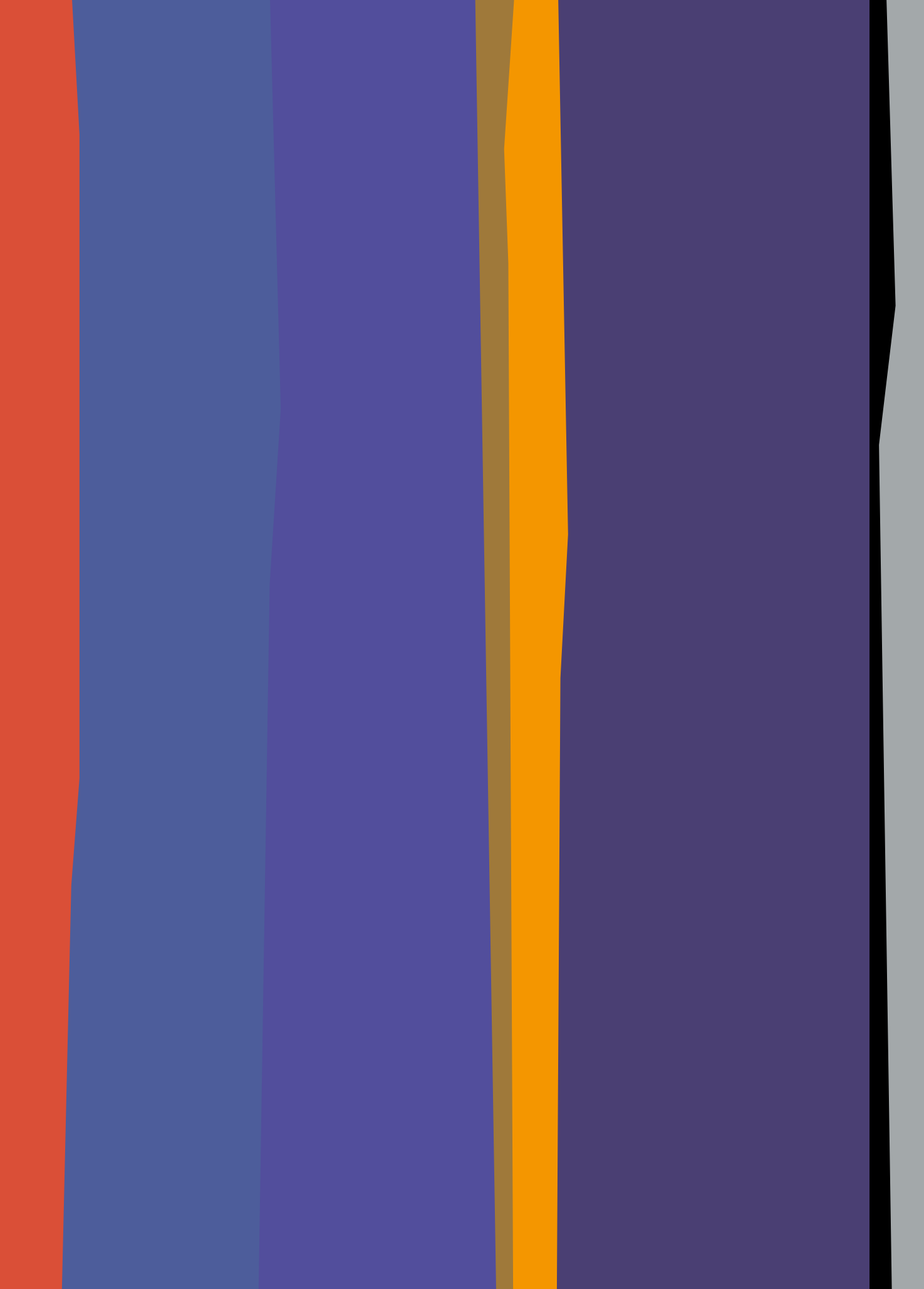
Sentiu na mão um saco de plástico verde com uma massa negra disforme lá dentro e percebeu que a exumação estava terminada. Deixara-se dominar de novo pela inércia... Não se lembrava de ter visto os ossos, não se lembrava de ter caminhado até aos gavetões, não se lembrava de ter pedido que nada mais lá constasse senão números administrativos, sem importância, embora soubesse que nem tão cedo o anonimato estaria garantido naquela aldeia — nem as velhas campas rasas votadas ao abandono o tinham conseguido, nem os novos gavetões brancos com uns dígitos quaisquer o conseguiriam. O minimalismo não era solução para a proscricção. O grito “Ladrões!” parecia querer propagar-se para sempre, como um eco num infundável ricochete contra as paredes da cordilheira.

Temeu ter contraído uma febre qualquer por ter estado sob o sol calcinante. Pensou que a fome poderia também ser a causa daquele mal estar. Ou a sede. Sentiu nas têmporas cada passo marcado pelo seus tacões nos paralelos da rua a caminho da casa. Rodou a chave na fechadura, num gesto instintivo de rotinas antigas. Abriu a porta e deixou que o odor familiar — teimosamente agarrado a cada parede, a cada farrapo e a cada objecto decrepito — a guiasse até à cozinha onde pousou o saco de plástico sobre a bancada. Abriu-o e reconheceu, como se o tivesse visto na véspera, o casaco de malha que a mãe tinha vestido no último dia da sua vida. Estava intacto. E nessa sua inteireza depois de tantos anos soterrada, a peça de roupa conferiu-lhe uma réstia de energia, um pouco de discernimento, alguma coragem.

Num dos armários encontrou um alguidar de barro. Entalou-o entre o braço esquerdo e a cintura e caminhou até ao chafariz comunitário. Sentiu cada par de olhos cravados nas suas costas como agulhas. O silêncio no lugar era tão funesto quanto o silêncio dos túmulos abertos umas horas antes. Encheu o recipiente com água fresca, pôs as mãos em concha e bebeu, voltou para a casa, lavou o casaco com parcimónia e pô-lo a secar no parapeito de uma janela virada a poente.

Uma hora depois saiu para a rua com o casaco vestido. Fechou a porta da casa à chave sabendo que nunca mais lá voltaria. Ao tomar o caminho para a estrada de acesso à aldeia onde tinha deixado o carro, uma pedra veio bater-lhe no tornozelo direito. Imaginou uma mão mais fraca, um braço mais mirrado, uns olhos com cataratas a apontar à sua cabeça e a falhar o alvo. A dor obrigou-a a parar e a contemplar a ferida. Olhou sem aflição, sem surpresa, sem revolta para o sangue que escorria pelo sapato até ao chão. Sentia-se agora na plena posse das suas faculdades. Constatou que o seu sangue se juntara finalmente ao sangue dos pais linchados ali mesmo. Ergueu a cabeça, despediu-se da vergonha que não era a sua, uma vergonha herdada do pai coveiro e da mãe cúmplice, e seguiu em frente.

Portimão, Dezembro de 2021



Piscinas a trocos

Uma década já lá vai. Uma década com cada ruga cinzelada no osso. Lembro-me do primeiro dia. Perdido e acanhado, às voltas como um cão que procura a cauda, a tentar encontrar o seu espaço, a ser acochado pelos outros. Noite invernosa, todos tentam um lugar sobre as grelhas de ventilação da padaria, só ali se consegue resistir. Se já se conhecerem, acontece, por vezes, ser à vez. Mas só muito de vez em quando. É preciso estar bem para ceder o escasso perímetro.

Bonito, bem vestido, calças caqui, camisa com colarinho passado, camisola azul-escura, corta-vento de marca. Tênis da moda. Cabelo negro, lustroso, cuidado, a dar para o comprido. Não mais de 22 anos, um pouco mais do que os do meu filho agora. Petrifiquei-me. Vi o Miguel no primeiro dia em que se tornou sem abrigo. Por opção. Saiu de casa dos pais. Por opção. Recusou ajuda. Por opção. Isto já são coisas que fui sabendo.

Já lá vai uma década. Aparenta ter 60. Um monumento à resistência humana. Um juramento ao limite de todos os possíveis. Carcome-se, encova-se, encarde-se, está irreconhecível. Inidentificável. Mas sempre eloquente, e, nos dias bons, continua cavalheiro. Nos dias bons.

Abriga-se agora no poço de um elevador desactivado paredes-meias com uma loja dos chineses. Antes, vi-o numa tenda toda desconjuntada no cimo de uma lixeira a céu aberto num terreno baldio. Nunca se deixou caído pelo chão, pelo menos que alguém tivesse visto.

Há um episódio que me custa contar, porque revelou algo em mim que desconhecia: rancor. Quase todos os dias lhe dou moedas, tento sempre que seja uma unidade redonda, um euro, dois euros. Mas quando calha não ter, ofereço o que há. Naquele dia, acabara de vir das compras, dois sacos com iogurtes, arroz, azeite, latas de atum, cereais, legumes, carne do talho, fruta. O normal. O Miguel aproximou-se a passos largos quase de corrida, focadíssimo, como habitual, com aquela visão periscópica que eu tanto desejava ter, e pediu uns trocos. Vi logo que estava num dia mau. Impaciente, foi brusco. Ele, logo ele, quase sempre tão cordial. Chovia. Segurei-o pelo braço para nos abrigarmos. De carteira vazia, estendi-lhe um cacho de bananas. Enraivecido, atirou-o ao chão, e espezinhou-o. Não consegui perdoá-lo. E ele percebeu. Firmou-se ali um acordo tácito. Durante um ano não nos aproximamos.

Há algo de muito singular nele. Perdeu todos os traços identificativos debaixo de camadas de negritude, de sujidade, imundamente entapado, escanzelado até à medula,

mas os olhos, a candura com que me olha, sem nunca se diminuir. Há uma altivez distinta no Miguel. Nunca o vi a suplicar. Pede, até pode insistir, mas à menor recusa, avança na marcha, faz piscinas a mil, percorre avenidas como um Fittipaldi. De início, insisti com sopa, com uma sandes, um bolo, mas deixei-me de hipocrisias. O que o Miguel quer — e precisa — é tão legítimo quanto a fome que lhe queria matar à força.

A cada dia, avisto cada vez mais Miguéis. Sentados nas escadarias de igrejas, em bancos de jardins com nomes apalaçados, à entrada de condomínios em zonas nobres da cidade. Miguéis, outrora fortalezas de tenacidade, latejantemente a caminhar para espectros. Fica a consideração, que já é coisa maior.

Prelúdio

Quero falar de fé mas é difícil...

Para mim a fé é um mistério, uma angústia, uma pergunta que não se vai embora, uma ideia que resiste...

Nada nem ninguém pode responder a essa pergunta: Deus existe?

E eu não me resolvo. Não me resolvo a matar Deus. Devia era meter os existencialistas e os materialistas debaixo do braço e ir viver a minha vida em paz, sem Deus.

Para quê continuar a angustiar-me quando tudo me diz que é inútil... cada vez mais inútil. Cada vez sou mais incapaz de olhar para o infinito. Sou tão pequenina... Dizem-me que sou global, que posso escolher o que quiser, que aquilo que penso importa, que a felicidade está aqui ao lado à distância de um clique.

Mas enquanto me dizem isto eu vejo-nos cada vez mais indiferentes a olhar para aquele corpo bebé afogado nas margens do mediterrâneo... o corpo do bebé lambido pelas ondas do mediterrâneo não me sai da cabeça.

Estou zangada. Estamos todos zangados. Mas é uma zanga que me come por dentro. Se calhar é irritação, não é raiva. Ou como diz a Mãe Coragem ao soldado que quer fazer uma reclamação: “se a tua raiva fosse daquelas que duram, eu mesma te instigava, mas não, a tua raiva é passageira e já está a passar. Não tenhas vergonha de mim, eu sou como tu — eles levaram-nos tudo”. Eles levaram-nos tudo...

Andamos nestas raivinhas passageiras a insultar pessoas pela internet, a indignar-nos e a assinar petições. Um engano, um engano, um engano...

Entretanto já não sabemos falar com outra pessoa, olhos nos olhos... não conseguimos compreender que para haver realmente espaço para todos temos de ser nós os primeiros a ceder espaço... não sabemos esperar por uma coisa que não aconteça AGORA... não sabemos existir sem nos atafulharmos de estímulos, confirmações, distrações...

A arte é moda. A cultura é mercado. A religião é fanatismo ou motivação para outras agendas políticas, ou paliativo para desiludidos e desencantados. O conhecimento é relativo. A política é jogos de bastidores, compromissos e mãos sujas. Atrás de tudo isto, o capital, naturalmente.

A onda do cinismo é pujante e apazigua a minha necessidade de culpados, de julgar, de descarregar as minhas frustrações. Como um dique que rebenta e solta uma enorme massa de água que leva tudo à frente. É tentadora, e como ainda não me rendi completamente, ela volta praticamente todos os dias a lamber-me os pés e a recordar-me que se quiser é só deixar-me levar por ela.

Mas o corpo do bebé morto lambido pelas águas do mediterrâneo volta a pairar na minha frente. E não há cinismo que sobreviva a esta imagem. Pouco sobrevive a esta imagem. Aquilo que sobrevive a esta imagem, no fim de tudo, são as lágrimas. As lágrimas são aquilo que não me deixa matar Deus. Primeira razão. Primeira grande razão. Enquanto houver lágrimas destas talvez possa haver Deus. Prefiro essa torrente de águas salgadas. Essa que não leva nada à frente, não rebenta com nada, não é demolidora. Mas corre, escorre, sem sentido, sem motivo, sem propósito, sem resolver absolutamente nada.

Estas mesmas lágrimas poderiam ser o motivo para fazer exactamente o contrário: matar Deus. Matá-lo com raiva! Esfrangalhá-lo! Trucidá-lo! Afogá-lo! Queimá-lo! Gaseá-lo! Matá-lo de fome, matá-lo de trabalho, matá-lo de desespero. Mas depois de o matar destas formas todas vejo que as lágrimas ainda lá estão. As lágrimas pelo corpo do bebé morto na rebentação das ondas não secaram.

Enquanto elas não secarem talvez valha a pena pensar em Deus, escrever poesia, fazer arte...



Luís vai ter com Leonor e ficam os dois a olhar lá para fora perto um do outro
Pois mas que horários Marco nesta puta de vida que um gajo leva quando é que um
gajo tem horários eu já acordo atrasado eu acordo de manhã e tenho quarenta
mails na caixa de entrada e não sei quantas notificações a pedir respostas
foda-se um gajo nem tem tempo para sonhar Marco aquela altura em que nós
passávamos semanas a fazer noitadas e a falar do futuro e da utopia que um gajo
dizia que ia criar e parecia que o tempo era nosso aliás o tempo era só nosso o
tempo era uma coisa que ainda não tinha chegado era uma coisa que ainda
estava por vir esse tempo veio arrasou destruiu e acabou e agora o tempo já
está lá atrás agora já não há tempo por vir o tempo já passou e acabou Marco
acabou e agora é só isto que nos resta é andar na puta da trela do tempo

Leonor encosta a cabeça ao ombro de Luís

Pois mas agora chegou a minha vez pá chegou a minha vez de ser egoísta

Aprendi contigo

É para veres a consideração que eu tenho por ti

Até na merda do egoísmo tenho consideração por ti

Leonor apoia-se em Luís para lhe segredar ao ouvido, puxando por ele, tentando
convencê-lo a desligar a chamada, mas Luís resiste

Eu sempre fui teu amigo caralho tu é que fizeste merda e depois desapareceste por
isso não me venhas agora dizer que queres vir aqui como se não fosse nada e
volta tudo a ser como era dantes porque as coisas agora já não são como eram
dantes percebes as coisas mudaram muito

Luís e Leonor olham um para o outro por alguns instantes

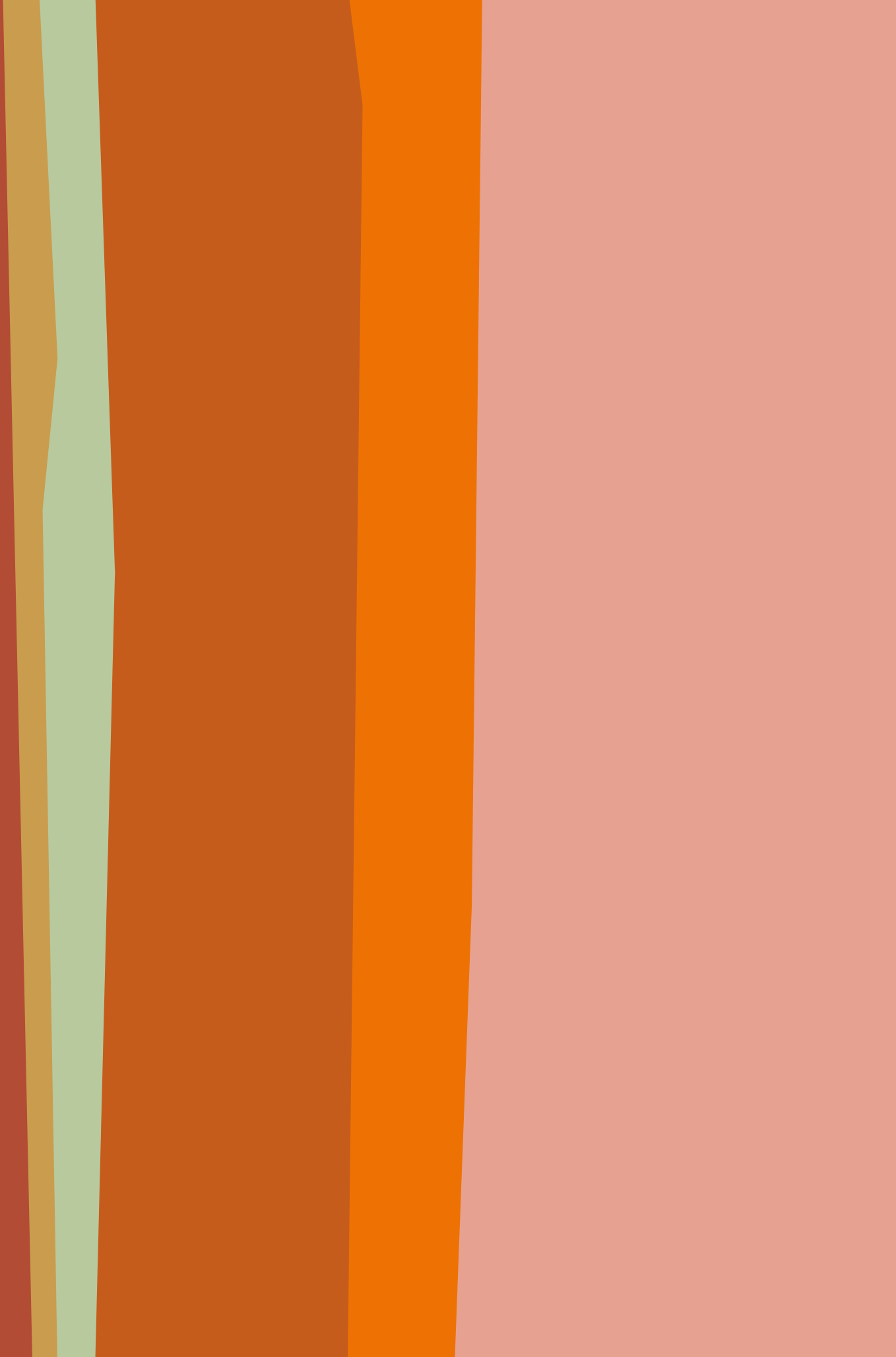
Simplesmente mudaram

Todo océano

Todo océano. Somos todo océano. Sangue océano. Corpo océano. Mirada océano. Pensamento océano. Memoria océano. Desde este lugar do océano podo ver. A cantidade de corpos que tiveron que morrer para chegar ao este corpo. A cantidade de voces que tiveron que morrer para chegar a esta voz. A cantidade de soños que tiveron que activarse para chegar a este pensamento. Desde este lugar perdido do océano podo ver. A vida inmortal que hai en cada vida. A historia inmortal que hai en cada historia. Os silencios que hai en cada silencio. Desde este lugar consigo ver. Un corpo en min que aínda non recoñezo. Unha memoria en min que aínda non recoñezo. Unha voz en min que aínda non recoñezo. Un silencio en min que aínda non recoñezo. Un rumbo en min que aínda non recoñezo. Un destino en min que tamén é o meu.

Tudo oceano

Tudo oceano. Somos tudo oceano. Sangue oceano. Corpo oceano. Olhar oceano. Pensamento oceano. Memória oceano. Deste lugar do oceano consigo ver. A quantidade de corpos que tiveram de morrer para chegar a este corpo. A quantidade de vozes que tiveram de se ouvir para chegar a esta voz. A quantidade de sonhos que tiveram de se ativar para chegar a este pensamento. Deste lugar perdido do oceano consigo ver. A vida imortal que há em cada vida. A história imortal que há em cada história. Os silêncios que há em cada silêncio. Deste lugar consigo ver. Um corpo em mim que ainda não reconheço. Uma memória em mim que ainda não reconheço. Uma voz em mim que ainda não reconheço. Um silêncio em mim que ainda não reconheço. Um rumo em mim que ainda não reconheço. Um destino em mim que também é o meu.



Um homem esfomeado traz um animal na barriga que rosna como uma máquina.

 Não um animal de estimação, antes uma fera.

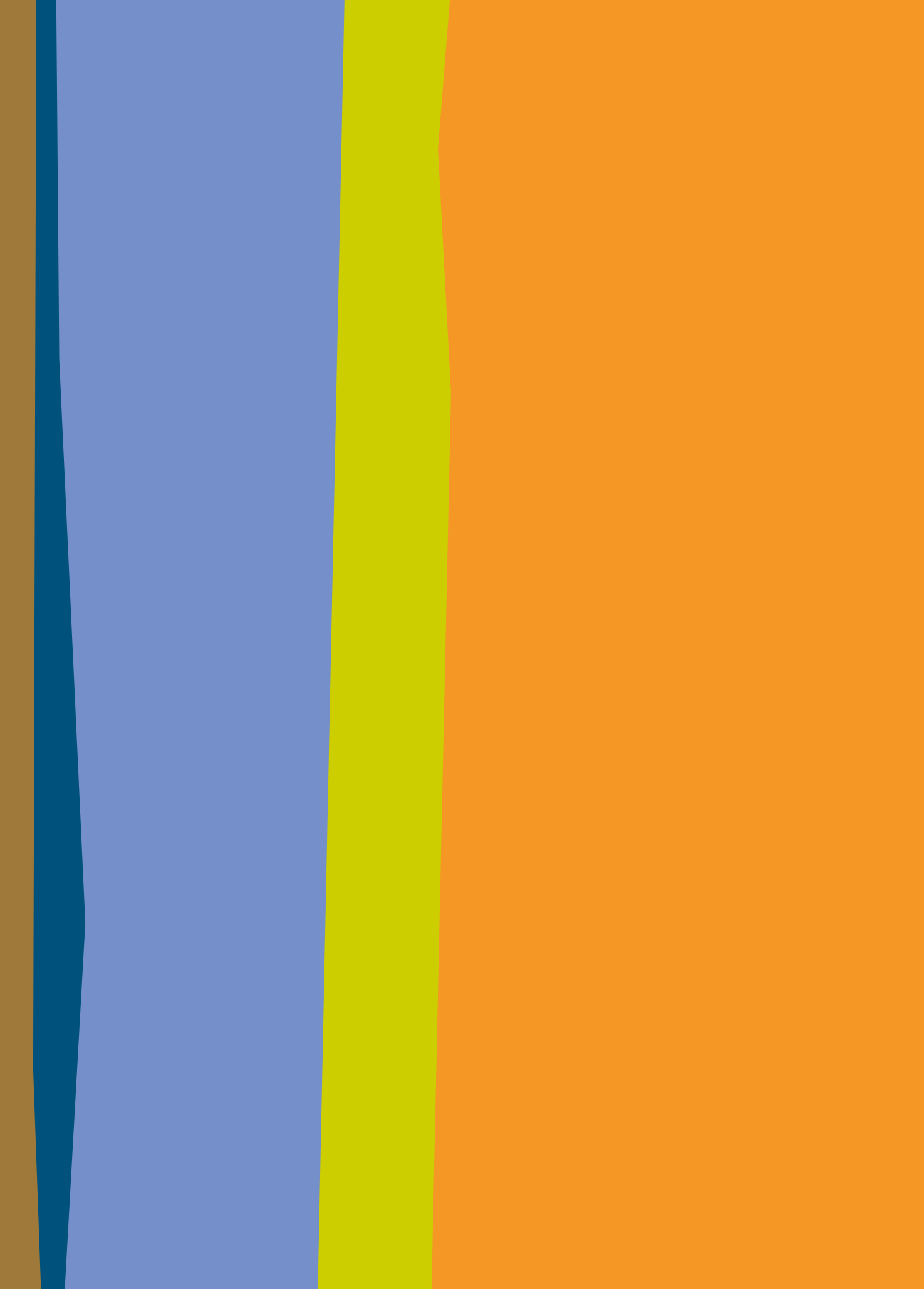
Um homem esfomeado é um domador de feras.

Ao lado dos transeuntes, todavia, um homem esfomeado transforma-se num trapezista
 que caminha com um par de pernas vacilantes pela fome e pelas ruas fora.

Os seus bolsos são de um mágico. Estão vazios, mas de dentro sai tudo e mais
 alguma coisa.

Um homem esfomeado é um palhaço. Cujo nariz toma a forma de uma batata, quando
 vê os outros comerem batatas e afins.

Por conseguinte, um homem esfomeado é um circo ambulante e indigente.





A B E L N E V E S

Abel Neves nasceu em Montalegre, em 1956. Vive em Montalegre.
(*Texto escrito com a grafia anterior ao novo Acordo Ortográfico.*)

A D E L I C E S O U Z A

Adelice Souza nasceu em Castro Alves, Bahia, em 1973. Vive na Vila Irineu Serra, em Rio Branco, no Acre.
(*Trecho extraído do conto O sal, de Feito Bicho, coleção 12catorze, Edições Húmus, julho 2021.*)

A D E L I N O Í N S U A

Adelino Ínsua nasceu no Porto, em 1956. Vive em Guimarães.
(*de Bestiário Íntimo.*)

A D Í L I A C É S A R

Adília César nasceu em Lagos, em 1959. Vive em Faro.
(*Cinco poemas do livro Nocturna, coleção 12catorze, Edições Húmus, abril 2022.*)

A I M A R L A B A K I

Aimar Labaki nasceu em São Paulo, Brasil, em 1960. Vive em São Paulo.

A L B E R T O P E R E I R A

Alberto Pereira nasceu em Lisboa, em 1970. Vive em Lisboa.

A L B E R T O S E R R A

Alberto Serra nasceu em Barcelos, em 1957. Vive em Esposende.
(*Texto inédito.*)

A L E X A N D R A S O A R E S R O D R I G U E S

Alexandra Soares Rodrigues nasceu em Mirandela, em 1974.
Vive em Bragança.

A N A C L Á U D I A S A N T O S

Ana Cláudia Santos nasceu em Lisboa, em 1984. Vive em Lisboa.

A N A M A F A L D A L E I T E

Ana Mafalda Leite nasceu em Aveiro, em 1956. Vive em Lisboa.

A N A M E N D E S

Ana Mendes nasceu em Tomar, em 1973. Vive em Londres e Estocolmo.

ANDREA BARRIOS

Andrea Barrios nasceu em Porto Alegre, Brasil, em 1976.
Vive em Porto Alegre.

ANTÓNIO CABRITA

António Cabrita nasceu em Almada, em 1959. Vive em Maputo,
Moçambique.

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

António Cândido Franco nasceu em Lisboa, em 1956. Vive em Évora.

ANTÓNIO CANTEIRO

António Canteiro nasceu em S. Caetano, Cantanhede, em 1964.
Vive em Febres.
(Poema Gândara publicado em Não Fosse o Tumulto de um Corpo, coleção 12catorze, Edições Húmus, outubro 2021; Poema sem título publicado em Na Luz das Janelas Pestanejam as Sombras, coleção 12catorze, Edições Húmus, abril 2021)

ANTÓNIO CARLOS CORTEZ

António Carlos Cortez nasceu em Lisboa, em 1976. Vive em Lisboa.
(Retirado do livro Skin Deep, coleção 12catorze, Edições Húmus, março 2021.)

ANTÓNIO FERRA

António Ferra nasceu no Porto, em 1947. Vive em Lisboa.

ANTÓNIO FOJO

António Fojo nasceu em Viseu, em 1993. Vive em Viseu.

ANTÓNIO TAVARES

António Tavares nasceu no Lobito, Angola, em 1960.
Vive na Figueira da Foz.

ASSUNÇÃO VARELA

Assunção Varela nasceu no Funchal, em 1995. Vive no Funchal.

AURELINO COSTA

Aurelino Costa nasceu em Argivai, em 1956. Vive em Argivai,
Póvoa de Varzim.
(Texto inédito)

CALEB BENJAMIN

Caleb Benjamin nasceu em Pernambuco, em 1953. Vive em Pernambuco.

CARLOS ALBERTO MACHADO

Carlos Alberto Machado nasceu em Lisboa, em 1954.
Vive em Lajes do Pico.
(Dois poemas do livro Fugor, coleção 12catorze, Edições Húmus, outubro 2022.)

CARLOS NUNO GRANJA

Carlos Nuno Granja nasceu em Ovar, em 1975. Vive em Ovar.

CARLOS QUIROGA

Carlos Quiroga nasceu em Escairón (O Saviñao), Espanha, em 1961.
Vive em Santiago de Compostela.

CASIMIRO DE BRITO

Casimiro de Brito nasceu em Loulé, em 1938. Vive em Loulé.

DIMÍTER ÁNGUELOV

Dimíter Ánguelov nasceu na Bulgária, em 1945. Vive em Portugal.
(Alguns aforismos não publicados do livro Coleção de penas. Texto escrito com a grafia anterior ao novo Acordo Ortográfico.)

DORA GAGO

Dora Gago nasceu em São Brás de Alportel, em 1072. Vive em Macau.
(Crónica extraída de Palavras Nómadas, coleção 12catorze, Edições Húmus, fevereiro de 2023.)

FERNANDO DA COSTA SOARES

Fernando da Costa Soares nasceu em Vila Nova de Famalicão, em 1937. Vive em Vilar de Mouros.

FERNANDO ESTEVES PINTO

Fernando Esteves Pinto nasceu em Cascais, em 1961. Vive em Faro.
(Quatro poemas selecionados do livro Um Estudo do Humano, coleção 12catorze, Edições Húmus, maio de 2021.)

FIRMINO BERNARDO

Firmino Bernardo nasceu em Leiria, em 1976. Vive em Lisboa.
(Excerto de Teremos Sempre Tebas, coleção 12catorze, Edições Húmus, julho de 2020.)

FLOR CAMPINO

Flor Campino nasceu em Tomar, em 1934. Vive no Porto.
(*Texto retirado de Momentos e outras ficções, coleção 12catorze, Edições Húmus, junho de 2020.*)

FRANCISCO DUARTE MANGAS

Francisco Duarte Mangas nasceu em Vieira do Minho, em 1960.
Vive no Porto.

FRANCISCO LUÍS PARREIRA

Francisco Luís Parreira nasceu na Moita, em 1965. Vive na Moita.

GAËLLE ISTANBUL

Gaëlle Istanbul nasceu em Mulhouse, França, em 1972.
Vive em Lisboa.

GRAÇA VIEGAS TAVARES

Graça Viegas Tavares nasceu em Lisboa, em 1957. Vive em Lisboa.

GUILHERME LIDON GUERRA

Guilherme Lidon Guerra nasceu em Lisboa, em 2001. Vive em Belas, concelho de Sintra.
(*Poema Vertigens, publicado no livro Sombra Chama, coleção 12catorze, Edições Húmus, outubro de 2022. Poema Politikos, poema inédito.*)

HÉLDER MAGALHÃES

Hélder Magalhães nasceu em Guimarães, em 1982. Vive em Tagilde.

HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

Henrique Manuel Bento Fialho nasceu em Rio Maior, em 1974.
Vive em Caldas das Rainha.

HIRONDINA JOSHUA

Hirondina Joshua nasceu em Maputo, Moçambique, em 1956.
Vive em Maputo.

ILDA HOPP

Ilda Hopp nasceu em Lisboa, em 1954. Vive em Azeitão.
(*Na ponte é um poema inédito. O tempo e a rosa pertence ao livro Por dizer, coleção 12catorze, Edições Húmus, janeiro de 2023.*)

INÁCIO NUNO PIGNATELLI

Inácio Nuno Pignatelli nasceu no Porto, em 1950. Vive no Porto.

ISABEL NOGUEIRA

Isabel Nogueira nasceu em Vila Real, em 1974. Vive em Lisboa.

J. M. ALEXANDRE ALVES

J. M. Alexandre Alves nasceu em Vila Real de Santo António, em 1944. Vive em Portimão.

JACINTO LUCAS PIRES

Jacinto Lucas Pires nasceu no Porto, em 1974. Vive em Lisboa.
(*Um conto do livro Doutor Doente, coleção 12catorze, Edições Húmus, fevereiro de 2021.*)

JOÃO GESTA

João Gesta nasceu em Matosinhos, 1953. Vive em Leça do Balio.
(*Texto inédito.*)

JOÃO RASTEIRO

João Rasteiro nasceu em Coimbra, em 1956. Vive em Coimbra.
(*Texto inédito.*)

JOÃO SILVA SARAIVA

João Silva Saraiva nasceu em Lisboa, em 1950. Vive em Lisboa.

JOSÉ CAMPINHO

José Campinho nasceu em Gamil, Barcelos, em 1968.
Vive em Porto Santo.
(*Seis haikus publicados no livro Insulação, coleção 12catorze, Edições Húmus, maio de 2022.*)

JOSÉ MANUEL BARROSO

José Manuel Barroso nasceu em Lajes do Pico, Açores, em 1943.
Vive em Lisboa.

JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS

José Manuel de Vasconcelos nasceu em Lisboa, em 1949.
Vive em Lisboa.
(*Texto inédito.*)

JOSÉ MIGUEL BRAGA

José Miguel Braga nasceu em Braga, em 1957. Vive em Braga.

JOSÉ VIALE MOUTINHO

José Viale Moutinho nasceu no Funchal, em 1945. Vive no Porto.

JOSEFA DE MALTEZINHO

Josefa de Maltezinho nasceu no Porto, em 1956. Vive em Aveiro.

LEVI CONDINHO

Levi Condinho nasceu no Barrio, Alcobaca, em 1941. Vive em Lisboa.

LUÍS AMORIM DE SOUSA

Luís Amorim de Sousa nasceu em Huambo, Angola, em 1937.

Vive em Oxford.

(Texto inédito.)

LUIS CARLOS PATRAQUIM

Luis Carlos Patraquim nasceu em Lourenço Marques / Maputo, 1953.

Vive em Loures.

LUÍS SERPA

Luís Serpa nasceu em Lisboa, em 1957. Vive em Palma de Maiorca.

LUÍS VENDEIRINHO

Luís Vendeirinho nasceu em Lisboa, em 1957. Vive em Lisboa.

MARIA DO CARMO PIÇARRA

Maria do Carmo Piçarra nasceu em Moura, em 1970. Vive em Lisboa.

(Uma versão do texto foi publicada no suplemento psilon, no Público.)

MARIA JOÃO CANTINHO

Maria João Cantinho nasceu em Lisboa, em 1963. Vive em Lisboa.

(Dois poemas inéditos.)

MARIA REZENDE

Maria Rezende nasceu no Rio de Janeiro, Brasil, em 1978.

Vive no Rio de Janeiro.

(Texto inédito.)

MARIA TERESA SA

Maria Teresa Sa nasceu em Lisboa, em 1958. Vive em Lisboa.

MARIO DELGADO APARN

Mario Delgado Aparn nasceu em Florida / Uruguai, 1949.

Vive em Montevideu.

MAURICIO VIEIRA

Mauricio Vieira nasceu no Brasil, em 1978. Vive em Portugal.

MELIO TINGA

Melio Tinga nasceu em Maputo, em 1994. Vive em Maputo.

MIGUEL MARQUES

Miguel Marques nasceu no Porto, em 1971. Vive em Vila do Conde.

MIGUEL MERUJE

Miguel Meruje nasceu na Quinta das Lameiras, em 1987.

Vive em Londres, Lisboa e Viseu.

MIRIAN TAVARES

Mirian Tavares nasceu em Crato (Brasil), em 1968. Vive em Faro.

NUNO DEMPSTER

Nuno Dempster nasceu em Ponta Delgada, em 1944. Vive em Viseu.

(Poemas inéditos.)

NUNO MIGUEL PROENÇA

Nuno Miguel Proença nasceu em Lisboa, em 1975. Vive em Lisboa.

(Texto extraído do livro Segunda Visão da Noite, coleção 12catorze,

Edições Húmus, dezembro de 2022.)

NUNO RIBEIRO

Nuno Ribeiro nasceu em Lisboa, em 1983. Vive em Lisboa.

PEDRO SEABRA

Pedro Seabra nasceu em Vilela, em 1997. Vive em Vilela.

(Poema extraído do livro Tinido, coleção 12catorze, Edições Húmus, junho de 2022.)

PEDRO SOBRADO

Pedro Sobrado nasceu no Porto, em 1976. Vive no Porto.

PEDRO TEIXEIRA NEVES

Pedro Teixeira Neves nasceu em 1969, em Lisboa. Vive em Lisboa.

REGINA GASPAR

Regina Gaspar nasceu em Sintra, em 1988. Vive em Sintra.

RICARDO FONSECA MOTA

Ricardo Fonseca Mota nasceu em Sintra, 1988. Vive em Sintra.

RICARDO GIL SOEIRO

Ricardo Gil Soeiro nasceu em Tabuaço, em 1981. Vive em Lisboa.
(*Texto inédito.*)

RITA PAIS

Rita Pais nasceu em Vendas Novas, Alentejo, em 1952. Vive em Queluz.
(*Texto escrito com a grafia anterior ao novo Acordo Ortográfico.*)

RONALDO CAGIANO

Ronaldo Cagiano nasceu em Cataguases, Brasil, em 1961.
Vive em Lisboa.
(*Texto inédito.*)

RUI TEIXEIRA MOTTA

Rui Teixeira Motta nasceu em Lisboa, em 1955. Vive em Lisboa.
(*Poema extraído do livro o que nunca foi sempre, coleção 12catorze, Edições Húmus, maio de 2022.*)

RUI XEREZ DE SOUSA

Rui Xerez de Sousa nasceu em Évora, em 1979. Vive em Évora.

SANDRA BARÃO NOBRE

Sandra Barão Nobre nasceu em França, em 1972. Vive em Matosinhos.

SANDRA GONÇALVES

Sandra Gonçalves nasceu em Maputo (Moçambique), em 1976.
Vive em Almada.

SÓNIA BARBOSA

Sónia Barbosa nasceu em Barcelos, em 1976. Vive em Viseu.
(*Excerto da peça Aleksei ou a Fé do livro Trilogia Karamázov, coleção 12catorze, Edições Húmus, outubro de 2022.*)

TIAGO CORREIA

Tiago Correia nasceu em Tomar, em 1987. Vive no Porto.
(*Excerto do livro Estrada de Terra, coleção 12catorze, Edições Húmus, fevereiro de 2022.*)

VANESA MARTINEZ SOTELO

Vanessa Martinez Sotelo nasceu em Cangas, na Galiza, em 1981.
Vive entre Cangas e Vigo.
(*Tradução para português de Diana Vasconcelos. Excerto do livro Espécies Lázaro, coleção 12catorze, Edições Húmus, abril de 2022.*)

VENÂNCIO CALISTO

Venâncio Calisto nasceu em Maputo, Moçambique, em 1993.
Vive em Lisboa.
(*Excerto do livro O alguidar que chora ou a história das pedras que falam, coleção 12catorze, Edições Húmus, dezembro de 2022.*)

VITOR VICENTE

Vitor Vicente nasceu no Barreiro, em 1983. Vive em Cork.
(*Excerto do livro sobre Vivências em Barcelona, coleção 12catorze, Edições Húmus, setembro de 2021.*)



